

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

ADRIANA CONCEIÇÃO SANTOS DOS SANTOS

**AS ESCRIVÊNCIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS NO TRATO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS: PERCURSOS PARA UMA PEDAGOGIA DAS DIFERENÇAS**

Porto Alegre

2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ADRIANA CONCEIÇÃO SANTOS DOS SANTOS

**AS ESCRIVÊNCIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS NO TRATO DAS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS: PERCURSOS PARA UMA PEDAGOGIA DAS DIFERENÇAS**

Porto Alegre

2024

**AS ESCRIVÊNCIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS NO TRATO DAS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS: Percursos para uma Pedagogia das diferenças**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, para a obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientadora: Dra. Edla Eggert

Linha de Pesquisa: Teorias e Culturas em Educação

Aprovada em _____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Edla Eggert – PPGEDu/PUCRS (Orientadora)

Prof.^o Dr.^a. Lucia Maria Martins Giraffa – PPGEDu/PUCRS

_ Prof.^a Dr.^a. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva – UFSCar

Prof.^a Dr.^a Carla Meinerz – PPGEDu/UFRGS

Porto Alegre

2024

*Dedico esta tese cheia de afetividade e de histórias de mim,
para as fortes mulheres de minha vida - Vó (in memória), Mãe, Lú, Sana (in memória)
pela inspiração, pelos ensinamentos, pelo encorajamento e pela torcida.
Amo vocês para sempre e por toda a eternidade!!!*

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas nesta trajetória, contribuíram direta e indiretamente para que essa tese fosse elaborada.

Início agradecendo a Deus, aos meus orixás, por jamais me abandonar na sua proteção divina, mesmo quando por momentos de fraqueza, parecia que perdia minha fé, saibam que nunca foi real, ainda bem que não levaram a sério.

Agradeço a minha família em especial ao meu filho Matheus, por entender minhas ausências, quando por muitos momentos deixei de estar ao teu lado filho para dar conta dos compromissos da universidade ou do trabalho. Saiba que mesmo na ausência nunca te abandonei ou descuidei de ti. Te amo mais que chocolate e bem sabes o quanto gosto de chocolate. Da mesma forma agradeço meu marido Paulo, pela compreensão e respeito pelo meu desejo de seguir este caminho. Foi bem importante contar com este apoio.

Agradeço muito meu pai Luiz (em memória) e em especial a minha mãe dona Vera, por ter me concebido, por ter me ensinado a acreditar no meu potencial, por ter diuturnamente me dito que nossa família já nasceu alforriada, por seguir sendo meu porto seguro e puxando minha orelha quando, na contramão dos teus ensinamentos, permito que alguém “passe por cima de mim”, na tentativa de me diminuir ou me subjugar. E principalmente por ser constante inspiração de minha vida que transformei em potência para esta escrita.

Agradeço minhas irmãs Susana (em memória) e Luciana e meu irmão Paulo, por me tornarem sua irmã mais velha e nesta condição fazer com que eu queira sempre ser a melhor possível para ter sempre sua admiração e ser exemplo positivo, nas suas vidas.

Agradeço as professoras do PPG PUCRS, por alimentarem minha sede de conhecimento, em especial a minha orientadora professora Edla Eggert, por enxergar potência no meu processo de escrita e me guiar pelos caminhos deste doutorado.

Agradeço também às professoras do PPG UFRGS, que como aluna especial me acolheram em várias ocasiões, dividindo seus ensinamentos sem distinção, em especial a professora Carla Meinerz.

As colegas de percurso do PPG, em particular minha amiga Valesca, pelo apoio, incentivo e parceria incondicional.

A Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre e as Escolas Estaduais de Curso Normal, por fazerem dos desafios da profissão, o desejo de buscar as perguntas certas a serem feitas.

Enfim, tenho muito a agradecer por todo o caminho até aqui percorrido, pois foram estes passos que me fortaleceram para trilhar novos percursos que surgirão a partir deste.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001” (“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”) a qual, também sou grata por subsidiar uma política que viabiliza nos tornarmos pesquisadores.

RESUMO

Essa tese trata de questões que permeiam a dimensão didático-metodológica da educação das relações étnico-raciais por meio da análise de escrituras das práticas de docentes antirracistas em sua luta constante e diária contra o racismo e a discriminação racial no Brasil. As políticas de educação para as relações étnico-raciais, em especial ao povo afro-brasileiro, objetivam desconstruir conflitos étnico-raciais sobre sentimentos apreendidos de inferioridade da população negra frente à superioridade de quem é branco, e promover a igualdade de oportunidades, contribuindo para extinguir desigualdades raciais que geram exclusões educacionais. A metodologia de pesquisa de campo foi por meio de entrevista onde professoras foram convidadas a produzir suas escrituras contando as singularidades da constituição de serem docentes antirracistas na Rede Municipal de Educação de Porto Alegre. Como resultados foi aprofundado o conceito de escritura, de Conceição Evaristo (2017; 2020), como uma proposta teórico-metodológica que propiciou a (auto)escuta de experiências didático-metodológicas que, uma vez narradas e analisadas possibilitaram vislumbrar um reposicionamento conceitual produtor do que foi denominado por “pedagogia das diferenças”.

Palavras – chaves: Escritura, Pedagogia das diferenças, professoras antirracistas, práticas étnico-raciais.

ABSTRACT

This thesis project deals with an investigation about the issues that permeate the didactic-methodological dimension of the education of ethnic-racial relations through the analysis of writings of the practices of anti-racist teachers in their constant and daily struggle against racism and racial discrimination in Brazil. Education policies for ethnic-racial relations, especially Afro-Brazilians, aim to deconstruct feelings seized from inferiority and superiority among different ethnic groups and promote equal opportunities, contributing to extinguish racial inequalities that generate educational inequalities, among both existing policies and already implemented, alone are not realizing this deconstruction. The research methodology will have elements of the in-depth interview that will invite the participants to produce their writings counting the singularities of the constitution of being anti-racist teachers. As a result, the concept of writing, by Conceição Evaristo (2017, 2020), was deepened as a theoretical-methodological proposal that enabled (self)listening to didactic-methodological experiences that, once narrated and analyzed, made it possible to glimpse a conceptual repositioning the which was called “pedagogy of differences”

Keywords – keys: Writing, Pedagogy of difference, practical ethnic-racial, teachers anti-racist

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A TESE PARA RESPOSTAS QUE EU ACHAVA QUE TINHA 9

1.1.	QUESTÃO DE PESQUISA	13
1.2.	OBJETIVO GERAL	13
1.3.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
1.4.	A IMPORTÂNCIA DESSA TESE POR MEIO DA ESCRITA ESCRIVENTE	13
1.5.	ESTRUTURA DA TESE	19

2. ATRAVESSAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA FEITURA DESSA TESE

22

2.1.	AS PESQUISAS EXISTENTES SOBRE O TEMA NOS ÚLTIMOS 5 ANOS	24
2.2.	A ESCRIVÊNCIA NA INTERFACE COM A PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA	31
2.3.	O PROTAGONISMO DE AUTORAS NEGRAS NO TRATO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	33
2.3.1.	AS NARRATIVAS DE BELL HOOKS EM SUA AUTOATUALIZAÇÃO COM A PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA	33
2.3.2.	A INVENÇÃO DE PALAVRAS DE LÉLIA GONZALEZ E O SEU PROCESSO DE ENEGRECIMENTO	34
2.3.3.	O PERCURSO ANTIRRACISTA DA PROFESSORA PETRONILHA BEATRIZ GONÇALVES E SILVA ENTRE O MOVIMENTO NEGRO E A ACADEMIA	36
2.3.4.	A INCLUSÃO DA CULTURA NEGRA NO CURRÍCULO: PASSOS DA PROFESSORA VERA TRIUMPHO COMO GESTORA EDUCACIONAL	38
2.3.5.	A TRAJETÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E A LEITURA DE MUNDO DE SUAS ESCRIVÊNCIAS.....	40
2.4.1	O COLETIVO ANTIRRACISTA DE POA.....	47
2.4.2	AS ETAPAS DO PROCESSO ESCRIVENTE E AS EXPECTATIVAS PELOS DADOS OBTIDOS.....	49

3. AS NARRATIVAS ESCRIVENTES

52

3.1.	O CORPO NEGRO RESSIGNIFICADO	53
3.2.	TRANSFORMANDO DOR EM POTÊNCIA.....	61
3.3.	A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA.....	66
3.4.	SENDO NEGRA, TORNEI-ME NEGRA	74
3.5.	A FORMAÇÃO MILITANTE COMPONDO À DOCÊNCIA	78
3.6	AS TERRITORIALIDADES NEGRAS EM PROJETOS PEDAGÓGICOS	92

3.7. DO ATO DE ESCRIVER À PEDAGOGIA DAS DIFERENÇAS

103

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

111

REFERÊNCIAS

114

APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....

119

ANEXO – PARECER CONSUBSTANCIADO DA PLATAFORMA

122

INTRODUÇÃO: A TESE PARA RESPOSTAS QUE EU ACHAVA QUE TINHA

Essa tese se entrecruza com a minha própria história de vida e das várias passagens nela percorridas que fazem com que esta educadora negra e antirracista, seja a primeira protagonista das muitas escrevivências que serão descritas neste percurso, a fim de compor elementos que elucidarão a questão norteadora desta pesquisa e proporcionarão contribuições para a possibilidade de um novo percurso metodológico.

Ao propor este estudo enfrento o desafio de compreender o fazer de educadores e educadoras antirracistas, e a capacidade de construir teorias em práticas, questão esta que eu já discutia desde minha dissertação de mestrado (SANTOS, 2005, p.50) “O valor da experiência, da prática, fica evidenciado nos depoimentos dos entrevistados quando apontam as mudanças que acontecem no transcorrer da ação pedagógica ante as situações imprevistas, quando professores necessitam rever ou até improvisar. Daí decorre a construção de novos conhecimentos, novas intuições e disposições”. Há fazeres que, ao demonstrarem o seu significado, proporcionam uma aprendizagem muito mais qualitativa e carregada de significado, a ponto de o educando reconhecer em seu cotidiano o quão competente se tornou a partir da descoberta do novo conhecimento. Meu objetivo é que se entenda que tais práticas possuem fundamentos, origens e pertencimentos, que resultam na empatia, na ludicidade e na criatividade, detalhes a muito abandonado pelas práticas educativas atuais.

Mas quando o assunto é educação das relações étnico-raciais, nada é tão simples no que tange o entendimento e a compreensão em torno dos fundamentos que a compõe.

Por isto, investigar as questões que permeiam a dimensão pedagógica-metodológica da educação das relações étnico-raciais e das práticas docentes antirracistas em sua luta constante e diária contra o racismo e a discriminação racial no Brasil.

Sabe-se que toda ação pedagógica implica decisões sobre qual conhecimento ensinar, para quem e como fazê-lo. Decisões pedagógicas e curriculares não são autônomas, uma vez que a função da educação é estabelecer pontes entre estruturas de pensamento. Essas ligações se dão pela forma de transmissão do conhecimento. (CUNHA e LEITE, 1996, p18). A escola não opera no vazio, ela é a construção de vários saberes, e a questão da diversidade no currículo da educação básica é mais uma dessas construções.

Ainda que o currículo seja compreendido como seleção de conteúdos e elementos que priorizam um núcleo curricular comum, acaba não respeitando as particularidades regionais e/ou locais. Sendo assim, é importante que o currículo escolar considere a diversidade de culturas, de saberes e conhecimentos, como forma de produzir e contrapor-se ao etnocentrismo.

No entanto, mesmo tendo um artigo específico na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, nº 9394/96, normatizado por uma resolução exarada pelo Conselho Nacional de Educação, através da norma nº 001/04 e de seu parecer nº 003/04 que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais, ainda é notório e relevante a ausência da pauta das relações étnico-raciais, na maioria das escolas do País, salvo casos isolados de docentes, em sua grande maioria negra, que mesmo sozinhas, quebram paradigmas do currículo padrão desenvolvendo uma educação antirracista.

Esta percepção, surpreende, mas também inquieta, suscita questionamentos e provoca investigações, a final como poderemos ter um currículo verdadeiramente inclusivo, que considere a educação das relações étnico-raciais, com o quadro que temos na educação brasileira hoje? Esta é uma das indagações que os militantes das causas negras, vem se fazendo, assim como se perguntam porque a educação que é a resposta para tantos e todos os problemas sociais do mundo moderno, ainda não se deu conta de seu comprometimento com a justiça social entre as pessoas de etnias diferentes, nas com iguais direitos e deveres.

Nesse sentido, para a eficácia de uma educação que resulte em relações mais justas, contribuições do contexto escolar como material didático, currículo e interações sociais devem sofrer mudanças, pois esses elementos muitas vezes constituem os mecanismos intraescolares que reproduzem e veiculam ideias racistas que acabam dificultando a inclusão, permanência e sucesso de estudantes negras e negros na escola.

As políticas de educação para as relações étnico-raciais, em especial aos afro-brasileiros objetivam desconstruir sentimentos de inferioridade e superioridade entre os diferentes grupos étnicos e promover a igualdade de oportunidades, contribuindo para extinguir desigualdades raciais que geram desigualdades educacionais, entre tanto as políticas existentes e já implementada, por si só não estão dando conta desta desconstrução.

A existência de intervenção prática de docentes que de algum modo se percebem como antirracista, veem desenhando um novo cenário nesta discussão, apresentando uma saída neste hiato criado entre as políticas públicas oficiais e a realidade da implementação das mesmas no cenário educacional brasileiro.

O que não surpreende, mas traz um forte problema à tona é o fato de que se os docentes que se comprometem com uma educação antirracista e provocam o currículo para uma transformação a partir da educação das relações étnico-raciais, são perceptivelmente pessoas negras e na sua maioria mulheres, diferentemente do sistema educacional tradicional e padrão cuja a identidade visualmente se estabelece com pessoas brancas e constituída a partir de uma orientação eurocêntrica, então o processo educativo, o currículo, a escola, estão fadados a permanecer como estão? O que há no fazer e no ser de docentes negras que conseguem práticas de uma educação antirracista? Como identificar estas práticas, como reproduzi-las? É possível reproduzi-las?

São inquietações, tentando encontrar respostas nesta tese e que pretendem contribuir na reconfiguração do currículo a partir de uma proposta metodológica que institua uma pedagogia das diferenças, com este direcionamento.

Escolhi, o relato escreviente como um dos caminhos possíveis no intuito de desnudar esta questão. Nesse sentido, ao discorrer sobre minhas experiências docentes observo que Conceição Evaristo (2017; 2020) alcança para as mulheres negras um conceito importante para pensar as histórias de vida como fundantes para o debate antirracista, que são as escrevivências. É um “evocar” da noção do “lugar de fala” a partir de uma escrita embebida nesta condição de mulher negra na sociedade brasileira. É também a capacidade de se reinventar a partir da apropriação do seu percurso, pois ao contar a nossa própria história nos tornamos capazes de refletir os nossos muitos fazeres e nos refazemos enquanto narradores do nosso saber fazer.

Talvez esta seja a questão mais assertiva desta tese, ou seja, ao usar o conceito de escrevivência como ferramenta teórico-metodológica, propício que a auto escuta de vozes, se torne um instrumento que faz da experiência de vida o seu cotidiano escolar e do seu cotidiano escolar a sua vida e, portanto, neste emaranhado de narrativas, tornamo-nos capazes de vislumbrar um

reposicionamento conceitual diante de uma sociedade embranquecida e carregada de preconceito de gênero, raça e classe.

1.1. Questão de Pesquisa

No intuito de compor este cenário, dentre as muitas possibilidades de questionamento, desenvolvi uma questão de pesquisa, cuja a investigação pretende apontar para novos percursos didáticos-metodológicos, capazes de problematizar práticas voltadas às relações étnico-raciais no contexto educativo, entendendo que a escola é o local onde as indagações e perspectivas quanto a sociedade devem transitar na busca de um novo projeto de sociedade.

Assim, a questão de pesquisa é: Como docentes negras, cientes dos efeitos do racismo estrutural e da branquitude, dão-se conta por meio de suas escrituras, da produção de uma educação antirracista na reconfiguração de práticas didático-metodológicas no trato das relações étnico-raciais?

1.2. Objetivo Geral

O Objetivo Geral, analisar narrativas sobre práticas didático-metodológicas de docentes antirracistas por meio das suas escrituras no tratamento da Educação das Relações Étnico-raciais.

1.3. Objetivos específicos

- Produzir relatos didático-metodológicos de suas práticas antirracistas, por meio de escrituras.
- Identificar com as docentes participantes, indicadores didático-metodológicos na produção de práticas docentes antirracistas;

1.4. A importância dessa tese por meio da escrita escriturante

Há um ditado popular que diz “nós somos o resumo da história de nossas famílias” o qual eu concordo plenamente, pois é dali que surgem nossas primeiras lições e é para onde recorremos quando o caminho se torna árduo, em busca de forças para seguir.

Narrar minha história e a história de minha família, reflete o conceito de escritura de Conceição Evaristo, tratado por Rosângela Cruz (2017) em sua obra “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação

e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si”.

Conceição criou este termo para sua literatura, comprometida com a condição de mulher negra em uma sociedade marcada pelo preconceito: escrevivência.

A vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta, formam um binômio que se constitui a partir do próprio termo escrevivência. É nesse sentido que utilizo o conceito de Conceição Evaristo para apresentar a minha própria vida, a vida de uma mulher, assim como tantas outras que lutaram para conquistar o que, em razão do preconceito, custou muito a ser alcançado, mas que ainda assim se fez forte e potente, para seguir na caminhada.

Assim é minha história, assim é minha família. Minha mãe Vera, meu pai Luiz (falecido em 2019), meus irmãos Luciana, Paulo e Susana (falecida em 2021, vítima da pandemia da COVID19¹), um núcleo negro que é a minha fortaleza, que traz presente no DNA toda força e fé oriundas de nossos ancestrais. Ali brigamos, brincamos, choramos, rimos, discordamos, aceitamos ... como em qualquer família normal, e certamente, eu não seria quem sou se não fosse esta família, uma família negra do século 20, que mesmo diante de carências econômicas e de injustiças sociais, não se permitiu vitimizar-se por estas condições. Meus pais, mas principalmente minha mãe, nunca permitiu que deixássemos de nos orgulhar de quem somos, de onde viemos e nunca permitiu também que baixássemos a cabeça, com se fôssemos menos ou devêssemos algo, ela sempre diz “ já nascemos alforriados, nunca esqueçam disto”.

Na obra *Becos da Memória* (2017), Conceição Evaristo reflete que, em uma escrevivência “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas”. Isso se dá em um processo em que a autora se coloca no espaço aberto entre a invenção e o fato, utilizando-se dessa profundidade para construir

¹ A **COVID-19** é uma doença causada pelo coronavírus **SARS-CoV-2**, Na tentativa de reduzir o número de infectados a OMS divulga diretrizes sanitárias de prevenção e tratamento da doença, alterando a dinâmica da vida de todas as pessoas no planeta, mas nada nos preparou para o horror que foi vivido nos últimos dois anos. O recolhimento e distanciamento forçado entre familiares, amigos, etc. As aulas não presenciais que acabou por distanciar ainda mais o abismo existente entre a escola pública do estudante periférico e a escola privada do estudante de classe alta dos grandes centros. Mas o mais cruel de tudo isto foi a política negacionista e genocida que retardou a compra e a incursão da vacina em nosso País, ceifando a vida de milhares de pessoas.

uma narrativa singular, mas que aponta para uma coletividade. Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas.

Foi neste clima de um pai metalúrgico e de uma mãe empregada doméstica, que me criei, com toda boa educação que uma família matriarcal poderia me dar. Esta é a minha escrevivência, amor, força, perseverança, autoconfiança sempre foram palavras de ordem no meu lar, como resposta a tanta motivação, eu não poderia ser diferente, fui uma criança muito feliz na minha infância, muito rica (não de dinheiro, pois éramos muito pobres), mas foi a melhor infância que alguém poderia ter, nem sei explicar como amei minha infância e do quanto sinto falta de tantas aventuras, travessuras e gostosuras vividas. Me tornei uma aluna exemplar pois achei que esta seria a melhor forma de agradecer todo esforço e dedicação de meus pais em nos dar uma boa educação. Deste tempo de pré-adolescente em diante, eu nem sabia, mas crescia em mim muito forte, esta inconformidade e inquietude que não me permite ver as injustiças cotidianas e não fazer nada para transformar, mesmo que fosse por um pequeno gesto.

Aos 14 anos, decidi que minha arma de luta seria a educação, desde então, faço de meu trabalho como educadora e posteriormente supervisora, um instrumento de transformação, de empoderamento, de alimentador de sonhos. Escolhi trabalhar com educação pública e não me arrependo.

A história que virá a seguir trata da minha trajetória profissional e das ações que tomei com base em minhas convicções pessoais.

Comecei a trabalhar como professora aos 16 anos, ao final do Ensino Médio, como estagiária do Curso de Magistério (hoje chamado de curso Normal), logo que concluí o magistério já ingressei na universidade (curso de Pedagogia), após três anos lecionando na rede pública municipal de Gravataí, vinha desempenhando um bom trabalho, no entanto sabia que podia fazer melhor, sempre se pode fazer melhor.

Sempre acreditei que quando unimos valores individuais em prol de construções coletivas, estas funcionam melhor que as ações individuais, assim eu e as colegas da Escola Municipal João Paulo II, ajudávamos umas às outras,

mas sentíamos a falta de uma orientação mais sistemática, que nos fizesse ver e refletir sobre coisas que não percebíamos ou sobre as quais não sabíamos como interferir. Acreditávamos ser este o papel da supervisora pedagógica que tínhamos na escola, porém nada acontecia, e assim foi por mais três longos anos.

Essa experiência, ajudou a definir a habilitação pelo qual optei no curso de Pedagogia - Supervisão Escolar e, principalmente, definir que tipo de supervisora pretendia ser.

Dois anos após ter concluído a graduação, iniciei no trabalho para o qual havia me preparado: assumi a Supervisão Escolar na rede pública municipal de Cachoeirinha, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes.

No início atuei com cautela, pois não tinha experiência na função e atuar com um grupo tão grande de professores, não era simples como imaginava, do ponto de vista de lidar com as diferenças culturais, de interesses e, principalmente, com tanta diversidade de práticas pedagógicas. Além do que, ter uma supervisora negra, no comando do processo pedagógico, causou estranheza, pelo menos no início, pois já tinham uma vice-diretora negra, mas uma supervisora pareceu ser um lugar de maior relevância pois dali seria ditado as regras da linha pedagógica que a escola iria tomar.

Percebi que o grupo tinha potencial, mas estavam um pouco desorientados quanto ao seu fazer. Aqui marco uma segunda experiência na trajetória que venho fazendo.

Sabia que inicialmente precisava demonstrar ao grupo que poderia confiar em mim e que minha negritude não fazia de mim menos competente, muito pelo contrário, mas não sabia bem como. Segui o raciocínio do ponto de vista da professora que eu também era pensando: o que espero que uma supervisora faça no sentido de qualificar a ação docente? Foi nesta diretriz que organizei a ação pedagógica da escola, incentivando o grupo a perceber, por eles mesmos, as lacunas do seu fazer, buscar por si mesmo meios para transpor barreiras. Fazíamos reuniões pedagógicas periódicas onde, a partir das discussões e problemáticas do dia a dia, preparava estudos e referenciais teóricos como suporte para que o grupo chegasse às suas próprias conclusões. Como nos diz Fernando Hernández, "Os professores consideram que deve haver um profissional externo que articule todos os aspectos gerados por uma inovação, que traga referências teóricas, que estabeleça novas propostas concretas na

prática e que, principalmente, proporcione elementos de análise para dar continuidade à reflexão dos docentes." (2000, p.183)

Esta experiência, me mostrou que o trabalho de supervisão é a articulação do conhecimento que emerge das falas docentes e retornar ao grupo este conhecimento, fazendo as colocações que o grupo não faz. Já cursando pós-graduação em Metodologia do Ensino, esta ação profissional me impulsionava a buscar mais e mais referenciais teóricos, buscar novas experiências, estar sempre com a curiosidade aguçada, como nos ensina Paulo Freire, " O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente ' perseguidora' do seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se 'rigoriza' tanto mais epistemológica ela vai se tornando". (FREIRE,1996, p.97)

Quando a professora Antônia Medina², a convite da Secretaria Municipal de Educação, desenvolveu uma pesquisa que relacionava, inicialmente a supervisora escolar, e, mais tarde, a especialista em educação, como parceira da professora e professor regentes de classe, reafirmou-se as certezas que eu tinha na época impulsionando ainda mais meu modo de agir, buscando ser parceira do grupo de professores e incentivando-os a agir refletindo constantemente sobre sua prática.

Posterior a estas experiências achei que estava pronta para "alçar voos" mais altos, assim quando veio o convite para ser assessora pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, não titubeei, aceitei imediatamente, queria aprender mais e dividir com mais docentes minhas aprendizagens, Nesta ocasião, incentivada por um amigo prestei prova para a seleção de Mestrado, no PPG da PUCRS, passei na prova e fui selecionada, tive a honra de ser orientada pela professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Em minha dissertação resolvi analisar a experiência vivida junto à colegas da EMEF Tiradentes e o quanto aquelas aprendizagens mudaram minha vida profissional e a forma de me relacionar com a gestão de ensino.

Numa dessas coincidências da vida, no dia em que defendi minha dissertação à banca de professores, também conheci aquela que seria minha nova Secretária de Educação no município de Porto Alegre, a professora Marilu

² A professora Antônia Medina foi convidada a assessorar a pesquisa em questão, baseada no trabalho de pesquisa que realizou, com Supervisores da Rede Municipal de Porto Alegre, no ano de 1995.

Fontoura de Medeiros. Nos cumprimentamos, me apresentei e ela também, trocamos algumas poucas palavras, pois ela era parte de outra banca, mas as palavras que ela disse me foram extremamente confortadoras e animadoras, pois eu estava bastante nervosa. Tempos depois nos reencontramos na Secretaria e ela lembrou-se de mim e eu naturalmente dela. Foi neste momento da composição da equipe na SMED que a terceira grande experiência de minha trajetória aconteceu.

Surgiu a proposta de criar uma Assessoria Pedagógica Especial de Relações Étnicas e a professora Marilu Fontoura de Medeiros convidou-me para ficar à frente desta assessoria e criar um plano de formação que permitisse a implantação da Lei 10.639, promulgada em 2003. No início, sem ter muita consciência de minha negritude e o que significava representatividade, me questionei e questionei ela do porque eu, se era só por causa da minha cor? Ao que ela respondeu: “que sim, mas não só. Que era pela representatividade, mas acima de tudo pelo meu potencial de levar a termo a criação de uma política que necessitava urgente de alguém capaz de executá-la”.

Mais uma vez me vi impelida pelo desafio de poder criar aprendizagens a partir das práticas cotidianas, porém agora tinha um desafio maior, pois teria que fazer isto enquanto também aprendia a reconhecer a minha própria identidade negra e a história de meus antepassados africanos e afro-brasileiros.

De lá para cá, tenho transitado neste universo das transversalidades curriculares, no grande desafio de incluir temas como etnia, gênero, entre outros no currículo formal das escolas e nas vidas dos professores, para os quais tive e tenho o prazer de formar. Alguns se sentiram afetados pelo tema e se propuseram a transformar suas práticas, outros tantos, ainda não conseguiram entender o quão importante é esta revisão no currículo e a necessária transformação social que tal inclusão pode e vai provocar, o que efetivamente me deixa frustrada e com a sensação de incompletude.

Minhas inquietações e dúvidas acerca do que fazer para reverter tal situação, me trouxeram ao doutorado, e novamente ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS, mas agora não para relatar uma atuação de sucesso, e sim, para buscar respostas e ações que me desafiem a analisar práticas pedagógicas por meio de escrituras que contribuam a construir práticas antirracistas nas escolas.

Retornar à PUCRS depois de quase 15 anos que me separam do mestrado, foi desafiador, e simultaneamente foi também um “oásis” no meu deserto, pois, com o foco que precisei dedicar ao percurso que se iniciava, em plena pandemia da COVID, encontrei forças para superar a perda do meu pai e da minha irmã casula, num intervalo de tempo muito curto entre um e outro. Foi um processo bastante difícil, muito doloroso, mas com a valiosa ajuda da minha orientadora e de minhas colegas de PPG, me senti fortalecida para prosseguir.

Foram quase quatro anos de redescobrir-me, dentre as grandes passagens no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS e, preciso relatar aqui, o meu maior desafio: o de me enxergar como pesquisadora, capaz de não só, buscar respostas (ação que fiz quase toda minha vida de educadora), mas aprender a fazer perguntas que possibilitassem pistas e caminhos reflexivos e autorais. Mais do que qualquer coisa o doutorado me ensinou a prestar atenção ao percurso percorrido, a valorizá-lo mais do que necessariamente o resultado final.

Foi no percurso até aqui decorrido durante o curso de doutorado, que encontrei a inspiração necessária para avançar rumo a busca de respostas às minhas inquietações, respostas que levem para o campo educativo a transformação necessária, onde se vislumbra uma real educação antirracista, bem como tantas outras formas abusivas de tratamento humano, que categorizam e separam as pessoas só por serem diferentes.

1.5. Estrutura da tese

Para dar conta da questão proposta, organizo esta tese em quatro eixos. Desde a introdução trago os elementos que estruturam a tese, e, com base na minha escrevivência, pretendo trazer elementos para alimentar a discussão acerca da educação das relações étnico-raciais como metodologia contra o racismo. Além deste eixo, que perpassa toda a tese, apresento os demais quatro da seguinte forma: No segundo capítulo apresento o eixo conceitual, que aqui denomino de “Atravessamentos teóricos metodológicos na feitura desta tese”, em que apresento o quadro de teses e dissertações sobre o tema, que me ajudaram a ampliar os argumentos teóricos e que justificam a importância do tema; assim como discuto a estratégia da escrita por meio das escrevivências de docentes antirracistas, em busca de uma pedagogia das diferenças. A

escrevivência, de Conceição Evaristo, articulará os termos, escrever, ver e viver, como um elemento permanente no percurso investigativo, e que também possui interfaces com a pesquisa autobiográfica. Apresento também, algumas das autoras negras que considero contribuintes no construto da educação para as relações étnico-raciais, e que me inspiram e desafiam constantemente com suas escritas, para as minhas aprendizagens ainda em processo. Apresento a ideia da produção de conhecimento a partir das práticas docentes, que assumem vozes antirracistas e temáticas negras, abrindo caminho para que a escola e a educação se modifiquem como um todo, ao absorver os conhecimentos, as trajetórias de vida, as visões de mundo, as vivências e os referenciais teóricos até então desconsiderados.

No capítulo três, apresento “A escrevivência como caminho metodológico no percurso da tese”, neste capítulo explico a opção de usar a escrevivência como metodologia, bem como apresento com quem foram produzidas as narrativas escrevíveis, conteúdo para as análises desta tese.

No capítulo quatro, analiso as escrevivências docentes que protagonizarão a construção de uma pedagogia da e para a diferença. Esse quarto capítulo trará em seu conteúdo a expectativa do “por vir” da pesquisa da tese, em que me entrelaço com as escrevivências das entrevistadas. Também é nesse capítulo que trago ensaios de uma teoria que inspira e se inspira nos diferentes fazeres, nas práticas e experiências individuais, vividas e “escrevidas” por diversos docentes que decidiram que não basta apenas não ser racista, mas que é preciso ser mais: aprender diuturnamente, a ser antirracista. Serão estas escrevivências que protagonizarão a construção de uma pedagogia da e para a diferença. Portanto, me aventuro a argumentar por uma “pedagogia das diferenças, do ato de escrever a metodologia do afeto”, pautando o direito e a importância cultural das diversas identidades existentes em nossa sociedade e do quanto esta pauta permeia o modo de fazer educação no Brasil. Analiso, principalmente, o modo de fazer o currículo e as práticas metodológicas escolares.

As considerações finais, possuem a consciência de que essa tese não esgota o tema, muito pelo contrário, sinaliza o quanto ainda há por investigar, avaliar, alterar a configuração institucional escolar e o próprio sistema educativo para que a política de educação para as relações étnicas reverbere e alcance de maneira mais plena os seus propósitos, ou seja, de um ensino e de uma

educação que de fato se redesenhe constituindo uma sociedade despida de quaisquer pré-conceitos.

2. ATRAVESSAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA FEITURA DESSA TESE

Por que chamo de atravessamentos?

Porque ao tratar do tema sobre as questões das pessoas negras na educação, mexo diretamente com ações e proposições reivindicadas há muito tempo pelo movimento negro. As ações afirmativas tão reivindicadas ao longo de tantos anos de luta e clamor por ser ouvidas, finalmente se materializaram e ganharam dimensões teóricas e legais, as quais precisam ser colocadas em prática, implementadas, a fim de que, finalmente, se faça a justiça social que se espera e que se tenha o fim das desigualdades étnico-raciais em diversas esferas, principalmente na escolarização.

... a valorização da história, cultura, identidade e memória da população negra, bem como a divulgação e respeito aos processos históricos de resistência negra; implica na mudança de discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas e no questionamento das relações étnico-raciais fundadas em preconceitos e estereótipos que veiculam um falso sentimento de superioridade das pessoas brancas e de inferioridade das pessoas negras; exige a adoção de políticas educacionais e estratégias pedagógicas de valorização da diversidade. SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. RÉGIS, Kátia. MIRANDA, Shirley Aparecida de (org). Educação das relações étnico-raciais: o estado da arte. Curitiba: NEAB-UFPR e ABPN, 2018, p.22.

Ao tratar dos atravessamentos teórico-metodológicos da tese, penso em desvelar as ramificações conceituais que consistem no tema, bem como o que pensam e o que já foi escrito por pesquisadores e teóricos acerca do mesmo.

A Lei 9.394/96³, no seu artigo primeiro, ressalta que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Entretanto, esse ensino não contempla a diversidade racial, cultural e étnica que compõem o universo múltiplo existente no território brasileiro. Sabemos que ao longo dos séculos, o ensino foi pautado na cultura eurocêntrica, desprezando a cultura afro-brasileira e indígena. Jaison de Souza Silva (2006) apresenta o argumento sobre a diversidade que compõe o paradigma da

³ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

"democracia racial" implicada com uma identidade nacional de "miscigenação harmônica das três raças no Brasil." (p.30)

Apenas a partir do fim década de 70, inicialmente de forma bastante parcimoniosa, vários pesquisadores começaram a se interessar pela temática da diversidade étnica numa perspectiva diferente: investigar que fatores produziam as desigualdades econômicas e sociais entre etnias diferentes, retendo os afrodescendentes entre a população mais desfavorecida em tais aspectos (SILVA, 2006, p.31).

A escola não opera no vazio, ela é a construção de vários saberes, e a questão da diversidade cultural no currículo da educação básica é mais uma dessas construções. O currículo compreendido como seleção de conteúdos e elementos que priorizam um núcleo cultural comum, acaba não respeitando as particularidades regionais e/ou locais. É importante que o currículo escolar considere a diversidade cultural, de saberes e conhecimentos, como forma de produzir e contrapor-se ao etnocentrismo.

Sendo assim, o livro, bem como, outros tantos elementos didáticos pedagógicos, não relatam a verdadeira história do nosso país e isso acaba trazendo sérias consequências para realidade. Não é contada a história das comunidades tradicionais do nosso país, estudantes de comunidades tradicionais não veem suas histórias serem faladas nas salas de aulas⁴.

O texto legal das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, possui um conteúdo que por si só já traz elementos conceituais que corroboram com esta ideia de um currículo multicultural, cuja inclusão indenitária considera a diversidade.

A Lei 10.639/2003 pode, aos olhos de alguns estudiosos, políticos e pesquisadores, apresentar-se de forma genérica, mas o parecer CNE/CP nº 003/2004, aponta que estes princípios e seus desdobramentos mostram exigências de mudança de mentalidade, de maneiras de pensar e agir dos indivíduos em particular, assim como das instituições e de suas tradições culturais.

⁴ Durante os anos de 2008 até 2018, Realizei um trabalho que resultou em um percurso de visitas didático-pedagógicas no Município de Porto Alegre, que resultou em um livro digital, de acesso livre ver: <https://portaldobicentenario.org.br/timeline/territorios-negros-em-porto-alegre/>; Na sequência entre os anos de 2017 e 2018 participei de um projeto no governo do Estado do RS, intitulado, "Territorialidades Negras no RS" (2018). No cap.4 Dessa tese desenvolverei com detalhes por meio de uma escrivência essas duas experiências.

A Educação das relações étnico-raciais vem a ser um dos elementos estruturantes do projeto político-pedagógico das escolas. Respeitando a autonomia dos sistemas e estabelecimentos de ensino para compor os projetos pedagógicos, o currículo das escolas estaduais, municipais e particulares, devem atentar para o cumprimento das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que modificou a redação do artigo 26A da LDBEN 9694/96, bem como ter o entendimento que é imprescindível a colaboração das comunidades em que a escola está inserida e a comunicação com estudiosos e movimentos sociais para que subsidiem as discussões e construam novos saberes, atitudes, valores e posturas.

2.1. As pesquisas existentes sobre o tema nos últimos 5 anos

Para a eficácia de uma educação que resulte em relações mais justas, aspectos do contexto escolar como material didático, currículo e interações sociais devem sofrer mudanças, pois esses elementos muitas vezes constituem os mecanismos intraescolares que reproduzem e veiculam ideias racistas que acabam dificultando a inclusão, permanência e sucesso de estudantes negras e negros na escola. As políticas de educação para as relações étnico-raciais, em especial aos afro-brasileiros objetivam desconstruir sentimentos de inferioridade e superioridade entre os diferentes grupos étnicos e promover a igualdade de oportunidades, contribuindo para extinguir desigualdades raciais que geram desigualdades educacionais, entre tanto as políticas existentes e já implementadas, por si só não estão dando conta desta desconstrução.

A existência de intervenção prática de educadores que de algum modo se percebem como antirracista, veem desenhando um novo cenário nesta discussão, apresentando uma saída neste hiato criado entre as políticas públicas oficialmente criadas e a realidade da implementação das mesmas no cenário educacional brasileiro.

Ao consultar o banco de teses e dissertações da CAPES na área da Educação utilizando os termos: relações étnico-raciais, escrevivência, percurso pedagógico, pedagogia da diferença, obtive, através dos cruzamentos dos descritores, os seguintes resultados:

- Escrevivência – 35 trabalhos;
- Educação étnico-racial – 78 trabalhos;
- Percurso pedagógico – 25 trabalhos;

- Pedagogia das diferenças – 01 trabalhos;

Ao todo foram 139 trabalhos entre teses e dissertações e, neste momento realizei a leitura dos resumos dos trabalhos encontrados, para selecionar e averiguar se estão de acordo com a minha questão de pesquisa e com os objetivos do presente projeto de tese.

Após a análise criteriosa do material disponível, foram excluídos: os trabalhos, que embora trouxessem alguma referência acerca dos descritores, não correspondiam à questão de pesquisa, ficando assim, apenas 11 trabalhos selecionados entre teses e dissertações.

Abaixo segue os trabalhos selecionados e a descrição dos mesmos, através de seus resumos.

Tabela 1 – Distribuição dos estudos conforme o cruzamento dos descritores.

Bases de dados	Nº de estudos encontrados	Número de estudos pré-selecionados	Número de estudos selecionados
Relações étnico-raciais			
TESE	78	3	3
DISSERTAÇÃO	10	0	0
Escrevivência			
TESE	35	8	8
DISSERTAÇÃO	11	0	0
Percurso Pedagógico			
TESE	25	0	0
DISSERTAÇÃO	0	0	0
Pedagogia das Diferenças			
TESE	01	0	0
DISSERTAÇÃO	0	0	0
Total:	139 artigos	11 artigos	11 artigos

Quadro 1 – Distribuição das teses e dissertações utilizados de acordo com: nº, título, autores, ano, universidade e local

N.º	Título	Autores	Ano	Universidade	Local
1	Descruza os braços e gira: Saberes e	JUNIOR, Hécio Fernandes Barbosa	2019	Universidade Federal de Pelotas	Pelotas, RS

N.º	Título	Autores	Ano	Universidade	Local
	Escrevivências na Umbanda				
2	Memórias, histórias e escrevivências: a mãe em primeira pessoa	SOUZA, Flavia de Assis	2020	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro, RJ
3	Direito à memória e ancestralidade: escrevivências amefricanas de mulheres escravizadas.	BARRETTO, Gabriela de	2020	Universidade de Brasília	Brasília, DF
4	Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras na literatura brasileira contemporânea	OLIVEIRA, Calila das Mercês	2021	Universidade de Brasília	Brasília, DF
5	Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para currículos e metodologias afrorreferenciadas	MACHADO, Adilbenia Freire	2019	Universidade Federal do Ceará	Fortaleza, CE
6	Mulheres Negras Odara : corpos contadores de história	DIAS, Raquel Silveira Rita	2021	Universidade Federal do Rio Grande	Rio Grande, RS
7	O que eu mais gostei na escola foi do seu cabelo”: por uma formação docente infantil e denegrada'	LIMA, Camila Machado de	2020	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro, RJ
8	Escrevivência e Rotas de Cultura: tessituras da aprendizagem dialógica	PINHEIRO, Adalberto Vitor Raiol	2020	Universidade de São Paulo	São Paulo, SP
9	Escrevivendo-me Negra: práticas pedagógicas afrofemininas'	MELO, Cristiane Santos de	2020	Universidade Federal do Sul Da Bahia	Itabuna, BA
10	Memória dos professores negros e Negras da Unilab: Tecendo Saberes e Práxis Antirracistas'	SILVA, Maria Lucia da	2016	Universidade Nove de Julho	São Paulo, SP
11	Professoras Negras e suas autorias: Um estudo sobre a produção Acadêmica de doutoras negras em universidades públicas do RS	RODRIGUES, Élida Nobre	2022	Pontifícia Universidade Católica	Porto Alegre, RS

O primeiro trabalho destacado no quadro n.1, tem como título: Descruza os Braços e Gira: Saberes e Escrevivências na Umbanda de Hércio Fernandes Barbosa Junior. É uma tese que possui como objetivo refletir sobre a cultura umbandista enquanto um espaço de produção de saberes através das Giras de Umbanda. O caminho metodológico é inspirado na participação observante de Loïc Waquant (2002) e nos processos e escrevivências de Conceição Evaristo (2017; 2017a). A tese proposta concebe o corpo nas Giras de Umbanda é uma alegoria que possibilita acessar uma forma singular de saberes. Defende, ainda, que um possível fio narrativo de acesso para esses saberes são as memórias ancestrais individuais e coletivas que este corpo expressa e que a escrita de pesquisa, aqui inspirada na escrevivência, pode refletir.

O Segundo trabalho tem como título, “Memórias, histórias e escrevivências: a mãe em primeira pessoa”, de Flavia de Assis Souza. Trata-se de uma experiência de escrita que encarna a proposta apresentar as trajetórias das mulheres da família da autora, e por meio da escrevivência, narram suas histórias perpassadas por abuso, desamparo e pela solidão de criarem seus filhos sozinhas. Utiliza da abordagem decolonial e crítica ao modo de produzir conhecimento imposto pela ciência moderna. A ancestralidade segue como mote de inspiração para reconstruir percursos que se ligam em presente e passado, conectando vidas e experiências. E, por fim, o desenlace do empreendimento de falar de si, é o desnudamento de violências historicamente estruturadas como o machismo, sexismo, racismo e o ódio de classe.

O terceiro trabalho tem como título, “Direito à memória e ancestralidade: escrevivências amefricanas de mulheres escravizadas”, de Gabriela Barretto de Sa. É uma tese que aborda o direito à memória e ancestralidade enquanto direito fundamental capaz de orientar ações no campo da justiça histórica relativas à escravidão negra. Busca mapear a fundamentação histórica do direito à memória e ancestralidade a partir do reconhecimento de epistemologias ancestrais verificadas nas experiências de pessoas escravizadas. Diante da necessidade de politizar essas experiências decorre a opção por realizar a análise a partir da categoria escrevivência (Conceição Evaristo). Em reconhecimento à diáspora, a compreensão dos casos é realizada em diálogo com a realidade amefricana (Lélia Gonzalez).

O quarto trabalho destacado tem como título, “Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras na literatura brasileira contemporânea”,

de Calila das Mercês Oliveira. A tese, compartilha movimentos de pessoas negras, especialmente mulheres negras – escritoras, pesquisadoras e personagens – na literatura brasileira contemporânea. Tem o compromisso de trançar pensamentos com epistemes negras de teóricas/os, pesquisadoras/es e com outras/os artistas negras/os contemporâneas/os, evidenciando as interlocuções com a literatura e com demais conhecimentos. Nesse percurso, utiliza de recursos – escriturais, oralitura, biointeração, encruzilhadas, dentre outros – e possibilidades de distanciamento das amarras coloniais, optando por estratégias de reintegração de posse e de ensinamentos, assim como os movimentos de mulheres negras nos convidam a observar a circularidade e a (in)constância presentes nelas.

O quinto trabalho em destaque, tem como título, “Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para currículos e metodologias afroreferenciadas”, de Adilbenia Freire Machado. É uma tese tem o objetivo de contribuir com a descolonização do conhecimento, descolonização curricular e metodológica desde as filosofias africanas, afro-brasileiras, da ancestralidade e do encantamento crocheteada pelos saberes ancestrais femininos e sua relação com a educação. Diante da ausência de valorização epistemológica, metodológicas e curriculares numa perspectiva afroreferenciada para pesquisas em torno das africanidades, além do sexismo que inviabiliza as mulheres na construção da filosofia africana contemporânea, mesmo em culturas marcadas pelo patriarcado. As filosofias africanas são oriundas do feminino, pois a ancestralidade é feminina, assim, essas filosofias estão implicadas no retorno ao feminino como fonte principal da e para a vida.

O Sexto trabalho tem como título, “Mulheres negras odara: corpos contadores de história”, de Raquel Silveira Rita Dias. A Tese que apresenta tem como objetivo problematizar verdades que produzem/produziram corpos negros de mulheres que constituíram e constituem o Centro de Ação Social, Cultural e Educacional Odara, da cidade de Pelotas. Negras do século XXI, mostrando a partir das narrativas e experiências da Mulheres Negras Odara as metamorfoses do racismo (MBEMBE, 2017). A tese traz a discussão dos saberes sujeitados, de Michel Foucault (2010), escriturais de Conceição Evaristo (2005), e escrever como um ato de descolonização, trabalhado por Grada Kilomba (2019). Além disso, por meio das discussões elaboradas junto à ONG Odara, dialoga-se com Nilma Gomes (2019), quando aborda o Movimento Negro Educador. Com

as falas, as memórias dos corpos contadores de história e as articulações teóricas desenvolvidas nesse estudo problematiza-se o racismo nosso de cada dia, como também as resistências cotidianas. Como um modo de luta política, esse trabalho convida a um olhar com desconfiança às práticas de racismo que se configuram na atualidade, mas também convida a mirar às potências de resistência que Mulheres Negras produzem no cotidiano da vida.

O Sétimo trabalho em destaque traz o título, “O que eu mais gostei na escola foi do seu cabelo”: por uma formação docente infantil e denegrada”, de Camila Machado de Lima. Esta pesquisa convida a pensar acerca da negritude da infância e a infância da negritude como possibilidade de potencializar práticas e teorias que enegreçam a educação e a formação docente. Nesta investigação, compreende-se infância como energia vital (axé), condição humana que acompanha a vida e a coloca em constante movimento. A investigação buscou na Filosofia da Diferença, no Pensamento Decolonial, na Filosofia Afroperspectivista e nos valores civilizatórios afro-brasileiros pressupostos teóricos que alimentassem a discussão e, em especial, abarcar um território epistemológico negro. Assim, aposta na narrativa e na conversa como possibilidades formativas e de circularidade da palavra. A força da narrativa, pela palavra, e a paixão da experiência nos apresentam sentidos para pensar a inseparabilidade entre formação docente e o ato de narrar.

O Oitavo trabalho tem como título, “Escrevivência e rotas de cultura: tessituras da aprendizagem dialógica”, de Adalberto Vitor Raiol Pinheiro. O objetivo desta pesquisa é investigar uma prática pedagógica que reconheça, nas relações dialógicas, novos olhares, reflexões, troca de conhecimentos e ampliação de modos de fazer e ser dos alunos. Desse modo, utiliza as artes visuais e literária, compreendida como rota de cultura, a qual assume o papel de motivar diferentes ponderações e ações de aprendizagem por meio de três eixos: fazer, apreciar e refletir. Assim, esta pesquisa pretende trazer à luz a prática pedagógica pautada no fluxo dialógico da escrevivência, constituído de rotas de cultura, jogos teatrais e escrevivência, os quais constituem-se elementos deflagradores do processo de aprendizagem, propiciando a leitura das vivências, incentivando a investigação coletiva e agindo como síntese da aprendizagem vivenciada. Os resultados da pesquisa indicam que os sujeitos vivenciaram uma experiência educativa em arte visual e literária, compreendida neste contexto como rota de cultura, a qual possibilitou novas conexões dos participantes

consigo e com o outro, em um cenário de inter-relações constantes com a subjetividade, cultura, historicidade, conhecimento, percepção e imaginação.

O Nono trabalho destacado tem como título, “Escrevivendo-me negra: práticas pedagógicas afrofemininas” de Cristiane Santos de Melo. O objetivo desta pesquisa é formular, por meio de narrativas teórico-críticas, metodologias pedagógicas afrofemininas, pretendeu sistematizar uma série de narrativas docentes, apoiada em noções teórico-metodológicas, tais como: escrita de si, auto/biografia de formação e escrevivência, articulando de modo interdisciplinar dois campos de saber: o da Pedagogia e o do fazer-pensar literário de Conceição Evaristo. Constitui-se como uma proposta de formulação de uma metodologia pedagógica afrofeminina e antirracista para as crianças pequenas.

O décimo trabalho tem por título: Memória dos professores negros e negras da UNILAB: tecendo saberes e práxis antirracistas, de Maria Lucia da Silva (2016). Esta pesquisa investiga invisibilidade dos professores (as) negros (as) na universidade pública brasileira. Para encontrar resposta para a questão central desta pesquisa, fez-se necessário conhecer a história de vida de seis professores negros brasileiros e africanos, com objetivo de compreender a trajetória dos professores (as) negros (as) e negras, a fim de saber se essa presença ínfima é produzida pelo racismo. A luta por uma educação antirracista está entre as reivindicações dos movimentos sociais negros que culminaram e definiram os programas de ações afirmativas desenvolvidas pelo governo brasileiro, incluindo alunos, professores e instituições no âmbito da educação superior. Dar voz às demandas dos afro-brasileiros e africanos silenciadas pelo colonialismo, capitalismo e racismo, produzindo críticas ao eurocentrismo e socializando conhecimentos emancipatórios com base em epistemologias descolonizadoras.

O décimo primeiro trabalho em destaque tem como título: Professoras negras e suas autorias : um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul, de Élide Regina Nobre Rodrigues (2022). Esta pesquisa investiga como a produção científica das professoras doutoras negras, atuantes em cursos das áreas humanas, apresenta indícios da consciência da negritude por meio de elementos autobiográficos nos seus escritos. A metodologia adotada foi a autobiográfica que, aliada a escrevivência, permitiu que minha narrativa de vida também estivesse presente na pesquisa. Como uma mulher negra e professora, essas

escolhas metodológicas também atuam como uma tentativa de rompimento com paradigmas universalizantes, androcêntricos, racistas e sexistas. Assim como a decisão de priorizar autoras mulheres, especialmente as negras, para a construção do referencial teórico utilizado neste trabalho — uma vez que esse estudo surgiu a partir da constatação da invisibilidade das mulheres negras no meio acadêmico. Foi possível a construção das categorias: consciência da negritude, feminismo negro, dororidade, invisibilidade, fala/voz, resistência e combate ao racismo, que foram analisadas de acordo com o pensamento de intelectuais negras/os. Como resultado, os achados incluíram a indissociabilidade da negritude na produção acadêmica, a resistência e o combate ao racismo e a misoginia, assim como qualquer outra forma de preconceito ou discriminação.

Os onze textos acima descritos, fruto de teses e dissertações selecionados para o quadro 01, apresentam palavras chaves em comum que os conectam entre si e que principalmente que os conectam com a minha própria tese em construção. Além de trazer para o corpo deste projeto um breve resumo do conteúdo das referidas teses e dissertações, resolvi colocar em destaque as palavras chaves já mencionadas, pois considere interessante visibilizar a recorrência desta linha conceitual e discursiva que todos os trabalhos acabaram por apresentar.

Além do conceito de escrevivência, que predomina propositadamente nos trabalhos escolhidos, há outras conexões que aproximam os textos e suas intencionalidades, mesmo que os temas pelos quais eles se enredam sejam diferentes. Isto me faz refletir que minha estrutura para a construção desta tese, está num percurso adequado a um trabalho que pretende tratar de uma mudança curricular e metodológica no trato das relações raciais na escola a partir da hipótese de que as experiências de vida de docentes antirracistas, possam influenciar tais mudanças.

2.2. A escrevivência na interface com a pesquisa autobiográfica

Ao pesquisar sobre a escrevivência é possível observar que existem correlatos na área da Educação que dialogam com ela, que é a pesquisa

autobiográfica. A proposta metodológica da autobiografia é introduzida por meio de eventos científicos desde 2004⁵.

A pesquisa autobiográfica permite uma condição perene para a história narrada em que cada autora descreve sobre o seu cotidiano, recortes de suas histórias de vida, construindo sua própria narrativa.

Nessa quase infinita diversidade, os seres humanos encontram nas narrativas biográficas e autobiográficas um modo próprio de ser e de contar a história de vida de outrem (biografia) e a história de sua própria vida (autobiografia), constituindo e constituindo-se enquanto seres sociais, racionais, líricos, históricos, místicos, políticos, artísticos, místicos... (PASSEGGI & EGGERT, 2016, p.194)

Mas nem sempre foi assim, a modalidade autobiográfica, assim se constitui ao ser postulada por um “tríplice revolução” (PASSEGGI & EGGERT, 2016), revolução psicológica, revolução literária e estética e a revolução social e política.

Essa tríplice revolução abre passagem para as pessoas comuns se tornarem autores e personagens de suas histórias, nas mais diversas modalidades de narrativas autobiográficas (diários íntimos, cartas, anotações pessoais, autobiografias, projetos de vida), quer se tornem ou não obras literárias. (PASSEGGI & EGGERT, 2016, p.194)

Esta constituição permitiu e permite que as escritas pessoais, histórias de vida e relatos de experiências, representem de forma literária as diversas manifestações cotidianas. Esta forma de expressão literária denuncia e reivindica fatos que se apresentam na sociedade. A autobiografia tem por proposição se portar como um meio de empoderamento, afirmação, visibilidade de si mesma, crítica e autocrítica na sua compreensão de como é a vida.

Por isto que, diferente de outros formatos que trazem em sua estrutura uma narrativa em 3ª pessoa, este projeto é construído em 1ª pessoa, sugerindo um viés de proximidade com uma narrativa autobiográfica.

movimento de pesquisa-ação-formação, que tem como centralidade os sujeitos, suas histórias individuais, coletivas, institucionais, de formação, de inserção social, de empoderamento, através das formas como acessam suas memórias, mediadas por experiências e

⁵ Os Congressos Internacionais de Pesquisa Autobiográfica podem ser encontrados no site: https://biograph.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=40&Itemid=76 e por meio desses eventos constituiu-se a Associação <https://biograph.org.br/> e mais recentemente desde 2016, a Revista <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/issue/view/647>

narrativas sobre a vida, em suas múltiplas dimensões. (MORAES e SOUZA,2016. P.10)

A escrita autobiográfica, assim como a experiência de escrevivência aqui traçada sob o cunho de Conceição Evaristo, parte de uma escuta atenta daquilo que há de mais rico no tempo e na vida das pessoas, suas histórias de vida carregadas de teorias que se propõem a resolver questões que cotidianamente atravessam seu caminho e que lhes exigem uma tomada de atitude, muitas vezes ainda inconsciente. É na releitura de suas próprias histórias que descobrem que a singularidade de suas incursões vividas pode inspirar produções, proposições revolucionárias.

2.3. O protagonismo de autoras negras no trato da educação das relações étnico-raciais

Autoras como bell hooks, Lélia Gonzalez, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Vera Triunfo e Conceição Evaristo, constituem parte importante e fundamental da minha trajetória profissional, portanto integrar as experiências pedagógicas destas cinco grandes mulheres negras neste trabalho, significa estar coerente com o propósito desta tese. As contribuições de cada uma delas para a constituição de uma consciência antirracista na educação e particularmente na minha escrevivência, estarão transcritas, não só neste subtítulo, mas ao longo de toda a tese.

Aqui busco também apresentar minha própria interpretação do conceito de escrevivência, como uma modalidade de estudo autobiográfico, que ganha ressonância dentre quem pesquisa e enxerga na experiência de auto visitar o seu passado, a possibilidade da construção de novos percursos.

2.3.1. As narrativas de bell hooks em sua autoatualização com a pesquisa autobiográfica

“A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, ... ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade.”
bell hooks

bell hooks, pensadora negra estadunidense, intelectual ativista do pensamento feminista negro, traçou sua trajetória sobre os desafios e potências

do ato de ensinar como prática da liberdade, sobre os elos entre pedagogia crítica e o budismo engajado, entre outros temas que pudessem surgir da interação do pensamento feminista, sexualidade e embate de classe social em sala de aula. Sonhava em ser escritora até se tornar educadora e descobrir na educação sua missão política, que também permite escrever de modo acessível para diferentes públicos sobre raça, gênero, classe social e descolonização.

A todo este movimento bell hooks atribuiu o conceito de *pedagogia engajada* (2013), onde ela aponta que não só o conteúdo precisa ser emancipado, mas também a prática de ensino.

A pedagogia engajada necessariamente valoriza a expressão do aluno. [...] Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento do professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo (hooks, 2013 p. 34-35).

Esta visão de que as práticas de ensino precisam ser revistas e emancipadas, que fundamenta a pedagogia engajada, leva a autoatualização. Repensar suas práticas, buscar formação constante para melhor construir seu processo de ensino e fornecer aos estudantes processos de aprendizagens que os levem a ter acesso a conhecimentos que os “libertem” socialmente, que os façam refletir sobre o contexto que os cercam e os fazem agir criticamente.

Os professores progressistas que trabalham para transformar o currículo de tal modo que ele não reforce os sistemas de dominação nem reflita mais nenhuma parcialidade são, em geral os indivíduos mais dispostos a correr os riscos acarretados pela pedagogia engajada e a fazer de sua prática de ensino um foco de resistência (hooks, 2013, p. 36).

Trabalhar sob a ótica da autoatualização é aceitar o desafio de criar propostas pedagógicas mais interessantes e envolventes para estudantes, e bell hooks, exultava este modo de fazer apesar de entender o quão cansativo é se reinventar cotidianamente em prol da criação de práticas criativas e críticas da realidade, sabia também que só através deste fazer diferente era possível levar os estudantes a viverem “profunda e plenamente” (p.36).

2.3.2. A invenção de palavras de Lélia Gonzalez e o seu processo de enegrecimento

“(...) só na prática é que se vai percebendo e construindo a identidade, porque o que está colocado em questão, também, é justamente uma identidade a ser construída, reconstruída, desconstruída, num processo dialético realmente muito rico”

Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez, penúltima filha de 18 irmãos, de pai negro e mãe indígena, constrói sua oralidade, sua palavra, antes de mostrar a escrita. Na verdade, sua proposta sempre foi falada. Quando compreendeu teoricamente a questão da opressão e da exclusão, Lélia continuou fazendo exatamente a mesma trajetória teórica e intelectual que seguia anteriormente, mas, nesse momento, ela se dedica à leitura dos pensadores negros, da história do povo negro, das rainhas negras, lendo e refletindo noite adentro.

Parte da discussão de suas obras, enfatiza teorizações acerca da inserção das mulheres e homens negros na sociedade, com destaque para o debate a respeito das experiências dos mesmos contra o racismo, a desigualdade e a invisibilidade social.

Entrelaçar a desigualdade racial e social brasileira com as formações inconscientes, que ela observa serem exclusivamente brancas e europeias, operando uma denegação das nossas origens indígenas, latinas e africanas. É assim que ela identifica uma característica fundamental do ‘racismo à brasileira’: voltar-se contra negros é denegar, no sentido freudiano, nossa *amefricanidade*. (Gonzalez, Leila, 2018, p.12)

Lélia tinha a firme convicção que as relações de classe também eram afetadas pelo racismo, brancos pobres, mesmo sem condições de subsistência, beneficiam-se do privilégio de serem brancos com recompensas e benfeitorias que ao negro em mesma condição normalmente é negado.

O que existe no Brasil, efetivamente, é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente: desemprego aberto, ocupações “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional, [...] baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde, educação, etc. (GONZALEZ, 2018, p.26)

A história de Lélia é muito bonita e empoderada, justamente pela forma como se constituiu, mas há neste contexto muita contribuição do movimento negro ao manter viva sua memória. Foram suas/seus contemporâneos(as) que transmitiram as histórias dela e sobre ela aos quatro cantos deste Brasil.

Por toda sua história de luta contra o racismo e sexismo, bem como por suas práticas a partir da análise de conjuntura da sociedade, Lélia deveria ser uma referência pedagógica na escola que se propõem ser antirracista, além de ser uma leitura obrigatória para todas as mulheres negras que refletem sobre a sua própria condição. Infelizmente, e por conta do próprio racismo e do sexismo, ela ainda é uma referência tímida no debate acadêmico e intelectual brasileiro. É realmente pouco lida, eu mesma fui tomar conhecimento de sua produção literária, bem como de seus feitos em prol da luta feminista e antirracista, no ano passado dentro do programa de pós-graduação, no doutorado.

Do ponto de vista social, acredito que temos um grande trabalho pela frente, de nos vermos como um país multiétnico, com uma diversidade de manifestações culturais e onde o lugar do negro em termos culturais é a grande fonte na qual toda uma produção artística oficial vai se inspirar. Por um exemplo, que não é brasileiro, no caso do rock inglês vemos qual é o solo de onde brotou esse rock, onde é que os rapazinhos brancos, por exemplo de Liverpool, como no caso dos Beatles, foram se abeberar numa música negra vinda da Jamaica. No caso brasileiro é a mesma coisa. O que se constata é que toda uma produção cultural se faz em cima da apropriação do trabalho de produção dessa cultura negra que é evidentemente marginalizada.

2.3.3. O percurso antirracista da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva entre o movimento negro e a academia

Educar-se, para nós negros, não é caminho de realização individual. Toda a comunidade que representamos e da qual fazemos parte, se afirma, torna-se mais forte com a nossa realização.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

A Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, minha inspiração, nasceu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1942. Filha de professora primária, começou a lecionar no início da década de 1960, em bairros populares da rede pública de ensino de Porto Alegre, pouco depois de ser aprovada no curso de Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também na UFRGS, cursou o mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, no qual defendeu, em 1979, a dissertação intitulada *Estrutura da demanda e da oferta de dados para o planejamento educacional: um estudo de caso*. Por fim, no final da década de 1980, tornou-se

doutora, ao defender a *Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro*, um dos primeiros estudos do campo da educação a abordar o binômio classe e raça no território da educação.

Silva (1987), mulher empoderada de berço, cujo reconhecimento e valorização da pertença negra, além de pautar sua atuação nos movimentos sociais, serviu e serve de exemplo para várias gerações após a sua

Sou negra. Filha de família para a qual ser negro é questão de orgulho, e que valoriza a África, sabendo que a essência do negro brasileiro já não é só africana. De família que optou por impor-se como negra no mundo branco, e se muitas vezes deixou escapar alguma brecha, muitas outras se esforçou para preenchê-las, enegrecendo um pouco o mundo branco. O que não foi, nem é, fácil, pois o mundo branco despreza o que vem dos negros, e o homem e a mulher negros são tão melhor aceitos quanto mais facilmente se deixam assimilar, embranquecer (SILVA, 1987, p. 3).

Silva (2011) consolidou seu fazer pedagógico a partir de sua experiência de militante dos movimentos sociais e de sua experiência de sala de aula, primeiro como professora primária, depois como professora universitária.

Estou convencida de que não há incompatibilidades, se se concebe militância como ato de combater ativamente ideologias que cultivam e mantêm desigualdades entre pessoas e grupos, tais como a do racismo, a da incompetência dos pobres, a do machismo; se se realizam pesquisas, com o objetivo, entre outros, de produzir conhecimentos que contribuam para sustentar a busca por justiça. Militância e pesquisa podem, pois, se combinarem num único esforço, com a finalidade de atingir compreensões de ações humanas, como a de se educar, indispensáveis para novas relações na sociedade (SILVA, 2011, p.105).

A partir disto, ela já como Conselheira do Conselho Nacional de Educação, fez a diferença em nossas vidas, sendo a relatora do Parecer CNE/CP 3/2004, que trata das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais. Neste documento a professora Petronilha B. Gonçalves e Silva deixa explícita todo seu entendimento e concepção acerca da luta antirracista e o papel da escola neste movimento.

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e a cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e

cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, dizem respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática (BRASIL, 2004, p. 8).

Silva (2003) através de suas atuações em vários e diferentes campos tais como, ações nos movimentos sociais, participação em órgãos governamentais e publicação de livros, sua produção consta em discursos, entrevistas, conferências, orientações e coordenação de grupos de pesquisa. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, protagoniza uma participação efetiva na “correção dos erros de 500 anos de colonialismo, escravidão, extermínio físico, psicológico, simbólico de povos indígenas, bem como dos negros africanos e de seus descendentes” (Silva, 2003, p. 46).

2.3.4. A inclusão da cultura negra no currículo: passos da professora Vera Triumpho como gestora educacional

“O esforço por um trabalho pedagógico alternativo de libertação tem sido importantíssimo para que a população afro-brasileira, principalmente crianças e jovens, tomem consciência de seu valor humano.”
Vera Triumpho

Vera Triumpho nasceu em Porto Alegre no ano de 1944. Estudou na PUCRS e segundo Carla Beatriz Meinerz e Monique Brito da Silveira (2023) possui uma trajetória de protagonista em temas da negritude tanto em espaços escolares como também nos espaços religiosos.

Hoje é professora aposentada da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, mas as marcas do seu protagonismo na inclusão da pauta negra no estado, principalmente na rede estadual de ensino, perduram até os dias atuais. Foi a partir de seu trabalho dentro da Secretaria de Estado da Educação que suas lutas por potencializar a figura do negro, ganhou notoriedade e revelou-se capaz de transformação.

Professora Vera coordenou o projeto “O Negro e a Educação”, da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, no período de 1987 até 1991. Coordenadora Estadual dos Agentes de Pastoral Negros do Regional Sul 3, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e coordenadora do Coletivo Estadual de Educadores Negros dos Agentes de Pastoral Negros (APNs/RS), foi

integrante do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) para Valorização da População Negra do Ministério da Justiça no período de 1996 até 1999 e organizou o livro Rio Grande do Sul: aspectos da negritude, publicado em 1991.

A Biografia profissional da professora Vera Triumpho, não deixa dúvidas da sua importância como uma das primeiras gestoras no âmbito estadual a atuar de forma específica na construção de políticas públicas e pedagógica para uma educação antirracista.

Seu destaque dentro da temática de educação antirracista também se deu através de sua atuação junto aos Agentes de Pastoral Negros do Regional Sul da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil⁶

Entre 1984 e 1985, aconteceu dois grandes eventos: I e II Encontros Nacionais sobre a Realidade do Negro na Educação, para cuja organização contou com o apoio de Agentes de Pastoral Negros e Grupo de Negros do Partido Democrático Trabalhista do Rio Grande do Sul. Dos eventos participaram militantes, intelectuais e pesquisadores, convidados para proferir conferências e participar de debates, e um número significativo de professores da rede pública de ensino. Muitos dos participantes vinham de outros estados, especialmente de Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia (SANTANA, 1985).

Estes dois eventos foram divisores de água na história pedagógica do negro na educação gaúcha, pois a repercussão dos mesmos para a autoestima e confiança da população negra do Rio Grande do Sul, reverberou na transformação das práticas pedagógicas de algumas instituições, na época, foram criados projetos visando a introdução de temas de cultura e história dos negros nos programas escolares, embora ainda se constituíssem como experiências individuais de professores militantes em suas salas de aula. Estas iniciativas de grupos do movimento negro em todo o estado, atraem a atenção da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul que, ao lado de outros programas dirigidos a grupos marginalizados, cria o Projeto Negro e Educação. Esta passa a promover atividades de divulgação de história e cultura negras, a estimular, junto aos orientadores educacionais, ações que visam à autoestima de alunos negros e ao seu rendimento escolar (Triumpho, 2014). Resultados a longo prazo destas iniciativas encontram-se registrados na obra

⁶ Movimento social da Igreja Católica, que visa promover condições de cidadania aos afro-brasileiros, desde o ano de 1988. Cf. <https://cnbbs2.org.br/pastoral-afro-brasileira/>

organizada pela militante Vera Triumpho – Rio Grande do Sul, aspectos da negritude (1991), bem como em algumas teses e dissertações que começam a ser elaboradas.

Vera Triumpho, sempre foi uma aguerrida educadora que acredita que para promover a educação das relações étnico-raciais, no âmbito de todas as escolas, a presença do educador e da educadora negra é extremamente importante, só assim será possível construir um processo educativo inclusivo, sob a ótica étnico-racial.

Assim como a professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Triumpho traz na sua pertença educativa as discussões construídas no seio do movimento negro.

A maioria das vezes, é no seio do movimento negro organizado que o professorado tem buscado capacitar-se para encarar o desafio de promover a educação das relações étnico-raciais. As instituições de ensino superior começam agora a entender a necessidade de voltar-se para essas questões, até porque é preciso cumprir a legislação vigente que estabelece as diretrizes curriculares que vêm atender, de modo especial, a realidade do povo afro-brasileiro (TRIUMPHO, 2014, p.5)

Sua principal causa na luta antirracista sempre foi a reformulação das práticas pedagógicas, no intuito de criar um novo ambiente escolar que fosse propício à formação da cidadania da comunidade negra. Seu modo de operar junto com outras tantas educadoras da APN/RS consistia em voluntariamente, atuar nas periferias urbanas e no meio rural, especialmente em comunidades remanescentes de quilombos, por todo o Estado do Rio Grande do Sul, com o único objetivo de resgatar a autoestima de crianças e adolescentes, negros e negras, através de uma educação que promovesse o respeito, a equidade e a empatia.

São por este conjunto intenso de ações que incluo a professora Vera Triumpho, como uma das grandes educadoras antirracista e que inspiram minha prática pedagógica, compondo junto às demais aqui citadas as diversas linhas da minha escrevivência.

2.3.5. A trajetória de Conceição Evaristo e a leitura de mundo de suas escrevivências

Minha escrevivência vem do cotidiano dessa cidade que me acolhe há mais de vinte anos e das lembranças que ainda guardo de Minas. Vem dessa pele-memória história passada, presente e futura que existe em mim. Vem de uma teimosia, quase insana de uma insistência que nos marca e que não nos deixa perecer, apesar de.
Conceição Evaristo

Nascida em uma favela de Belo Horizonte, no ano de 1947, filha de uma mãe lavadeira, Conceição Evaristo trabalhou como doméstica até se formar, a partir de então começou a ensinar numa escola. Este processo rompe com uma cadeia olhada com normalidade pela sociedade, ou seja, mulheres negras nascem para servir (domésticas, lavadeiras, etc) isto é e sempre foi naturalmente aceito. Ao concluir seus estudos, e tornar-se uma professora, Conceição Evaristo apresenta novas possibilidades para outras mulheres negras e rompe com a expectativa de que nosso lugar é nas cozinhas dos ricos.

(...) é o direito da escrita e da leitura que o povo pede, que o povo demanda. É um direito de qualquer um, escrevendo ou não segundo as normas cultas da língua. É um direito que as pessoas também querem exercer. Então Carolina Maria de Jesus não tinha nenhuma dificuldade de dizer, de se afirmar como escritora. [...] E quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado, né? A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito (ARAÚJO, 2010).

A obra “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus⁷, foi fundamental para despertar o processo criativo de Conceição Evaristo, despertar o sentimento de pertença a uma tradição que embora de oralidade, potencializou a contação de histórias vividas passadas de geração em geração, dos mais velhos para os mais novos. Não há coisa mais linda do que presenciar as rodas de família em volta de uma mesa de almoço de domingo, ou formada por cadeiras em um quintal, ou sentados no chão de uma relva sob uma árvore frondosa e dali ver brotar histórias de vida cheias de lições a serem aprendidas, à que saudade de minha infância escutando histórias da boca de meus avós, pais, tias e tios.

O que é mais interessante no estilo literário adotado por Conceição Evaristo é justamente a preservação da oralidade nos seus escritos, a

⁷ Quarto de despejo: diário de uma favelada, obra que foi publicada pela primeira vez em 1960.

transmissão de história de uma geração para outra. Este igual formato, de conto, também é usado com frequência por diversos autores africanos de língua portuguesa, justamente pela possibilidade de proporcionar a transcrição da oralidade em texto escrito.

É neste contexto de conto que conta histórias vividas e que outrora seriam repassadas apenas de forma oral, que nasce o conceito de "escrevivência" de Conceição Evaristo, um instrumento também usado como resistência e resiliência justamente pela possibilidade de despertar consciências e dar voz às minorias, sendo reveladora de uma história não contada nos textos oficiais. A célebre frase de Conceição Evaristo é prova deste denunciamento de seus contos "A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para "ninar os da casa-grande" e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (EVARISTO, 2007)

Nesta frase, Evaristo explicita que mais do que simples escrita, a escrevivência nasce como propósito de denunciar as mazelas que o racismo estrutural apresenta, através da voz, das histórias e da dor de mulheres negras.

É com ela também que fica nítido a relação do conceito com a figura da mulher negra, bem como, o desejo da autora de que através de sua genialidade poética, esta mulher negra pudesse mostrar a força de sua insubordinação, para com a posição que a sociedade insiste em colocá-la.

Para Conceição, o ato de escrita de uma mulher negra, numa sociedade tão machista e racista quanto a brasileira, adquire automaticamente uma dimensão de insubordinação. Sua escrita já constitui um ato político, pois ela se coloca deliberadamente em um lugar que implicitamente não lhe é autorizado pela sociedade brasileira. Ela resolve ocupar esse espaço interdito para dar voz aos afro-brasileiros e escrever sua própria versão de diversos fatos históricos da história do Brasil, principalmente os ligados à escravidão. (CHAMPAGNAT, 2021)

A forma de escrita de Conceição Evaristo é tão peculiar e pessoal que por vezes se percebe algo de autobiográfico e seus textos, e quando relata discursos e histórias colhidas de outros, a descrição de seus escritos têm o cuidado de remodelar os alguns dos fatos com o objetivo de preservar a relatora e garantir a liberdade de expressão.

Dona de uma escrita inspiradora Conceição Evaristo, além de usar seu talento de escrever para denunciar e transgredir a realidade social, vem nos últimos tempos revolucionando ainda mais a academia científica, quando vê seu conceito criado se tornado cada vez mais uma prática metodológica de pesquisa.

Conceição Evaristo talvez não tenha a dimensão do quanto impactante e significativa é a escrevivência, seja ela um conceito, uma palavra cunhada, uma mistura de palavras. Não é a língua portuguesa que aqui deve ter a atenção, mas sim o desnudar da alma, a emoção, a possibilidade de se abrir e poder enxergar a vida descortinando os olhos para a realidade que ela traz, é sobretudo refletir sobre o eixo de sua própria vida e o que é possível aprender das tantas coisas vividas, como avaliar, reavaliar, como projetar o futuro a partir das coisas já vivi.

A escrevivência para mim é isto, um estado de conexão, de reencontro, a possibilidade de produzir conhecimento pela descoberta da vida e suas diversas nuances.

Só gratidão a Conceição Evaristo que conseguiu colocar em uma só palavra, toda imensidão que é ser mulher, negra, oriunda da periferia e descobrir-se potente, produtora, escrevente e sim, porque não uma doutora.

Reafirmo que as cinco autoras destacadas, tem especial influência em minha constituição enquanto educadora antirracista, e o mais interessante disto, é que o modo como as via antes de meu ingresso no PPGPUCRS, para o doutorado, era completamente diferente de como vejo hoje.

Eu nunca tive esta visão consciente das questões de gênero, portanto minha ligação com as autoras tinha a ver com o conteúdo que elas apresentavam, mas isto visto num emaranhado de misturas de autores homens e mulheres brancos e homens negros. E em alguma medida o conteúdo, sempre acabava me levando para cardápios de escrita muito mais masculino do que feminino. Não tinha a menor noção da importância de reafirmar minhas referências a partir do olhar de teóricas negras e femininas.

Surpreendentemente, minha orientadora que trabalha a partir de uma linha de pesquisa transcrita sob a ótica de gênero, raça e classe. Me desperta para este processo de escrita.

Confesso que, ao ter um pensamento voltado mais para a temática e o conteúdo das escritas e menos para o gênero de que processa estas escritas, tive dificuldade de propor, dentro da estrutura temática que organizei para a construção do meu projeto de tese, novas teóricas cuja escrita e o seu modo de pensar convergissem como este olhar de mulheres, mas principalmente de mulheres negras.

Assim posso dizer que mesmo já as conhecendo a algum tempo e tendo contato com suas obras, penso estar fazendo uma releitura das produções

destas poderosas mulheres escreventes, só que agora, sob uma ótica de unidade temática que faz muito sentido para mim.

Ao destacar estas cinco, sinto que muitas outras poderiam compor este repertório, tais como Cida Bento, Eliane Cavalleiro, Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, entre tantas outras, que consigo identificar como influência positiva no meu modo de ver, sentir e entender a importância e o papel da Educação para as Relações Étnico-racial e o seu potencial transformador, no entanto tive que fazer uma opção por aquelas que mais faziam sentido dentro do contexto condutor da tese.

Portanto, escreviver as trajetórias de colegas queridas, bem como a minha própria, em busca de indicadores para uma pedagogia das diferenças a no contexto de uma educação antirracista, tendo como luz guia os eventos teóricos, mas também escreviveres de bell hooks, Lélia Gonzales, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Vera Triumpho e Conceição Evaristo é bastante desafiador, mas também muito significativo.

2.4 A escrevivência como caminho metodológico no percurso da tese

Início lembrando que Conceição Evaristo ponderou que quando ela falava/escrevia sobre escrevivência, “(...) em momento algum estava pensando em criar um conceito. Eu venho trabalhando com esse termo desde 1995 – na minha dissertação de mestrado, várias vezes fiz um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver”. (Evaristo, 2017, p.02), o jogo de palavras deu tão certo, fez tanto sentido, trouxe tanto significado aportado, que em minha tese o protagonismo da pesquisa é a escrevivência, da escritora mineira Conceição Evaristo, porque desejo perceber se docentes negras em sua maioria, mas também muitas e muitos não negras, cientes dos efeitos do racismo estrutural⁸ (ALMEIDA, 2018) e da branquitude⁹ (CARDOSO, 2014), dão-se conta da ausência ou incompletude de uma educação antirracista, no currículo escolar e se movimentam para que as suas práticas seja reflexos de suas crenças. Por

⁸ De acordo com Silvio Almeida (2018, p. 36), “O racismo é parte da ordem social. Não é algo criado pela instituição, mas por ela reproduzido”.

⁹ No que concerne à branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não brancos, dessa forma, significa ser menos do que ele. Ser branco se expressa na corporeidade, isto é, a brancura, a expressão do ser, e vai além do fenótipo. Ser branco consiste em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais.

isto, trata-se da escrita de si, de ter suas marcas em seus feitos, de modo a gravar um lugar, tornar-se visível e pertencente, individual e coletivamente.

Minha escrevivência vem do cotidiano dessa cidade que me acolhe há mais de vinte anos e das lembranças que ainda guardo de Minas. Vem dessa pele-memória – história passada, presente e futura que existe em mim. Vem de uma teimosia, quase insana de uma insistência que nos marca e que não nos deixa perecer, apesar de”. (EVARISTO, 2016, n.p.).

Essa escrita de Conceição Evaristo remete, justamente, para esta construção reflexiva, onde a narrativa será argumento e instrumento para mudanças de prática. Será a manifestação da indignação, da inquietação. Pistas mais do que suficientes para conduzir a um novo percurso metodológico.

A escrevivência é tecida pela escuta sensível. Esta escuta é oriunda da abertura para o outro. A busca de uma liberdade coletiva, concreta.

Eu poderia dizer que esse conceito estético que está fundado no termo que eu uso, “escrevivência”, nasce de um processo muito ligado à História. A História dos africanos nas Américas. Muito relacionado à própria figura da mulher, que era escravizada dentro da Casa Grande. Eu imagino, eu projeto essa nossa escrita, essa autoria negra, tendo justamente uma função contrária. Parte muito daquilo que eu conheço das mulheres negras, daquilo que eu “sou”, é um projeto estético que “vai ligar com o desejo de lidar com outras palavras. Eu quero levar para o texto literário palavras bantas, ditados, uma outra compreensão, uma outra maneira de se postar no mundo” (EVARISTO, 2018b, p.18).

A aposta no uso da escrevivência como metodologia tem um motivo que merece destaque, ou seja, ela se presta a uma nova forma de produzir conhecimento, pois, além de introduzir uma proposta eminentemente poética na escrita científica, apresenta-se por meio da entoação de docentes protagonistas não só de seu fazer pedagógico, mas da narrativa das suas próprias existências.

Recorrer às falas e escritas de docentes antirracistas e analisar suas posições didático-metodológicas posicionadas em histórias de vida, correlacionando-as aos movimentos políticos de suas práticas docentes ao longo dos tempos, buscará identificar a existência da influência destas histórias nas mudanças de percurso metodológico, ou seja, se de fato foram inspiradas nestas vivências experienciadas, é o que move esta proposta.

Iris Oliveira (2017, p. 652), destaca a partir de análises no âmbito da formação de professores, que a escrevivência possibilita a exposição de fissuras, brechas, vazios e o impensável, ao apostar nas invenções de si, “na

compreensão da cultura como rede de significações instáveis e cambiantes [...], fundada na narrativa de si”.

O uso da escrevivência como estratégia de investigação, possibilita uma aproximação à complexidade do mundo privado dos participantes, como elemento que permita compreender os significados das decisões cotidianas em relação ao ponto de vista da temática da Educação das Relações Étnico-raciais e das influências culturais de cada docente.

A proposta aqui é usar a escrevivência tal qual as palavras da própria Evaristo (2015) que do alto do seu protagonismo afirma o conceito ao relatar que “escrevo para os meus, mesmo sendo no nível do desejo. Pois é do cotidiano das classes populares que retiro o sumo da minha escrita. É desse meu lugar, é desse de ‘dentro para fora’, que minhas histórias brotam” (EVARISTO, 2015).

A escrevivência será produzida deste meu cotidiano narrado, e desenrolará fios de experiências múltiplas que, ao mesmo tempo, se enredam nas histórias de docentes antirracistas que eu convidarei e nas suas experiências didático-metodológicas, nas escolas por onde transitam.

Suspeito que ao revisitar suas memórias e problematizar a ausência de discussão entorno do tema racial nos seus diferentes espaços vividos (família, escola, sociedade), os educadores poderão ser levados a propor caminhos de modo a tornar o percurso de seus alunos e alunas negras e negros mais palatável e menos dolorido de ser trilhado.

Nesta perspectiva é importante salientar que tudo que será dito pelos participantes será cuidadosamente tratado dentro da orientação ética de pesquisa, preservados todos os direitos, conforme o exposto no artigo 9º do parecer 510 de 2016 que trata da ética em pesquisa

Art. 9, o São direitos dos participantes: I - ser informado sobre a pesquisa; II - desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo; III - ter sua privacidade respeitada; IV – ter garantida a confidencialidade das informações pessoais; V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública; VI – ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e VII – o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa.

Importante salientar que a principal função desta norma de ética em pesquisa é a garantia de proteção dos envolvidos na pesquisa: os sujeitos, o pesquisador e a instituição proponente, garantindo confiabilidade à pesquisa.

Outras questões a serem consideradas são as expostas nos artigos 4 e 5 da mesma norma, principalmente quando se referem que o processo de consentimento tem a ver com o grau de comprometimento, aproximação e confiança entre pesquisador e pesquisado.

Art. 4º O processo de consentimento e do assentimento livre e esclarecido envolve o estabelecimento de relação de confiança entre pesquisador e participante, continuamente aberto ao diálogo e ao questionamento, podendo ser obtido ou registrado em qualquer das fases de execução da pesquisa, bem como retirado a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao participante.

Ou quando deixa claro que este consentimento está intimamente ligado às características das pessoas pesquisada e às abordagens metodológicas aplicadas. Esta última condição vai muito ao encontro da minha proposta de tese, pois a proposta metodológica da escrevivência, aqui escolhida, quer personalizar as vozes ouvidas, mesmo que o foco da proposta seja nas histórias ouvidas.

Art. 5º O processo de comunicação do consentimento e do assentimento livre e esclarecido pode ser realizado por meio de sua expressão oral, escrita, língua de sinais ou de outras formas que se mostrem adequadas, devendo ser consideradas as características individuais, sociais, econômicas e culturais da pessoa ou grupo de pessoas participante da pesquisa e as abordagens metodológicas aplicadas.

Assim sendo a Resolução 510, ao dispor de normas aplicáveis que envolvam procedimentos metodológicos onde são utilizados dados diretamente obtidos dos participantes ou de informações identificáveis dos mesmos ou que possam acarretar riscos, não cerceia a metodologia com indícios biográficos, apenas sugere cuidados no trato destas informações de modo a não prejudicar os envolvidos no processo de construção do tema.

2.4.1 O coletivo antirracista de POA

O coletivo de Educação Antirracista foi criado em 29 de maio de 2020, durante a pandemia da COVID-19. A ideia era garantir conexão humanizadora e retroalimentar ações, através de trocas de relatos, experiências e materiais, envolvendo o tema da negritude e as práticas docentes de cada um. Iniciou a

partir de um grupo de *WhatsApp*¹⁰, formado por cinco elementos, hoje já conta com mais de 100 integrantes empenhados em combater o racismo pela educação.

A ideia é contatar pelo menos cinco personagens, motivadoras dessa comunidade que trará para o texto acadêmico a leveza e a poesia da contação escrivivente das suas histórias vividas. E também proporcionará um exercício reflexivo sobre as ações que deverão aparecer narradas pelas docentes nos seus diferentes percursos pedagógicos na escola.

O coletivo é basicamente formado por docentes de ensino fundamental, das redes pública municipal e estadual da cidade de Porto Alegre, mas possui também muitas professoras e professores de diversas cidades do Rio Grande do Sul, desde a grande Porto Alegre até o interior do estado.

A medida em que novas pessoas entram no grupo, sempre há um diálogo que demonstra o entusiasmo frente a essa empreitada. Em uma determinada situação de novas integrantes duas professoras do coletivo sistematizaram o propósito e os objetivos do grupo criado, identificando de forma muito precisa o objetivo de sermos um coletivo de docentes antirracistas que trocam experiências e se fortalecem. Além de trocarmos materiais e situações didáticas da educação antirracista, há muitas outras informações, tais como indicações de eventos, cursos, entre outros.¹¹

Percebo o auto reforço que ali se estabelece, a partir das conexões criadas. Seja pelos desabafos que vez ou outra encontra eco em mais de uma voz, pelas agruras cotidianas que o racismo estrutural impõe, seja pelos extensos debates que por vezes atravessa a noite, a partir de pautas introduzidas ao acaso, mas que vão se aprofundando na medida em que elementos e falas vão se avolumando nos textos escritos e gravados do *whatsapp*.

O estímulo que me impeliu buscar neste grupo os substratos para a sustentabilidade aos argumentos desta tese, foram sinalizados justamente por

¹⁰ Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas de texto e chamadas de voz para smartphones. Surgiu como alternativa ao sistema SMS e agora possibilita o envio e recebimento de diversos arquivos de mídia: textos, fotos, vídeos, documentos e localização Fonte, https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt_br

¹¹ O conteúdo transcrito nesta frase: " Além de trocamos materiais e situações didáticas da educação antirracista, há muitas outras informações, tais como indicações de eventos, cursos, entre outros." dizem respeito a saudações expressas no grupo de *WhatsApp*, que é o meio utilizado pelo coletivo de docentes antirracista para se comunicarem e se conectarem.

causa desse perfil que ele possui, ou seja, é um grupo que produz pistas para as escrituras de cada um e cada uma. E essas pistas são a base deste coletivo e estão latentes o tempo todo. É um coletivo que não tem medo de se expor na primeira pessoa, que coloca a sua experiência de vida e de trabalho como premissa de sua existência.

Minhas convicções e confiança foram de que ao escutar docentes antirracistas, pertencentes a este coletivo encontraria caminhos que possibilitassem identificar práticas didático-metodológicas no trato das relações étnico-raciais. E que a partir desses contextos, possamos ser capazes de construir novos e outros percursos pedagógicos, produtores de uma pedagogia da e para as diferenças.

2.4.2 As etapas do processo escriturista e as expectativas pelos dados obtidos

Como já sinalizei o coletivo é um grupo de WhatsApp e para os trâmites da pesquisa, quando da submissão ao Comitê de Ética, foi necessário pedir autorização ao moderador do grupo.¹² E, apesar de grande parte do grupo já me conhecer e saber que eu estava cursando o Doutorado em Educação, encaminhei o projeto para o grupo e pedi autorização. Minha estratégia metodológica foi apresentar formalmente o projeto e fiz o convite para entrevistar cinco docentes deste coletivo antirracista, cujo critério era ter conhecimento de que a escrita é escrever a vivência; fazer parte de projetos públicos de coletivos antirracistas em suas escolas; e possuir cinco anos ou mais de experiência pedagógica em sala de aula.

Configuraram etapas do processo:

- a) primeira etapa apresentação da pesquisa ao grupo do *whatsapp* explicando a pergunta, objetivos e todos os passos da produção da escrita e processo de análise e convite para a entrevista;
- b) Realização da entrevista com cada uma delas, de modo a solicitar que relatassem suas histórias e experiências enquanto docentes antirracistas. Essa narrativa foi gravada e, transcrita por mim com o

¹² A pesquisa foi encaminhada na Plataforma do CONEP e teve sua aprovação com o número: 6169330

uso da ferramenta
https://docs.google.com/document/d/1YdlQ4D_tspRnofB8Ve7kaFn9rBmDbYa83E_9vN1g0Z0/edit;

- c) Após a transcrição da fala sobre essas vivências e experiências que as constituíram como educadoras antirracistas, o texto foi devolvido a elas na forma bruta para que fosse produzida a escrevivência de cada uma delas;
- d) E com esse material em mãos, realizei a análise de cada escrita, procurando identificar elementos específicos e especiais, bem como elementos comuns a todas as escritas, pistas que se possa caracterizar como aquilo as identificam como educadoras antirracistas.

Busquei elencar e identificar os elementos, pistas, entre outros fragmentos significativos das escrevivências que fizessem sentido e, contribuíssem na identificação de possibilidades, e caminhos do fazer pedagógico antirracista.

Decidi manter as escritas delas na tese, na íntegra, porque mais do que palavras, elementos e pistas, o importante nelas, são as denúncias de um fenômeno recorrente na sociedade que ignora a existência de sua negritude, negando seus direitos, condenando-as a uma vida de luta e autoafirmação de sua identidade. Suas escrevivências, suas memórias, são formas de romper com a bolha social que legitima o branco colonizador e discrimina qualquer outro que não esteja dentro deste padrão.

Minha expectativa é que o exercício prático realizado materialize, a partir das memórias escritas das docentes, o trabalho pedagógico, reflexões e ações, fruto de um intenso pensar e criar a respeito da superação da discriminação e do racismo em nosso ambiente escolar, bem como aponte caminhos possíveis para que o docente seja o instrumento que dará voz aos estudantes negro de modo que aprendam a escrever a versão da sua própria história desconstituindo-a dos elementos de dor e sofrimento infligidos por fatos de opressão do passado colonizador.

O mais incrível nesta postura reflexiva das docentes negras é que por meio de práticas que respeitam e exercitam uma educação antirracista, acabam por acionar a autoestima dos(as) estudantes afro-brasileiros(as), integrando-as a partir de uma visão de mundo que antes era colocada como antagônica e

incompatível com o efetivo tratamento da Educação das Relações Étnico-Raciais.

As constatações e expectativas sobre os processos formativos de educadores apontam para a necessidade, cada vez maior, de valorizar os saberes docentes, adquiridos pela reflexão prática, através de tarefas ligadas ao ensino e a seu universo antirracista. Os estudos conduzem o reconhecimento de educadores como ser humano e profissional sensível e autônomo com relação a seu autodesenvolvimento.

3. AS NARRATIVAS ESCRIVENTES

A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”
Conceição Evaristo, 2015, p.18

Junto a análise destas narrativas, estou empenhada a identificar gatilhos, motivações, elementos, sinais que me levem a um percurso metodológico possível de ser trilhado por educadoras e educadores, empenhados, no exercício da docência, em transformar o processo de ensino e de aprendizagem.

Buscar as escrevivências de docentes que se reconhecem antirracistas é descobrir o que as motivou e motiva a executar práticas que se preocupem em tornar a escola um espaço inclusivo que respeite as diferenças, operando ações pedagógicas que promovam a consciência de raça, gênero e classe, nos estudantes, tornando-os críticos e com maior autoestima para enfrentar o que a sociedade cotidianamente insiste em lhes apresentar.

Assim a atenção agora está toda voltada para as narrativas autobiográficas abaixo, cujo formato, constitui inspirada por Conceição Evaristo (2020) quando diz:

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me auto inscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (p.35)

É provável que a expectativa de leitores ao ter contato com as primeiras escritas desta tese, possa supor que as escrevivências das docentes ouvidas se restringiriam a suas trajetórias escolares de como e do que fazem em sala de aula para terem sido identificadas como antirracistas, quais ações as diferenciam de qualquer outro docente ainda não consciente deste importante debate e posicionamento, no entanto o que se lê a seguir é um grande emaranhado, que

se mistura e se complementa, entre suas vidas privadas e suas vidas profissionais.

Sem querer antecipar qualquer consideração a respeito, para não atrapalhar o percurso deste entendimento, digo que é proposital e fundamental este modo constituído e ao longo deste capítulo vou entendendo o porquê e demonstrando isto. E faço uso da poesia de Conceição Evaristo, para ratificar este modo de me relacionar com as escrituras das docentes, quando ela diz: “Das histórias, eu não sei dizer qual é mais. Como uma laboriosa aranha, tento tecer essa diversidade de fios. Não, meu labor é menor, os fios já me foram dados, me falta somente entretê-los, cruzá-los e assim chegar à teia final” (EVARISTO,2016, p.103)

Os subtítulos a seguir propõem de forma quase poética uma imersão nas memórias vívidas de cada uma das educadoras, nos enveredando no enredo de suas vidas. É sobre isso... sobre a vida, as memórias e sobre tudo que move, nós mulheres pretas, que nossas escrituras tragam as interrogações certas, às respostas necessárias.

3.1. O Corpo negro ressignificado

Desde o pensamento africano, nossos corpos negros nos conectam como parte da natureza, ou seja, só existimos em relação com tudo o que existe no mundo, como nos ensina Vanda Machado:

O pensamento africano se caracteriza pela ideia do corpo comprometido com os fenômenos da natureza. Nessa perspectiva, nos colocamos na relação com as energias da natureza do cosmo de modo a vivenciá-las também no próprio corpo. Exu Obará, Exu, rei do corpo, é o que anima, embeleza e revitaliza. Para cada conjunto de célula que morre por dia, Obará faz nascer outras tantas que nos mantêm a vida. É ele que mantém vivo nas pessoas o impulso para troca de afetos e o desejo de gozos para que jamais se acabe a vida na terra. E quando o ser de cada um exulta o prazer e a vida, Exu se move infinitamente sem a contagem inflexível do tempo que limitaria os movimentos do corpo. Exu é o que faz o jogo do universo e nele estão contidas as infinitas possibilidades como a aleatoriedade do movimento, a vagueza e a desorganização. Nele está contida também a turbulência que [o ser humano] vive como um refazer contínuo da ação e do pensamento (2010, pp. 14-15)

Mas este contexto de corporeidade, quase poético, que é trazido e mantido por nossos ancestrais, nem de longe representa a forma fútil, banal e sexualizada que os corpos negros são vistos e tratados desde que foram

sequestrados do continente africano e até os dias atuais. Inclusive o colonialismo, o qual fomos e de certa forma ainda somos refém sociais, insiste em resumir a estética do corpo negro num mero objeto de desejo, a ser usado.

Neste subcapítulo, ao relatar a escrivência da professora Solange, conhecida como a Sol a Primeira Princesa do Carnaval de Porto Alegre, relato como ela conseguiu ressignificar a partir da educação, a banalização do corpo negro, seus medos, sofrimentos, mas principalmente a sua história de superação, autoestima, libertação e empoderamento.

Então, eu vou começar contando um pouquinho aí da minha trajetória, da minha experiência e dentro do que eu já atuei. A minha primeira formação é dentro do magistério, né? Eu estudei na Escola Bom Conselho, uma escola particular, como uma aluna bolsista. E aí depois, ao longo da trajetória, eu fiz letras e a minha formação ficou em português e literatura. Trabalhei muito, sempre nas classes populares, né? Eu tenho 20 anos de atuação em sala de aula, eu tenho 40 anos e comecei o meu primeiro concurso público a assumir aos 20 anos, na cidade de Viamão, depois eu trabalhei em Alvorada e até chegar no meu sonho dourado, que era Porto Alegre, né? Que tinha o melhor plano de carreira, o melhor salário, um outro tempo. Bom, dentro de toda essa trajetória, esses anos que eu tive trabalhando na periferia, eu vou te dizer que eu já atuei de diferentes formas. Mas onde eu mais eu percebi que realmente a minha figura, a minha imagem, a minha presença, ela fazia muita diferença nas relações, nas interações e na maneira como as pessoas percebiam as relações étnico-raciais, foi quando eu fui trabalhar com as turmas de EJA¹³. Eu trabalhava na Lomba do Pinheiro, trabalhava ali dentro da Vila Mapa e ali a gente tinha turmas bem cheias, iniciava o ano com turmas com 60 alunos de totalidades finais, (T4, T5 e T6), que correspondiam do sexto ao nono ano. Então era uma professora de uma aparência jovem, ali no auge dos meus 30, 30 e poucos anos, uma professora negra, que entrava em sala de aula com 60 alunos, vários deles adolescentes ainda, dentro de uma perspectiva de uma sala de aula majoritariamente negra, onde as meninas, as minhas alunas, algumas tinham 15, 16, 17 anos e eram mães e estavam tentando um retorno para a vida escolar, para ver se conseguiam se inserir depois no

¹³ É a sigla de Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade do Ensino Fundamental, destinada ao público que não completou a escolarização, abandonou ou não teve acesso à educação formal na idade apropriada.

mercado de trabalho, os meninos ali meio que perdidos, meio que sem saber exatamente o que estavam fazendo, meio que descrentes até com a questão da educação e tinha também as pessoas mais velhas, que não sabiam muito bem o que estavam buscando ali, mas queriam estar num espaço social. Então quando eu cheguei ali para trabalhar no turno da noite, por essa minha figura mais jovial, acabou causando um certo “frisson”, já era uma professora antiga na escola, trabalhava principalmente com turmas de alfabetização, que eu gostava muito de trabalhar, mas eu não causava o alvoroço que eu causei quando eu cheguei para trabalhar com uma EJA, com turmas tão numerosas. É claro que aqueles alunos foram dar uma bisbilhotada lá no meu Facebook, ou nas redes sociais que tinham na época, e algo que era algo privado, que fazia parte da minha trajetória e da minha constituição, que era minha identificação com o Carnaval, acabou virando um motivo meio que de “frisson” entre aqueles adolescentes. Eles passaram a ver a figura de uma mulher, o corpo negro por si, ele já é um corpo que já denota o objeto do desejo. Então quando eles passaram a ver uma professora negra, que eles identificaram, que desfilava junto ao Carnaval, ou que participava desses espaços, é claro que aquilo despertou a curiosidade, e eles trouxeram aquilo a partir da perspectiva que eles tinham, que a mídia trouxe para eles até hoje, que a mulher do Carnaval é aquela mulher que é uma vagabunda, é a mulher fácil, é a mulher aquela que está pronta para servir aos outros e que o seu corpo é para o acesso de todo mundo. Então é claro, a partir do momento que eles se deram conta, que eles tinham ali uma profissional negra, mas que vivia a sua vida pessoal dentro da perspectiva do Carnaval, aquilo ali acabou, claro, gerando vários questionamentos, inclusive algumas situações de constrangimento para cima de mim. Queriam saber que tinham curiosidade, as senhorinhas também olharam, oh, uma professora do meio carnavalesco. Então é claro. Eu já tinha uma boa vivência, já tinha uma boa experiência. Eu parecia alguém muito jovem, mas ao mesmo tempo eu vivi dentro daquilo ali, eu cresci dentro daquilo ali e não entendia como nada que pudesse ser reprovável ou algo que tivesse em desacordo com a minha profissão ou mesmo com os meus valores. E foi a partir daí que eu comecei a trazer, o que era muito do meu pessoal, inclusive para o meu profissional. E aí as pessoas começaram a entender um pouquinho mais. Inclusive outros professores que eram muito carregados de seus preconceitos,

peessoas que não entendiam o que seria a cultura do Carnaval, porque as pessoas logo pensam em bunda e peito e não têm a menor noção do que exatamente a gente fala quando a gente fala em escola de samba, que é um espaço onde a gente frequenta justamente com a nossa família, são espaços onde a gente constrói e aprende sobre histórias. Tem muitas vivências, muitas experiências a partir da cultura carnavalesca. E ali eu percebi que eu falar sobre isso, eu trazer um pouco da minha perspectiva pessoal para o meu meio profissional, aquilo ali contribuiu muito para eles. Inclusive depois é claro, vim abordando outros temas até, relacionados à religião, relacionados às vivências que são muito nossas, e trazendo para eles uma nova perspectiva. Então ali eu percebi que eu contribui e eu passei a usar isso, essa minha vivência, esse meu gostar e o meu fazer para dentro da minha vida profissional, e com o passar dos anos, eu me criei dentro dessa cultura carnavalesca, porque isso vem invadindo a minha vida profissional cada vez mais. De outras formas também, acho que quando a gente se conheceu foi no ano de 2022, inclusive eu estava... no concurso da Corte do Carnaval da capital, e ganhei como primeira princesa do Carnaval, porque eu achei que era um bom espaço que se eu concorresse a esse título, ali eu teria possibilidade de falar para mais gente, para que as pessoas pudessem, a partir da minha fala, entender o que era a cultura carnavalesca. Eu queria poder passar um pouco mais do meu entendimento e que as pessoas que vivem isso pudessem falar com isso também, com tanta tranquilidade, com tanta propriedade e com tanto amor e orgulho quanto eu, que a gente deixasse de ser atingido pelos pré-julgamentos alheios, de quem não sabe do que se trata, e a partir de uma perspectiva feia, suja ou distorcida. Então... Eu vejo com muito êxito, com muito sucesso essa minha audácia, porque eu sou uma pessoa audaciosa, né? Eu sou uma pessoa que eu não tenho medo de constrangimento. Então trazer isso para o meu profissional, eu vejo como algo muito positivo e que contribuiu bastante, tanto com a perspectiva do empoderamento e pertencimento dos meus alunos e comunidade, quanto para os meus colegas, professores. Então essa é uma das coisas que eu vejo que eu pude trazer para o meu meio profissional e que pode colaborar, pode contribuir de alguma forma, assim. No mais, num geral, eu vejo que trabalhando esse tempo em escola, eu posso te dizer que é sempre muito difícil para a gente, né? Estar nesses espaços e conseguir, de forma tranquila, desempenhar o

nosso papel e trazer, muitas vezes, a perspectiva que as nossas vivências trazem, assim. Tem algumas coisas que a gente ainda sente muito endurecidas dentro do espaço escolar, mas eu acho que a gente vem avançando. Eu digo a gente vem avançando enquanto indivíduos negros, eu acho que a gente vem cada vez mais ganhando o nosso espaço e eu acho que isso se deve muito à nossa maneira de ser... Tanto que a gente estuda, tanto que a gente vai ampliando os nossos conhecimentos e o tanto que a gente vai enxergando, o quanto é importante a gente ter uma rede de trocas, né? A gente chama de aquilombar¹⁴, né? Eu acho que o fato de a gente se aquilombar cada vez mais vem ampliando muito, vem abrindo muito os nossos acertos. os espaços que antes nos eram negados. Por exemplo, eu sempre gostei muito de estar à frente de várias coisas que acontecem dentro da escola, mas eu nunca me vi como sendo possibilidade de ser a gestão daquela escola. Eu sempre me via como aquela roda que ajudava a fazer a engrenagem funcionar, mas eu não via que eu poderia ser aquela pessoa para ocupar aquele espaço de liderança. E quando eu comecei a me dar conta que os outros também não viam essa possibilidade, principalmente alunos negros ou funcionárias de escola que estavam na limpeza, que não viam tanto as mulheres, principalmente mulheres negras, em cargos de liderança eu comecei a ter a vontade de sim ocupar esse espaço. Eu comecei a me dar conta que se eu fazia tanto, se eu gostava tanto de movimentar, eu podia também estar à frente. Eu poderia assumir. com um cargo de liderança, ocupar esse espaço de liderança, e inclusive servir até como exemplo para outras meninas, outras mulheres que estão ali. Então, no ano passado foi a primeira vez que me candidatei. Nos últimos anos, eu ando fazendo coisas bem audaciosas mesmo, porque com 38 anos, eu fui a mulher mais velha a compor um cargo que se diz de beleza, que tem representatividade, beleza, fala e tudo, mas foi a mulher mais velha a compor esse cargo em Porto Alegre, né, aos 38 anos.

E agora, aos 40anos, me candidatei a direção da escola, onde trabalho, né, uma escola aqui na zona norte, Porto Novo, e junto com a minha vice, assumimos, fomos eleitas, e estou, estou aí, iniciando essa caminhada agora, como gestora de uma escola, né, muito feliz e vejo também as minhas colegas, principalmente as colegas negras, né,

¹⁴ Segundo a historiadora Beatriz Nascimento, no documentário "Ôri", de 1989, aquilombar-se é o movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo, tornar-se quilombo. Ou seja, aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra hegemônica a partir de um corpo político.

muito felizes de poder ver uma outra, né, parceira ali junto, muito esperançosa. Então, eu costumo dizer que lá, quando eu comecei a trabalhar com o EJA, eu acho que foi onde mais caiu a minha ficha, né, da importância de, muitas vezes, eu ser um espelho, e trazer coragem, e trazer uma outra perspectiva para outras mulheres, porque cada vez que eu chegava para trabalhar, eu tinha sempre várias adolescentes na minha volta, mulheres novas, com 17, 18, 19, 20 anos, muitas delas sempre na minha volta, e me dizendo o quanto me admiravam. Elas diziam, nossa professora, te acho tão bonita, te acho tão maravilhosa, acho que o cabelo está sempre lindo, acho que está sempre bem vestida, acho que não sei o que, e tal, tal, tal. E então, eu sempre dizia para algumas meninas, assim como vocês, eu sou a uma menina que crescia no meio da vila, eu cresci na periferia, só que eu não deixei de estudar. Então foi a partir do estudo que eu vim ocupando esse espaço. E é por isso que eu estou aqui hoje trabalhando com vocês em língua portuguesa. Porque justamente não foi, eu não deixei que o lugar que eu nasci, as minhas dificuldades financeiras, elas restringissem ou impedissem de chegar em algum lugar. É claro que eu não cheguei sozinha. Eu precisei de uma bolsa de estudos numa escola particular. Eu precisei depois de uma ajuda que eu consegui no Governo Federal para fazer a minha faculdade. Então quer dizer, todas essas coisas foram as coisas que possibilitaram que eu chegasse até aqui. E entendo que se cheguei, eu tenho que estar pronta a ajudar outras pessoas também a poderem chegar onde eu estou, mas acho que foi importante para eles, mas também foi muito importante para mim, porque quando tu nasce e tu cresce num berço carnavalesco, onde tu tem a tua família toda fundadora de escola de samba, e onde aquilo para ti é algo comum, é algo normal, mas que a sociedade te retrata como algo feio, algo sujo, algo... Por mais que tu saiba que aquilo ali não tem nada de errado, ao mesmo tempo, tu não passa refletir sobre aquilo ou pensar se realmente tem alguma coisa de errado ou não. Então, quando os alunos começaram a me abordar, me assediando e trazendo isso como se o fato de eu sair e desfilar em escola de samba, eu não pudesse ser uma profissional docente, ou que a minha imagem estaria de alguma maneira manchada, ai eu tive que refletir sobre isso, coisas que eu nunca tinha parado para refletir, ai eu tive que parar e pensar e digo, tá, mas será que então quer dizer que eu, enquanto professora, eu estou fazendo alguma coisa errada, por amar o carnaval, por estar nesse espaço com

a minha família? Digo, não, na verdade, eu não tenho nada de errado. São as pessoas que não conhecem minha cultura, são as pessoas que não sabem sobre o que eu estou falando. Então, eu resolvi trazer isso para a roda mesmo. E aí, a partir do momento que tu traz para a roda, daqui a pouco a roda te engole de um jeito, o que não tem, quando eu vi, eu já estava na corte do carnaval e vai lá e fala. É sobre isso, né? Então, de alguma maneira, foi uma contribuição importante. Eu acho que aquelas meninas e também aquelas senhoras, principalmente daquelas senhoras, assim, com 50, 40, 60, que tinham histórias de muitas dores e de situações de abuso físico mesmo, e elas se enxergarem ali não tinha nada de errado. Tinha ali a Escola de Samba da Vila, elas frequentavam e elas não estavam erradas por isso. Isso também foi muito positivo. Foi positivo para elas, foi positivo para mim. E eu acho que foi positivo de alguma maneira, assim, na reflexão de muita gente, assim. É isso. É isso que a gente falou, que as pessoas poderiam... É para perceber onde é que aquele preconceito, onde é que a coisa está formigando, onde é que está latente ali, onde é que aquilo ali está fazendo fumaça, e aquilo ali está errado. Mas está errado? Por que está errado? O que tem de errado na nossa religião? O que tem de errado na nossa cultura carnavalesca? Sabe dizer? ou é uma coisa que está distorcida? Trabalhar onda só, né? É, acho que a gente trazer isso para a roda, trazer para a conversa. E eu acho que o fato de hoje em dia a gente ter os EEABIs¹⁵ na escola, isso também vem trazendo cada vez mais para a roda. As pessoas estão estudando mais sobre isso, e também as pessoas estão trazendo mais isso para a roda. (Escrevivência de Solange, 2023)

Já em suas primeiras narrativas a professora Solange pontua regidamente a ressignificação do corpo ao trazer sua definição do que é o carnaval e do quanto o olhar colonizador pode ser devastador ao desconsiderar o seu potencial de conhecimento e aprendizado, ao dizer: “o que seria a cultura do Carnaval, porque as pessoas logo pensam em bunda e peito e não têm a menor noção do que exatamente a

¹⁵ Espaços Educativos Afro-brasileiros e Indígenas/EEABIs nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre – Coletivos constituídos de professores e alunos, representados oficialmente pelos primeiros com o propósito de fundamentar, pesquisar, fortalecer e consolidar conceitos, experiências e atividades em Educação para as Relações Étnico-Raciais, conforme descrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais para ERER (Parecer CNE nº 003/2003), criados no ano de 2022, Os EEABIs protagonizam também a importância da formação continuada para a Educação Antirracista.

gente fala quando fala em escola de samba, que é um espaço onde a gente frequenta justamente com a nossa família, são espaços onde a gente constrói e aprende sobre histórias. Tem muitas vivências, muitas experiências a partir da cultura carnavalesca. E ali eu percebi que eu falar sobre isso, era trazer um pouco da minha perspectiva pessoal para o meu meio profissional e que aquilo ali contribuiu muito para eles.” (Escrevivência Solange, 2023, p.58) Aqui já se percebe a quão potente e posicionada ela se constitui e a sua inteligente percepção em usar todo este conteúdo cultural, em seu processo de ensino aprendizagem - *eu passei a usar isso, essa minha vivência* (Escrevivência Solange, 2023, p.58) e na forma como ela se relacionava com seus alunos. A professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1997), corrobora com a importância de ressignificar o corpo negro, que a abordagem feita por Solange, na sua narrativa quando diz: “O povo negro onde quer que esteja entre culturas africanas ou outras [...] ainda expressa a vida com o corpo inteiro. A pele negra não o deixou esquecer que é com o corpo, antes de mais nada, e não apenas com bons raciocínios, que descobrimos o mundo, as outras pessoas e o que elas pensam de nós. (p.167).

Este modo de ver o mundo e de encarar o seu processo pedagógico, definiu o papel de Solange como uma docente antirracista, inclusive para que ela reconhecesse os avanços que, segundo ela, foram identificados rumo à autoafirmação do negro “*enquanto indivíduos negros, eu acho que a gente vem cada vez mais ganhando o nosso espaço e eu acho que isso se deve muito à nossa maneira de ser... Tanto que a gente estuda, tanto que a gente vai ampliando os nossos conhecimentos e o tanto que a gente vai enxergando, o quanto é importante a gente ter uma rede de trocas,*” (Escrevivência Solange, 2023, p.59) e que ela tem consciência de que enquanto docente tem a responsabilidade de ser exemplo, modelo... “*foi onde mais caiu a minha ficha, né, da importância de, muitas vezes, eu ser um espelho, e trazer coragem, e trazer uma outra perspectiva para outras mulheres,*” (Escrevivência Solange, 2023, p.60) mas esta consciência não se constituiu do nada, muito antes pelo contrário, foi se construindo na medida em que suas dores e medos foram dando lugar a consciência de sua própria potência mesmo na diversidade “*eu não deixei que o lugar que eu nasci, as minhas dificuldades financeiras, elas restringissem ou impedissem de chegar em algum lugar. É claro que eu não cheguei*

sozinha. Eu precisei de uma bolsa de estudos numa escola particular. Eu precisei depois de uma ajuda que eu consegui no Governo Federal para fazer a minha faculdade. Então quer dizer, todas essas coisas foram as coisas que possibilitaram que eu chegasse até aqui. E entendo que se cheguei, eu tenho que estar pronta a ajudar outras pessoas também a poderem chegar onde eu estou.” (Escrevivência Solange, 2023, p.61) Soube se valer da rede de oportunidades que surgiu a sua volta e avançou nos seus objetivos pessoais e profissionais.

Percebo que a escrevivência protagonizada pela Solange, tem muita identificação com a abordagem teórica de bell hooks, por vários ângulos, mas principalmente pela fase em que a autora enxerga seu processo docente através das influências que a obra de Paulo Freire exerce sobre a construção dela.

Ao propor uma pedagogia engajada, cujo ponto focal é a valorização dos estudantes e a escolha por uma educação libertadora, eu consigo perceber estas características nas práticas da professora Solange, no momento em que ela quer usar sua imagem carnavalesca e culturalmente bem resolvida com seu corpo de ser uma mulher negra. Neste momento sinto que ela provoca os estudantes a transgredir sua condição periférica e propor outro percurso para sua construção social, propondo uma pedagogia das diferenças, através de seu processo educativo. Estes estudantes, ao aceitarem a provocação, afetam o processo de ensino que ela se propõe, fazendo com que este processo, se enxerque potente, lhe dando elementos que permitam avaliar que a rota educativa escolhida é cíclica, é circular, onde se pode ensinar mas também aprender..

bell hooks (2017), reforça justamente este ponto dentro de sua concepção de autoatualização quando diz que “toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento do professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo” (p. 34-35). Justamente por esta capacidade de propor práticas que envolvam seus estudantes e que desafie Solange como educadora antirracista.

3.2. Transformando dor em potência

A escrita da vivência da professora Valesca, nos conta a história da menina negra vítima de racismo, cuja dor e sofrimento ela ressignifica e transforma em potente construção antirracista na educação.

Bom, assim na minha prática, na sala de aula quando comecei a dar aula eu tinha uma impressão de que eu não conseguia atender os pressupostos da Educação antirracista, até eu fazer o curso do territórios negros em 2018 e assistir a fala do professor Verrangia¹⁶, não me lembro primeiro nome dele agora, que é professor das licenciaturas na Unicamp, na área de ciências e quando eu percebi, na fala dele é que eu me dei conta de que sim, que eu fazia, porque eu sempre, desde que eu iniciei minha carreira docente, eu sempre me esforcei em ser para os meus estudantes o professor de Ensino Fundamental que eu imaginava que teria me contemplado. Então eu sempre coloco para eles as questões da dúvida, de algumas coisas que são postas como certas, como fechadas e também coloco para eles a possibilidade de ter outras interpretações para as mesmas coisas que a gente lê como fixas, como se elas fossem universais, como se tivesse sido sempre assim e como é que isso atravessa na minha vida porque eu fui para escola muito cedo, cedo mesmo e eu sempre fui apaixonada para escola. Eu moro na rua do bairro que tem uma das maiores escolas do bairro e quando era criança bem pequena as crianças passavam para escola e eu ficava ali olhando, e perguntava para minha mãe quando é que eu ia para escola. Conta a lenda que minha mãe disse que eu ia para escola no ano novo, no próximo ano. E que quando passou a meia-noite no réveillon, eu arrumei uma sacola com uns brinquedos e disse que estava pronta para ir para a escola. Minha mãe explicou que não podia me levar porque era a noite do ano novo, então não tinha como ir para escola naquele dia. Eu me lembro do dia que eu fui conhecer a escola que eu ia estudar, e lembro bem. Lembro de entrar na sala e do meu pai dizendo “mas tu veio hoje só conhecer a escola” e eu responder “não, mas tem aula né? Está tendo aula e eu vou ficar na aula né?” Aí a professora disse “pode deixar ela aí coisa e tal”, e eu fiquei. Eu me lembro de alguns flashes desse primeiro dia e vou te dizer que é a minha única lembrança da educação infantil é esse primeiro dia. Então, eu sempre gostei muito da escola e sempre me esforcei muito. E tem uma frase eu acho que é da Lélia, “ela é pretinha,

¹⁶Douglas Verrangia Correa da Silva - É Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos (2000), Mestre (2004) em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos e Doutor em Educação pelo PPGE-UFSCar com estágio doutoral na City University of New York (CUNY) (2009). Tem experiência na área de Educação e Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino-aprendizagem de conceitos científicos e relações sociais, com ênfase nas relações étnico-raciais.

mas é inteligente”¹⁷ que eu tenho ali no meu celular que eu sempre tive aquela coisa de me esforçar muito para ser a primeira da classe para tentar me salvar do tratamento diferenciado que naquela idade, naquela época eu não conseguia identificar a causa. Mas eu percebia que eu precisava fazer muito mais do que umas outras colegas faziam para conseguir um respeito, uma consideração minimamente parecida, porque o tratamento nunca foi igual e eu via que aquilo acontecia e que muitas vezes não era uma coisa natural que existia um favorecimento que existia uma discrepância que fazia com que eu pensasse “o quê que eu tinha feito para aquelas pessoas para elas me tratarem daquela forma. Então, com o passar do tempo eu comecei a me dar conta que sim, que muitos professores se davam conta do que estava fazendo, mas eles mantinham o comportamento para manter um “status quo” e admitir que eu era a primeira aluna da classe era admitir muita coisa ruim com relação aos outros estudantes, então era muito mais fácil admitir que eu era a segunda ou a terceira. A faculdade foi um tempo muito triste da minha vida, mas foi na faculdade que eu consegui definir o que que é que eu sentia. Foi na faculdade que eu consegui olhar para os lados e ver que isso tudo aí sempre foi o racismo. E aí acontece que os meus colegas falavam coisas e eu tinha vontade de responder e eu não respondia porque eu estava sozinha e quando eu respondia, quando eu me colocava e ponderava de forma contrária, eu sempre era colocada em xeque, porque que bobagem, afinal “eu” estava lá. Acontece que continuava sendo muito ruim, mas aí já não doía tanto em mim, não era sobre mim. Como no Medida Provisória, tem uma fala que o Antônio, que é o personagem do Alfred, diz “sim vocês vão ter que conviver com meu talento, vocês vão ter que lidar com a minha presença” e é isso, se vocês estão incomodados comigo que fiquem. Para mim fazer educação antirracista é viver, é sobrevivência, é o mostrar para os meus estudantes que estão convivendo comigo, que além do conteúdo de ciências que eu tenho para apresentar para eles e para mediar o contato com eles, eu, como pessoa, como sujeito humano, membro da sociedade, tenho uma contribuição pessoal para fazer a eles, da minha vivência, de compartilhar essa experiência com eles e dizer para eles: “essa é a minha leitura de mundo!” Não invalidam

¹⁷ Essa frase que a professora comentou no momento da conversa, e não lembrava onde estava escrita, mas depois ela enviou por WhatsApp um print, em que detalhou que a referência era de Lélia Gonzalez escrita no Pasquim (871), 20-26 de março de 1986, p. 9.

ela porque ela não vale mais ou menos que a de vocês, ela vale igual. Eu penso sempre que se eu conseguir fazer essa mente balançar e pensar se realmente tudo sempre foi sempre assim ou se querem que eu pense que sempre foi assim para não questionar, o meu trabalho já tá feito! (Escrevivência de Valesca, 2022)

As experiências relatadas pela professora Valesca, aponta para os limites e as incompletudes que o trabalho com a educação das relações étnico-raciais provoca. Ao ler o texto, fruto do seu relato, consigo perceber que há questões que merecem ser aprofundadas pela peculiaridade e conteúdo que possuem, tais como a frase *“eu sempre, desde que eu iniciei minha carreira docente, eu sempre me esforcei em ser para os meus estudantes o professor de Ensino Fundamental que eu imaginava que teria me contemplado.”* (Escrevivência Valesca, 2022, p.62), num contexto qualquer esta frase poderia até passar despercebida, mas estamos falando de um contexto de uma mulher negra, inserida numa sociedade racista, machista e altamente preconceituosa. E este é um dos méritos que imagino ter nesta proposta de tese, buscar nos relatos escrevíveis das educadoras entrevistadas, pistas, elementos que me levem a pensar que é possível sonhar com um fazer pedagógico a partir de uma proposta antirracista.

A reflexão que o relato evoca, reposiciona a visão de classe e raça que emana da nossa vivência em sociedade, que insiste em determinar um lugar de menos valia da pessoa negra, organizando uma hierarquia que foi forjada pelo racismo: *“admitir que eu era a primeira aluna da classe era admitir muita coisa ruim com relação aos outros estudantes, então era muito mais fácil admitir que eu era a segunda ou a terceira”*. e a permanente construção de um marco cada vez mais amplo para a educação das relações étnico-raciais. (Escrevivência Valesca, 2022, p.63)

A frase dita por Lélia Gonzalez ao Pasquim, em março de 1986, “A única saída que eu encontrei para superar estes problemas foi ser a primeira aluna da sala. É aquela história, “ela é pretinha mas é inteligente”, foi uma influência positiva e “divisora de águas” na vida de Valesca, segundo seu relato esta frase lhe ajudou a superar o tratamento preconceituoso e racista pelo que era submetida quando estudante. *“E tem uma frase eu acho que é da Lélia, que eu tenho ali no meu celular que eu sempre tive aquela coisa de me esforçar muito para ser a primeira da classe para tentar me salvar do tratamento diferenciado que naquela idade, naquela época eu não*

conseguia identificar a causa. Mas eu percebia que eu precisava fazer muito mais do que umas outras colegas faziam para conseguir um respeito, uma consideração minimamente parecida, porque o tratamento nunca foi igual e eu via que aquilo acontecia e que muitas vezes não era uma coisa natural que existe um favorecimento que existia uma discrepância que fazia com que eu pensasse “o quê que eu tinha feito para aquelas pessoas para elas me tratarem daquela forma”. (Escrevivência Valesca, 2022, p.63)

Fico pensando o quanto a infância de milhares de crianças negras de minha faixa etária ou da faixa etária de Valesca teria sido diferente e menos dolorida se nesta época nossos professores tivessem uma consciência antirracista, infelizmente não tínhamos, na verdade não existia nem representatividade visual, considerando que, sem as políticas afirmativas que temos hoje, o número de professores e professoras negras era infinitamente menor do que se comprova nos dias atuais.

Não estou afirmando que só professores e professoras negras são capazes de ter pensamentos e práticas antirracista, mas certamente a presença destes profissionais em maior número no ambiente escolar provocam um letramento racial no contexto da escola, capaz de influenciar e despertar em professores e professoras não negros(as), a consciência de seu lugar de privilégio e passem a adotar uma postura antirracista nos seus processos de ensino, contribuindo assim para educação transformadora, diversa e inclusiva.

Ao mesmo tempo é notável que a condição vivenciada por Valesca e o seu desejo que outros estudantes não passem pelas mesmas dificuldades e situações pelas quais passou, a transformou na professora que se tornou, cujo cuidado e a escolha dos melhores processos e práticas pedagógicas construíram uma metodologia de ensino que leva em consideração a equidade e o exercício da diferença.

Para mim fazer educação antirracista é viver, é sobrevivência, é o mostrar para os meus estudantes que estão convivendo comigo, que além do conteúdo de ciências que eu tenho para apresentar para eles e para mediar o contato com eles, eu, como pessoa, como sujeito humano, membro da sociedade, tenho uma contribuição pessoal para fazer a eles, da minha vivência, de compartilhar essa experiência com eles e dizer para eles:

'essa é a minha leitura de mundo!' Não invalidam ela porque ela não vale mais ou menos que a de vocês, ela vale igual. (Escrevivência Valesca, 2022, p.64)

3.3. A importância da representatividade negra

Desde a criação das cotas raciais¹⁸ e em particular das cotas no serviço público, somos questionados quanto ao suposto privilégio que esta política pública concede, mas o fato é que, antes delas éramos praticamente inexistentes nas universidades e uma minoria no serviço público, em particular nas escolas públicas municipais e estaduais, já que aqui me interessa tratar do campo educacional. Hoje, após muitos órgãos públicos aderirem á esta política pública, se pode observar um quadro de progressivo, mas significativo aumento no número de docentes negro e negras nas escolas, bem como aparecendo com maior frequência em cargos de gestão dentro da escola. A história de Eloísa protagoniza sobre este lugar de representatividade de identidade, tanto para ela enquanto indivíduo quanto para os seus estudantes enquanto uma educadora antirracista.

Eu nasci numa família onde só tinha adultos. Meu pai nasceu em Bagé e foi para Rio Grande cuidar do avô dele e esse meu bisavó só falava francês, e o meu pai aprendeu a língua com ele aos nove anos de idade, mas depois ele ficou maior de idade, e foi para Porto Alegre e casou com minha mãe e tudo mais... Então, nós fomos para Bagé, meu pai tinha um primo lá, o único parente dele naquela época, e nós fomos morar lá. Morando em Bagé, chegou a minha idade escolar. Eu tinha quatro para cinco anos e me levaram para a pré-escola, ali fui apresentada a minha primeira experiência racista. Estávamos fazendo uma rodinha e tivemos que dar a mão para a menina que estava ao meu lado, mas ela não quis me dar a mão, porque minha mão estava suja de barro, então disse a ela que não era verdade e passei a minha mão no uniforme, que era uma camisa branca e um macacão branco mostrando que eu estava limpa. A professora então me deu

¹⁸ São reserva de vagas para autodeclarados negros, criadas por leis a partir de ações afirmativas. As ações afirmativas representam o conjunto de políticas, sejam elas de caráter público ou privado, que possuem o propósito de combater discriminações as mais diversas possíveis (de raça, gênero, orientação sexual, classe social etc.); bem como corrigir as consequências atuais decorrentes de práticas reiteradas de discriminação e preconceito engendradas no passado. (MOEHLECKE, 2002; MUNANGA, 2001).

a mão e trocou a menina de lugar. Na metade daquele ano voltamos para Porto Alegre, pois eu não tinha me adaptado ao clima de Bagé, tinha frequentes crises de asma, mas não tinha como me matricular aquela altura do ano no Jardim de Infância, porque já tinha começado aí tive que aguardar virada de ano. A mãe foi me matricular numa escola perto de casa, eu já estava com 5 anos, mas me acharam muito alta para minha idade para frequentar uma turminha de jardim de infância, então fizeram um teste comigo e me colocaram numa turma mais avançada. Eu lembro que nós tínhamos uma aula assim de brincar de roda, depois me dei conta que era aula de recreação, de educação física. Numa dessas aulas fizemos uma rodinha e tinha que dar, a mão e eu lembro que comecei a passar a mão na manga da camisa do uniforme antes de pegar na mão do coleguinha. Então eu comecei a frequentar o primeiro ano deu tudo certo e eu olhava meus colegas e era assim, era eu ali um grãozinho de feijão num saco de arroz. Aí nesse meio tempo apareceu uma outra menina. E essa menina era pretinha e a gente começou a sentar perto, fizemos amizade e ninguém disse nada ... continuamos juntas aí depois eu vim a saber que essa menina era a filha da moça da limpeza, da higienização. Eu ainda tenho contato com ela pelo Facebook¹⁹ até hoje ... Enfim, desde o primeiro ano sempre juntas até a quarta série. Eu lembro que nessa série era eu e ela até que chegamos na quinta série onde veio as matérias maiores e nós tínhamos também aula de música e na primeira aula eis que entra na sala uma professora também preta como nós. A professora, nunca vou esquecer o nome dela Maria José... ela era alta e eu a achava muito bonita e eu e Ana nos olhamos e olhamos para ela ... que bom, porque ela era e foi a minha primeira professora na quinta série que era negra, então nós éramos três naquele momento na sala era eu, Ana e a professora de música. Eu lembro que ela não sorria ela era bem exigente e era bem mais exigente comigo e com a Ana se os outros faziam uma meia boca tudo bem, mas às vezes a gente lembrava que ela exigia da gente bastante ... até então a gente não sabia o porquê, enfim mas a gente sempre tentava fazer o que ela mandava, porque ela não queria que a gente tirasse uma nota menor, e a gente conseguia isso, boas notas em música. Aí foi passando o tempo e na sexta série apareceu um menino, foi o primeiro

¹⁹ rede social criada por Mark Zuckerberg que começou em 2003 e que deu origem à empresa Meta. Rede social que conecta usuários em todo o mundo. Por meio de perfis — pessoais e profissionais —, é possível encontrar e conhecer pessoas, acompanhar personalidades públicas e marcas, criar, consumir e compartilhar conteúdos e muito mais.

menino negro que estudou comigo, já na sétima série apareceu mais um e foi aumentando, aumentando, quando chegamos na oitava série, final do ensino fundamental, éramos uns dez. Ana foi para uma outra escola, pública e eu quis fazer um curso para ser cozinheira, fui para um curso técnico porque o meu pai, ele era cozinheiro ... Meu pai disse que não queria que eu fosse cozinheira, nem pensar disse que eu estava estudando num colégio bom que bem ou mal ele se sacrificou por mim, minha mãe também disse que eu não ia ser cozinheira que escolhesse outra profissão aí o que que eu fiz? eu sei que vou fazer, pensei, vou fazer nutrição nesse meio tempo, quando todos saíram da escola eu fui para uma escola técnica ali no centro de Porto Alegre aí também o pai já estava aposentado e às vezes ele me levava e às vezes ele me dava passagem, ali sim, ali tive mais contato com mais colegas negros e negras, mas eles não terminaram o curso, só eu e uma outra menina que nos formamos no curso técnico de nutrição e nós fomos trabalhar. A coordenadora do estágio que era nutricionista do Hospital Moinhos de Ventos disse "tu vai vir comigo..." e me colocou no lactário era na parte dos bebezinhos ... lá no lactário eu tinha que cuidar e verificar as mamadeiras das crianças e dos bebezinhos e esgotar as mães, aquelas mães que tinham muito leite ou que tinha que deixar o leite para seu bebê prematuro.. Eu lembro que às vezes quando chamavam na salinha de esgotamento eu ia aí elas ficavam me olhando meio estranho, mas depois quebrava aquele clima e tinha outras mães que ficavam até conversando comigo normal até que apareceu uma outra menina que faz estágio comigo e um dia Ela disse: assim Eloísa Tu não notou nada de diferente de como elas olham pra nós com cara de sei lá que a gente fosse roubar ... Ela falou mais alguma coisa eu não estava vendo nada, nada, nada disso... foi passando o tempo né aí eu já estava já saindo do curso técnico com 18 anos. Enfim fiz aquela coisa toda de vestibular numa faculdade particular a FAPA em 1991, passei...Então até nesse momento em diante eu só tive uma professora que era a professora de música a Maria José e depois as minhas colegas que não eram muitas. Quando comecei a pensar algo sobre o Racismo, eu fazia a licenciatura de português e inglês e literatura só que eu tive que sair do inglês né, porque a minha irmã tinha falecido e no caso tinha que diminuir as cadeiras. E aí diminuí o custo do curso para ajudar o pai e a mãe no orçamento, aí eu tive que fazer aula de Cultura Brasileira no lugar de língua inglesa. O professor da

cadeira era um homem que tinha a fama de ser terrível era o Áureo, ele era um alemão grandão... sempre te encarando ... Aí numa das aulas de Cultura ele entrou na sala e começamos a falar sobre a Lei Áurea²⁰ e na cultura indígena, falava nos “índios” e por que a cultura negra para ele não era muita coisa e até então os negros que estavam aqui no Brasil, Olha só, estavam aqui no Brasil tinham muita sorte, porque não estavam morrendo de fome ... aí eu não me contive e disse para ele que eu não concordava com ele -” não concordo com o senhor Professor”, quando eu disse que não concordava com o professor eu ganhei chute, por baixo, beliscão, aquela coisa toda, uns diziam para eu não falar nada, ele ia me rodar ... Aí ele olhou para minha cara e perguntou por que eu não concordava eu disse porque, como o senhor é professor de Cultura acredito que o senhor sabe né que segundo a verdadeira história Ninguém chegou aqui por “Ah vou dar um rolezinho ali no Brasil” porque não tinha nada que fazer... Nem se falava rolezinho nos anos 90, mas foi mais ou menos assim que eu me justifiquei, aí ele disse assim tá... e eu continuei ... porque é isso, porque a gente, nós não viemos, nós não fomos trazidos...., depois a história contou diferente que nós viemos em navio negreiros ninguém quis vir por livre e espontânea vontade ... e o pessoal dizendo lá no meu ouvido - Querida olha a cara dele aí terminei, enfim ficou mais ou menos um debate eu e ele o resto tudo me olhando com cara de pavor aí eu lembro que era quase final de semestre aí veio a tal da lista de quem passou aqui não passou, mas pisme! eu aprovei e até agora eu não sei se aquilo que ele falou foi para que, digamos... sei lá ... instigar a gente, alguém ou era eu mesma para saber até que ponto eu sabia a minha história ou se eu ia aceitar o que ele falou ou não, enfim só sei que ele tinha fama de rodar todo mundo..., mas eu não me iludo, ali também eu encarei como um afronta e também porque o corpo fala, né? E quando eu estava falando eu lembro que ele ficava inquieto na cadeira ele nunca levantou, ele não se levantou, mas ele tinha um olhar fixo em mim era como se ele estivesse analisando as minhas palavras. Aí veio a formatura, na formatura também eu lembro que tinha um menino do mesmo curso só que ele estava bem antes, ele era militar, era época de ver toga, filmagem, aquela coisa toda e na reunião ele foi lá dizendo

²⁰ Lei n.º 3.353 de 13 de maio de 1888, foi o documento legal que estabeleceu o fim da escravidão no Brasil. Foi assinada pela princesa Isabel.

que não ia na formatura e a gente perguntou para ele “porque que tu não vai te formar” ele respondeu “o meu comandante não quis me liberar” ah? “O teu Comandante não quis te liberar porque que não?” aí ele pegou deu de ombros assim ... aí só sei que um pessoal lá da comitiva de formatura deu um jeito, não sei que jeito que a gurizada deu que só sei que no final ele estava conosco na formatura e nessa formatura eu lembro que estava eu ele e mais uma menina, Era uns três negros se formando. Naquele ano se formou no curso de pedagogia o de letras da língua inglesa e o de letras literatura acho que tinha umas 60 cabeças em 1998 foi em 98 que eu me formei, porque eu tive que atrasar umas cadeiras por causa do falecimento da minha irmã e tive que ajudar meus pais a criar meus sobrinhos, a guarda ficou com eles. Com a minha indignação com tudo que aconteceu até esse momento, foi que eu decidi -vou me formar de tranças, aí a mãe dizia não faz isso... vai ... volta atrás no cabelo ... não vão te aceitar com ele assim... eles não podem fazer nada... aí eu tinha né um conhecimento, de uma menina que fazia a trança. Aí ela falou “Pode deixar que eu faço, mas bem bonita”, aí ela fez para mim umas tranças e eu me formei de trança, tá lá a foto eu com a minha toga meu “chapeuzinho” aí me formei de tranças ... não sei como é que foi a reação das pessoas né, quando me viram e quando me chamaram para colar grau, mas enfim ... ali foi quando eu me digamos que eu como é que eu posso te explicar eu me vi... Passou quase um ano e eu fiz concurso para o município de Guaíba, com muita existência da minha Tia Iolanda que me ajudou muito na minha trajetória acadêmica tanto financeira como psicológica. Eu não queria fazer o concurso, eram oito vagas e já tinha acontecido o concurso para o Estado e muita gente que não conseguiu passar, foi fazer esse do município de Guaíba. Tentei argumentar para ela que eram oito vagas da onde eu vou passar? Não tem como passar são só oito vagas ... aí eu peguei e quis enrolar a tia dizendo que “eu não tenho um dinheiro para matrícula” e ela “não tem problema que eu tenho” ela que me trouxe aqui e o marido dela, aí eu fiz o concurso de 8 vagas. Então chegou um telegrama me chamando para comparecer na prefeitura e assinar a documentação ... e eu consegui a oitava vaga. Eu não acreditei, mas enfim, digamos que ela sabia que ia dar alguma coisa boa, fiz o concurso, fui chamada na prefeitura. E aí chegando na Prefeitura de Guaíba a coordenadora de concursos e diz - Olha é o seguinte as escolas que nós temos fica na

periferia, sabe como é que é ... olha só não sei como é que é mas as vagas aqui não é central, é na periferia, depois eu fiquei sabendo que só tinha uma escola central e tem ainda uma escola central do município aí me mandaram a um lugar muito frio... lá na escola comecei no mês de abril. Aí atravessei todo o inverno. Quando eu cheguei nessa escola para me apresentar ficaram me olhando, até então eu acho que nunca tiveram uma professora negra e eu lembro que a moça pegou o meu histórico que também tinha que e língua inglesa ela disse "tu vai pegar uma turma de inglês e uma de língua portuguesa" acho que tinha uns 20 alunos na turma não tinha mais do que isso, aí comecei a dar aulas. Cheguei na escola e me apresentei eles me ficaram me olhando ... fizeram algumas perguntas, mas sempre tem aqueles que perguntam ... reparei que não tinha nenhuma criança negra na turma agora eu lembrei, nenhuma mesmo e eles ficaram meio que curiosos vamos assim dizer eles não me questionaram muito eram turmas de criança, bem crianças. No meu primeiro conselho de classe tudo bem, na reunião de pais e na entrega de boletim entrou uma senhora e ela estava segurando uma criança com uma mamadeira e caiu a mamadeira no chão, eu estava passando eu vi, aí eu fui juntar e a senhora disse assim, não esquece de limpar o chão, assim não vão pisar em cima nesse meio tempo veio a moça da higienização, da limpeza e disse assim pode de deixar a professora Eloísa eu é que limpo essas coisas pode deixar ... , aí a mulher sumiu e eu nem sei onde é que ela foi, só sei que ela saiu segurando a criança e a mamadeira. Então essa foi a minha primeira relação com o racismo no ambiente escolar porque para aquela mãe eu era a moça da limpeza não era professora. Depois da reunião tinha que ir passar pelos professores e falar com eles e aí uma mãe perguntou para mim "ai cadê a professora de português meu filho não tá bem ... tu pode me dizer onde é que ela tá? Aí eu peguei o boletim e ela ficou me olhando, aí veio um menino e me perguntou sora como é que a senhora tá? aquela coisa toda ... aí ela ficou meio desconfiada e via-se que ela estava louca para dar uns "peteleco" no guri, sei lá mas ela viu que eu era a professora dele, mas enfim é assim, às vezes não nos aceitam. Eu tenho 23 anos de profissão e ainda tem pais que às vezes tem duas professoras, três professoras num local e eles chegam e perguntam "Cadê a professora do meu filho a professora de Língua Portuguesa" pode ser qualquer uma de cor branca, menos eu. Agora estou numa escola em que somos 10

professores e são negros o de matemática, literatura, língua portuguesa, língua inglesa, ciências e educação física, ou seja nós somos 50% nessa escola e o pessoal auxiliar de limpeza não tem nenhuma parece filme em que o papel o papel de coadjuvante sons nós que estamos na sala de aula, dando aula para os nossos alunos. ah nessa escola que eu estou a clientela tem crianças pretas também, mas é muito pouca por turmas por exemplo uma turma de 22 tem 3 alunos negros ou negras e às vezes nem isso, quisera eu ter mais, mas pelo menos ela tem um time de professor em que somos 50%. Racismo acontece sim assim, mas a gente sabe quando acontece e eu e as outras professoras e professores estamos prontos para um ERER. Tem alguma coisa que elas/eles querem ... cuida isso. E é bem visível, teve uma vez que uma menina que é muito inteligente e teve trabalho de grupo e todo mundo queria fazer com ela aí eu peguei e disse " não hoje ela vai fazer comigo no trabalho e foi assim, porque sabiam que ela era inteligente. Outros alunos não negros que não sabem, sempre a convidavam para o trabalho e ela sempre levando eles nas costas e tu via que ela não ficava à vontade às vezes ela queria aquele momento dela de fazer o trabalho dela, não queria dar palpite e eles queriam uma resposta e o restante era com eles, então ela só fazia o papel ali de dicionário vamos dizer o Google deles, entendeu como eu fiz uma parte desse trabalho como eu fiz, então a gente vai sempre tentando mostrar a eles e elas a importância e a capacidade deles. Meses atrás um ex-aluno da escola que formou em Jornalismo foi dar uma palestra na escola e esse moço foi lá e contou que na época dele ele não teve nenhum Professor negro e ele não tinha nenhuma identidade e aí um aluno levantou a mão e disse assim "Ah então agora a gente tá muito bem de professor". Então eles já estão vendo isso, identidade, acho que no momento que eles conseguem se ver e que tem alguém ali por eles, alguém que eles possam contar mesmo, que eles confiam, da minha parte sabem que eles podem contar e isso é bom, porque eu tinha uma professora preta, mas eu não sabia se podia contar com ela ou não, então a gente aprendeu a se virar sozinha no caso era eu a Ana, aquela minha amiguinha ela Ana era muito chorona às vezes era eu que tirava as dores por ela e quando era minha vez ela só chorava também. Então eu tinha que acalmar ela e me virar, então era assim, agora eles têm uma professora.

A narrativa escritora da Professora Eloisa, foi uma das mais impactantes para mim porque justamente me levou a visibilizar este lugar de representatividade que ocupamos para muitos estudantes negros e negras, sobre a nossa potência, *primeira aula eis que entra na sala uma professora também preta como nós. A professora, nunca vou esquecer o nome dela Maria José... ela era alta e eu a achava muito bonita e eu e Ana nos olhamos e olhamos para ela ... que bom, porque ela era e foi a minha primeira professora na quinta série que era negra* (Escrivência de Eloísa, 2023, p.68) e ainda assim, mesmo com toda esta potência, sua história lembra o que desde sempre a sociedade nos cobra, que sempre temos que mostrar que somos sempre muito bons, que nos superamos, que podemos, "*... ela exigia da gente bastante ... até então a gente não sabia o porquê, enfim mas a gente sempre tentava fazer o que ela mandava, porque ela não queria que a gente tirasse uma nota menor, e a gente conseguia isso, boas notas em música.*" (Escrivência de Eloísa, 2023, p.68) Porque ter sempre que nos provar para os outros, porque o racismo nos coloca neste lugar de incapacidade, de não merecimento, de não reconhecimento *Depois da reunião tinha que ir passar pelos professores e falar com eles e aí uma mãe perguntou para mim "ai cadê a professora de português meu filho não tá bem ... tu pode me dizer onde é que ela tá? Aí eu peguei o boletim e ela ficou me olhando, aí veio um menino e me perguntou: Sora como é que a senhora tá? aquela coisa toda ... aí ela ficou meio desconfiada e via-se que ela estava louca para dar uns "peteleco" no guri, sei lá mas ela viu que eu era a professora dele, mas enfim é assim, às vezes não nos aceitam.* (Escrivência de Eloísa, 2023, p.72)

A Escrivência da Eloísa, retrata a importância da representatividade, nas vidas de negros e negras. Isto fica explícito tanto na passagem de sua história pessoal quanto de sua história profissional, onde ela reproduz o entendimento de que ter pessoas comprometidas com a sua identidade negra, ocupando lugares sociais de visibilidade, tal como ser educadora na escola ou outro espaço de poder dentro ou fora da escola, possibilita às estudantes negras e negros, se ver e se relacionar com essa imagem com a qual se identifica.

Em se tratando de representatividade negra, qualquer uma das autoras, transcritas e mencionadas no capítulo 2.3 desta tese, terão contextos escritos que se relacionaram com este tema, elas próprias, por si só, pela posição que ocupam, já são nossas referências e possuem representatividades. Tal qual

mencionado por Conceição Evaristo, neste trecho onde diz que a “escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p.06).

A representatividade é uma das características da luta antirracista, com maior adesão e aderência, dentre as diversas pautas. É, também, a política afirmativa com melhor resultado, justamente porque é a porta de entrada para as discussões sobre a pauta negra.

[...] a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar, nossas visões de mundo[...] a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro. (hooks, 2019, pp. 36-37).

Identidade, representatividade e autoestima, são mais que palavras são concepções complementares, que ao se constituir no processo educativo de estudantes negros principalmente, são responsáveis por uma transformação socioemocional, tão profunda na pessoa negra que promove um verdadeiro apagamento das passagens do período escravocrata que persiste em marcar nossos corpos e mentes negras.

3.4. Sendo Negra, tornei-me Negra

Por cerca de 300 anos os negros do Brasil foram tratados como coisas, como objetos, lhe foi retirado tudo, inclusive a identidade. Este tratamento bizarro, deixou sequelas que atravessou gerações, até os dias de hoje temos como principal desafio reconstituir positivamente a autoimagem que a pessoa negra tem de si mesmo.

O que a narrativa escritora da Adriana nos prova é que ainda que se tenha nascida negra, descobrir-se negra é um processo lento e doloroso, tornar-se negra é uma vitória, por é a comprovação de ter superado o processo de transformação que vem com a descoberta. Vamos descobrir junto com ela como se deu este processo, mergulhando nas suas memórias escritoras.

Ao refletir sobre minha jornada como professora antirracista, compartilho significativamente minha história, principalmente minha infância. Recebi uma educação escolar que, ao olhar retrospectivamente, considero privilegiada em comparação com outras estudantes, graças aos esforços de meus pais, especialmente minha mãe, para nos manter em uma escola privada, eu e minhas irmãs. Contudo, guardo em minhas memórias a lembrança de apelidos dessa fase em ambientes nos quais eu era a única criança negra, como: "queimadinha do sol" e "cor de cocô". Hoje, percebo o quanto me esforçava para ser aceita entre as outras meninas brancas, sem compreender por que não me encaixava nos padrões tradicionais de beleza. Meu envolvimento consciente com a educação antirracista é recente, aproximadamente sete anos, e me percebo como uma educadora em constante desenvolvimento, absorvendo valiosos aprendizados com as lideranças negras, tanto mulheres quanto homens, que abriram caminho antes de mim, viabilizando os diálogos atuais sobre essa temática em diversos contextos da sociedade. Iniciei minha trajetória como professora, de educação infantil, na rede municipal de Porto Alegre no ano de 2015, o que considero a etapa crucial como educadora antirracista. Embora sempre tenha tido consciência de uma identidade negra, reconheço que alcançar uma plena compreensão entre ser negra e tornar-me negra foi e continua sendo um processo singular. Na EMEI Dom Luiz de Nadal, localizada no bairro Restinga, deparei-me com uma realidade marcada pela presença significativa de crianças negras no ambiente escolar. A abordagem prática em relação a EREER sempre foi uma constante em minha atuação, mas foi naquele espaço que passei a refletir sobre essa prática e iniciei um processo de identificação mais profunda com essas crianças. Esse envolvimento ganhou relevância com base em algumas leituras teóricas, incluindo o livro "O Silêncio do Lar, ao Silêncio Escolar" da autora Eliane Cavalleiro, que hoje considero uma fonte importante. Ressalto que, embora não seja uma educadora familiarizada com todos os teóricos ou que tenha lido todos os livros, tenho convicção de que a prática é fundamental, especialmente quando bem contextualizada. Nessa escola, desenvolvi algumas atividades, como abordar o tema dos Lanceiros Negros na Semana Farroupilha. Confesso que, por vezes, "atrapalhei" as atividades da semana Farroupilha, em

andamento na escola (risos), protestando com cartazes contra a invisibilidade de nossa história. Hoje, penso que a minha abordagem seria diferente, pois compreendo que a educação antirracista requer coletividade, envolvendo negros e brancos em uma sociedade mais justa e igualitária. Após ler o livro "Movimento Negro Educador",²¹ percebi que cada esforço em prol da luta contra o racismo é válido. A experiência junto ao grupo Canjerê me fez despertar para uma compreensão da educação para EREER, no chão da escola, agregadas a teoria. Práticas junto com as crianças foram surgindo de maneira mais contextualizada, reconhecendo a importância de vivenciar e experimentar a cultura afro-brasileira e africana na Educação Infantil diariamente. Ao expandir minha atuação pela escola, observei que algumas colegas negras se demonstravam silenciadas e até constrangidas com meu engajamento. Manifestavam-se através de olhares que indicavam distanciamento e a não permissão de participar comigo, nas propostas relacionadas à temática. Com o tempo, concluí que essas colegas precisavam curar suas feridas decorrentes de uma infância e vida marcadas pelo racismo. Entendi que no processo de "aquilombamento", é essencial oferecer o meu respeito, paciência e acolhimento, reconhecendo a singularidade das histórias e o tempo de cada indivíduo. É que é esse mesmo processo, de aquilombamento, que nos fortalece e me deu coragem em habitar, com o meu corpo negro, a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. Inicialmente, era para compor a assessoria da Educação Infantil. No entanto, ao chegar lá, deparei-me com uma única mulher negra, a Patrícia, dando continuidade sozinha ao trabalho para EREER para toda a nossa rede. Recordo-me de participar de um curso com a Patrícia e ela mencionar que eu passava diariamente por sua mesa, buscando identificação com a única mulher negra naquele setor e isso ter me provocado dor. Em seguida, me envolvi novamente no processo de aquilombamento, dessa vez, a mudança foi de um trabalho focado exclusivamente na escola para uma ampla perspectiva de mundo com as escolas municipais e comunitárias. Assessorar as escolas em suas demandas para a EREER me fez perceber o quanto nossa rede já realizava propostas potentes e valiosas, assim como a existência de muitos casos de racismo. Nesse contexto,

²¹ Esse livro foi escrito por Nilma Lino Gomes e publicado no ano de 2018 é resultado de seu primeiro pós-doutorado em Coimbra, supervisionada pelo prof. Boaventura de Souza Santos. O recorte central do livro é sobre a importância dos movimentos negros.

compreendi que minha função era apenas ouvir, acolher, colaborar na reflexão e prestigiar. Atualmente, estou em novo desafio, desempenhando o papel de vice-diretora na EMEI Prof^a Maria Helena Cavallheiro Gusmão. Nesta etapa, percebo que o meu compromisso é fazer uma gestão comprometida e garantir os investimentos financeiros necessários para a EREER, formação contínua e propostas práticas e diárias no ambiente escolar. (Escrevivência de Adriana, 2023)

Considero extremamente forte o conteúdo transcrito pela professora Adriana neste trecho de sua escrevivência, penso por quanta dor esta criança deve ter passado, pensando que algo de errado havia com ela que não permitia que as demais a aceitassem "... percebo o quanto me esforçava para ser aceita entre as outras meninas brancas, sem compreender por que não me encaixava nos padrões tradicionais de beleza(...)"; (Escrevivência de Adriana, 2023,p.76) na verdade o esforço utilizado para a aceitação, nada mais era do que a expressão do corpo infantil em uma luta interna entre embranquecer-se na esperança da aceitação ou rebelar-se contra a opressão invisível, mas palpável, que tentava lhe impedir de ser negra. Segundo Jerusa Romão (2001), "muitas vezes, por não saber, ou poder expressar verbalmente a opressão por que passa, a criança manifesta suas revoltas e seus desgostos por meio de atitudes agressivas contra si e os outros" (p.167,168). "*Embora sempre tenha tido consciência de uma identidade negra, reconheço que alcançar uma plena compreensão entre ser negra e tornar-me negra foi e continua sendo um processo singular.*" (Escrevivência de Adriana, 2023, p.77) Esse processo de tornar-se negra, o projeto de identidade negra ou afrodescendente, passa pela desconstrução das representações negativas do negro construídas socialmente por meio da ideologia do supremacismo branco. (RIBEIRO,1995, p.35) Um processo que Lélia González também viveu e descreveu em alguns dos seus textos

"A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada. Então, para mim, uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude está na luta contra o racismo. As outras são mulatas, marrons, pardos etc." GONZALEZ, 1988, p25)

Vejo neste posicionamento de Lélia uma provocação, ou melhor ainda uma convocação, ou seja, ao “tornar-se negra”, assumimos um posicionamento político diante da sociedade que naturalmente nos coloca na luta antirracista, lendo a escrituragem da Adriana e pensando nos tantos relatos escriturados na mesma direção, é possível supor que não esgotamos a importância de refazermos nossas histórias, justamente para mais de nós, sejamos capazes de “nos dar conta” de nossa negritude.

Ao se reconhecer negra, a professora Adriana, *descortina*, o seu olhar e percebe a emergência de uma atuação transformadora, por isto diz que: *A abordagem prática em relação a EREER sempre foi uma constante em minha atuação, mas foi naquele espaço que passei a refletir sobre essa prática e iniciei um processo de identificação mais profunda com essas crianças. Esse envolvimento ganhou relevância com base em algumas leituras teóricas, incluindo o livro "Do Silêncio do Lar, ao Silêncio Escolar" da autora Eliane Cavalleiro, que hoje considero uma fonte importante.* (Escrituragem de Adriana, 2023, p.77) É também neste trecho de sua narrativa que ela revela sua principal influência teórica, nesta construção a Prof^a.Dr^a Eliane Cavalleiro, que com o seu livro, “Do silêncio do lar ao silêncio escolar” mais expressivo denuncia as consequências devastadas, provocadas pelo racismo, nas crianças negras, quando instalado no interior da escola e conta com o conivente(inconsciente?) silêncio dos professores. Cavalleiro (2000) mostra como a cumplicidade de pais e professores no silêncio sobre as ideias e atitudes racistas reforça o sentimento de inferioridade e baixa autoestima da criança afro-brasileira (p.119)

3.5. A formação militante compondo à docência

A relação da militância partidária com os movimentos negros é recente na história do País em particular em nosso Estado e em Porto Alegre, no entanto Luciane consegue, com sua narrativa escriturada, apresentar o momento que estes movimentos se entrelaçam e constituem social e profissionalmente a sua vida, transformando-a.

Tudo tem um começo. A partir de... Eu adolescente, ... Eu criança... Sou uma criança que não entendo a questão do meu ser no mundo. Apesar de sofrer, sou uma criança tímida. Sou uma criança que pouco falo. Sou uma criança que sofre com minha condição de menina negra, né? No sentido de não me enxergar como uma menina bonita, não me enxergar como alguém que chame a atenção por atributos e tal muito antes, pelo contrário, não me enxergo ... E aí isso também na minha adolescência. Embora depois eu veja fotos e diga puxa como eu era bonita. Mas não tinha essa visão. Eu adolescente. No ensino médio eu começo a militar na política. Essa minha militância política, ela é uma militância mais na questão da defesa de direitos, das políticas de juventude e tal. Mas ela não tem esse recorte étnico. Nem um recorte feminista, nem um recorte racial. São pautas que, de certa forma, eram minimizadas na época, digamos assim... A gente entendia que existiam lados, dois lados, o lado dos trabalhadores, trabalhadoras e o lado da burguesia. E nesse lado dos trabalhadores, trabalhadoras, portanto, nós deveríamos nos unificar. E aqui não existia nada ou qualquer coisa pudesse nos separar. Era visto com maus olhos, assim, se tu focasse em pautas mais específicas, eram vistas como identitárias e tal, diversionistas, digamos assim. E aí, entro na universidade e aí a gente começa a fazer aquele debate do pós-modernismo, do multiculturalismo. Também eu olhava o pós-modernismo com muita crítica, porque mais era o pós-modernismo que trazia um pouco essas questões mais da adversidade e na verdade a gente se colocava num polo contrário. Era realmente uma teoria que não dava conta, de toda a forma, de como a gente pensava na questão. Eu acho que a gente avança depois com o entendimento da interseccionalidade²². É que o pós-modernismo, na época, não dava conta desse pensamento que a gente depois vai construindo. Mas enfim, já na universidade, já mais velha, eu começo a pauta da questão, tanto do feminismo como da questão racial, e eu me encanto pela questão do movimento de mulheres negras, quer dizer, já é uma coisa até aí, eu tenho uma militância mais partidária, e essa militância

²² O termo "interseccionalidade" foi apresentado pela primeira vez pela pesquisadora estadunidense, Kimberley Crenshaw, no ano de 2000, e busca interpelar o feminismo eurocêntrico e de classe média trazendo outras categorias como raça, gênero, classe, sexualidade, periferia, para o debate. Essa interação de fatores sociais definem a identidade de uma pessoa e a forma como isso irá impactar sua relação com a sociedade e seu acesso aos direitos humanos.

partidária, ela tem menos este viés, e aí eu vou para começar a participar de um movimento de mulheres negras na Associação Cultural de Mulheres Negras-ACMUN, onde eu começo a enxergar a questão racial dessa luta. A gente nem falava assim “antirracista”, mas dessa questão mais voltada às mulheres negras. Dentro deste processo de construção, de debate, que eu acho que vai atingindo de fora para dentro os partidos políticos, que é esse movimento que vai incidindo sobre a militância, vai incidindo na militância mais voltada para os partidos. Nesse primeiro debate, A gente começa... Aí eu conheço Geledés, eu conheço Criola, eu conheço Lucia Xavier, eu conheço Eliane Cavalleiro. A partir da ACMUN, a gente vai conhecendo essas pessoas que tratam da questão da educação. E aí eu leio o livro da Eliane Cavalleiro, o livro “Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar”, falando da questão da educação infantil. E aí, já na pedagogia, na universidade, e ao mesmo tempo com a ACMUN, a gente construiu o primeiro curso que tratava da Histórica Cultural Brasileira na articulação com a Universidade Federal do Grande Sul. Isso bem no início da lei, né? Se eu não me engano, é por 2003, 2004, bem no início, assim, dentro do debate da lei 10.639/2003. A gente constrói, agora eu não me lembro bem, foi com a Azoilda Loretto²³, a gente constrói aquele curso que teve aulas dentro da educação, na pedagogia, na época, o secretário da Educação era Fortunati, no estado, né, e a gente faz um curso para tratar da questão da história e cultura brasileira na escola, e a gente traz o presidente de Moçambique e faz uma aula magna na UFRGS e eu acho que é um dos primeiros movimentos, mas não é o primeiro provavelmente, mas é um dos primeiros movimentos, porque era bem no início da lei 10.639. E aí a gente começa a discutir mais a questão da educação e da lei, né? Então, aí eu já me vejo como uma educadora, que começa a elaborar mais sobre a educação antirracista. Aí depois tem a formatura, como professora, lá na UFRGS, na época, a gente, poucos negros e negras na universidade a gente reunia numa sala pequena e ali na época, na universidade a gente termina o curso de pedagogia e ingressamos no primeiro concurso de professoras cotistas na rede Municipal de Porto Alegre. Eu acho que um dos primeiros, do País, no serviço público, não sei se não é o primeiro concurso com cotas, do

²³ Azoilda Loretto da Trindade (1957-2015) foi uma intelectual e educadora feminista e negra, dedicou-se a teorias e práticas no campo da educação antirracista. Também foi responsável pelo projeto “A Cor da Cultura” desenvolvido pelo Canal Futura entre os anos de 2006 e 2010.

Estado né? Eu acho que não existia em outro município, né? Era o primeiro concurso com cotas, o primeiro concurso com cotas no município de Porto Alegre, era o primeiro edital com cotas. A gente ingressa nesse concurso, e aí tem alguns detalhes, essa minha trajetória. O primeiro de eu ter tirado, o primeiro lugar no geral do concurso, e isso na verdade a gente tinha um grupo de estudos, e isso é interessante também, a gente fez um grupo de estudos de mulheres negras, então nós tínhamos três que fizemos um grupo de estudos, nós passamos no concurso, eu tirei o primeiro lugar no geral e a Denise tirou, se eu não me engano, o sétimo lugar no geral, alguma coisa assim, e isso é algo interessante, porque demonstra a importância das cotas porque eu mesmo tirando primeiro lugar no geral eu terminei a universidade eu tinha zero de títulos eu não tinha mestrado, nenhuma de nós, não éramos tão jovens, aliás nós já estávamos nós formando com quase 30 anos né, então nós já não éramos tão jovens, mas não tínhamos nenhum pós graduação quando fazemos o concurso nós estamos saindo da universidade e o que acontece, eu tiro primeiro lugar na classificação geral do concurso mas como eu tenho zero de títulos eu vou para sétimo lugar no geral me mantenho no primeiro lugar cotista mas vou para sétimo lugar no geral então, ou seja, se a gente for pensar da importância das cotas é isso porque a gente não tá falando de condições cognitivas não a gente tá falando de oportunidade na vida que é diferente né, então mesmo tendo tirado uma nota alta não bastou porque eu precisava ter tido na minha vida outras oportunidades que eu não tive, ou seja, eu já me formo tarde porque eu tive que trabalhar com vinte e poucos anos e eu não tinha como só estudar né, todas nós trabalhávamos. Então é isso, se tivesse apenas esta uma vaga da geral essa vaga não seria minha, mesmo eu tendo a melhor nota, porque que tivesse títulos poderia passar na minha frente. Então as cotas, elas, eu sempre conto sim um pouco dessa história, porque as pessoas às vezes não entendem, mas é isso. É uma questão realmente de reparação, que a gente enxerga a população negra como uma população que teve menos oportunidades. Nós ingressamos, então, nesse concurso, e quando a gente ingressa por cotas, já é um ingresso diferente, né? Porque a gente tem um processo, a gente vai lá e se identifica como negra, como negro, né? A gente passa por uma

heteroidentificação²⁴, então é um processo educativo para a gente enquanto pessoa negra. Então a gente entra, já, a partir de uma ação política, trazendo um legado político, um legado de luta política. Porque já existiam negros e negras na rede. Quando eu entro no concurso, já temos professoras negras. Mas dá um diferencial, dá um diferencial, ao longo do tempo, a gente vai percebendo que essas pessoas começam a modificar a conjuntura da rede no que se trata a educação antirracista, o fato de ter as professoras e professores cotistas na rede. Ingressamos e logo depois, nós passamos por um processo de ataque, vamos dizer assim, as cotas, sofreram, mas era como se fosse a nós mesmos, por parte do Tribunal de Contas do Estado. O Tribunal de Contas, reprovou as contas da prefeitura e considerou as cotas no serviço público como inconstitucional, na época, o prefeito era Fogaça, e acho que a Secretária de Educação era a Marilú. Então, o Tribunal de Contas questiona o edital do concurso. Ele questionou o edital dizendo que ele é, vamos dizer assim, inconstitucional, porque ele negaria uma pretensa igualdade de condições entre as pessoas, que ele estaria privilegiando uns em relação aos outros. Então, nesse processo nós, as primeiras dez cotistas, né, o primeiro movimento que a gente faz é se dirigir à Secretaria de Educação, né. encontramos lá Adriana Santos, como Coordenadora de Educação das Relações Étnico-raciais, já num espaço dentro da Secretaria, que era para tratar das questões das relações étnico-raciais. Neste espaço a gente encontra, não só da parte da Adriana, como da parte da estrutura e da prefeitura um apoio, embora que por mais que a gente pudesse ter divergências, a prefeitura defende o seu edital e o seu concurso, nem poderia ser diferente, porque não era um edital daquela gestão, não era uma proposição daquela gestão, a questão das cotas. Ela se deu ali, se efetivou, vamos dizer assim, teve a concretude ali, só que não foi, não era um processo daquele grupo que dirigia a prefeitura naquele momento. Mas, no entanto, a gente teve este acolhimento do ponto de vista, a gente pôde fazer a disputa no Tribunal de Contas, sem ter que disputar com a Prefeitura também, ou seja, a gente tinha um advogado também na época constituído, mas a prefeitura também defendia o seu concurso, também respondia ao Tribunal de Contas, o seu concurso. Então, este processo, que também virou uma

²⁴ é o procedimento complementar à autodeclaração de pertencimento étnico-racial, para confirmação da condição de pessoa negra (preta ou parda)

dissertação de mestrado e posteriormente de doutorado, que foi um processo de luta das professoras cotistas naquela época, com muito apoio da Adriana, porque a gente era nova na rede, a gente recém tinha entrado, embora ainda eu, por exemplo, tinha experiência de luta política e também conhecimento de pessoas, então, quer dizer, claro, a gente conseguiu angariar aliados e aliadas para aquele processo nos partidos políticos, a gente foi a assembleia legislativa. Na época, acho que só tinha um deputado negro que era o Edson Portilho, tinha outro que era o Raul Carrion, de esquerda, mas um homem branco, que eu me lembro de estar também nas reuniões no Tribunal de Contas, Então, o advogado Onir Araújo, que fazia um debate de que as cotas não infringiam de forma nenhuma, a constituição muito pelo contrário, porque a própria Constituição não reunia, acolhia a diversidade e as políticas diferenciadas para os grupos, nós temos uma política, tem uma política diferenciada para a criança adolescente, tem uma política diferenciada para a idoso, tem uma política diferenciada para mulheres, então, não era totalmente, não tinha nada de inconstitucional em tu pensar em propiciar para um grupo que, pelo Estado, foi alijado do acesso aos bens que o próprio Estado pudesse oferecer essa reparação, ou essa política diferenciada para esse grupo. Então esse debate que nós, enfim, fizemos uma luta política, fizemos uma luta jurídica, saíamos da escola com aval da assessoria, que nos dava todo o respaldo para que a gente pudesse fazer essa luta política, ir pra frente do Tribunal de Contas e fazer, na verdade, deste processo também foi um processo educativo, depois a gente se dá conta, porque na verdade nós mantivemos as cotas, todos que vieram depois de nós vieram porque se fez aquela luta, porque se não tivesse feito, se tivesse caído, hoje não teria, né, então tem uma força esse processo de luta vitoriosa que a gente teve para podermos manter as cotas, né, as primeiras dez cotistas que ingressaram a maioria mulheres no município, sim, tem esse recorte bem nítido. E a maioria mulheres e todas as professoras, então era uma coisa que eu acho que depois vai respingar em todo o processo dentro da educação, e aí nós estamos falando mais da questão étnica, eu me lembro que eu estou no EMEF Pessoa de Brum, e faço e construo uma semana da Conceição Negra, e isso começa a existir com mais força, mas a gente ainda não tinha tão forte uma articulação entre nós, como temos hoje, as professoras que ingressaram, a gente se conhecia, E isso se fortaleceu no Curso A Cor da

*Cultura*²⁵. O primeiro Curso A Cor da Cultura, que daí foi numa articulação junto à Secretaria, com a Coordenadora de Relações étnico-raciais Adriana Santos, novamente a Adriana. Que foi algo que foi marcante na história da nossa rede, que a gente pode pensar a educação antirracista por um outro viés. Porque tem uma coisa, foi ali na Cor, naquele processo Curso A Cor da Cultura, que a gente começa a olhar e valorizar a trajetória dos negros e negras, que tiveram impacto em todas as áreas. A gente fala dos heróis, agente para de falar da escravidão e desse processo e começa a enxergar os negros e negras que tiveram, é grande, vamos dizer assim, não tiveram visibilidade, mas tiveram várias áreas de atuação na nossa sociedade, impacto na nossa sociedade. Então é este curso que abre, que nos ajuda a pensar a educação antirracista. E aí surgiu aquele livro “Escola faz Diversidade Étnica”, o livro que também é uma produção nossa da nossa rede, que a gente consegue colocar práticas de várias escolas, proposto e organizado pela Adriana Santos. Então a gente vai construindo, ao longo da nossa trajetória no município, articulação, se fortalece a articulação com os professores cotistas, os professores cotistas vão ingressando mais e mais, porque daí continuam ingressando e vão em cada local também articulando os coletivos, isso também é algo interessante, essa questão dos coletivos que se criam coletivos, tanto dentro das escolas,—e existe uma necessidade de articular de forma coletiva. E aí a gente vê os valores civilizatórios afro-brasileiros, em todos estes grupos, em todas essas ações, a questão da coletividade, a questão do nosso impacto na oralidade. Então a gente tem isso, de circular a circularidade, a oralidade, a musicalidade. Então é extremamente rico esse processo da nossa rede, que se espria por toda a parte, agora mesmo eu fiz uma palestra numa escola do Estado. A gente é chamada, até hoje a gente vai para outros lugares. E ver que no estado não tem cotas, não, não tem. Então assim, isso faz a diferença. Porque eu acho

²⁵ criado em 2003, o projeto “A Cor da Cultura” é o resultado de uma parceria entre a Fundação Roberto Marinho, por meio do Canal Futura, o Centro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan), o MEC, a Fundação Cultural Palmares (FCP) e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), com apoio da TV Globo, onde as capitais de cada Estado deveriam, em aceitando compor a parceria já existente, sediar o curso dando suporte logístico para sua execução, bem como garantir a posterior multiplicação do mesmo em sua rede de ensino. Porto Alegre assumiu a proposta e depois de realizar o curso em 2006 com sua Rede de Ensino Fundamental, solicitou aos organizadores do projeto e a Coordenadora do mesmo, na época, a Professora Azoilda Loretto, que treinasse um grupo de professoras e professores, para que esses pudessem aplicar as técnicas do curso também no nível de Educação Infantil da rede municipal de Porto Alegre, porque este nível não estava no escopo inicial do projeto original.

que a gente tem uma outra pegada da questão antirracista no município de Porto Alegre, mas do que no Estado. Então esse processo que começou lá atrás, eu estou falando de mim, né? Porque, óbvio que tem outras pessoas em outros processos, mas eu estou falando do meu processo. Então, e como é que eu vi essa questão? Passou por vários momentos, por várias pessoas. Eu acho que faz muita diferença o espaço dentro da gestão que articula isso, que possibilita isso, que abre, a gente nem sempre tem isso, isso é algo que a gente às vezes tem, às vezes não tem, às vezes com mais força, com menos força, com mais dinheiro, com menos dinheiro, é isso, mas esse espaço, quando ele se potencializa e contribui muito para a ação na escola, né? Eu acho que por mais que a gente possa, resistir e tal, faz muita diferença. Faz muita diferença, ter o Ministério da Igualdade Racial, faz muita diferença, tem uma SECADI, faz muita diferença de ter um setor dentro de uma Secretaria Municipal de Educação que trate das questões, faz muita diferença, ter um Coordenadoria de Igualdade Racial. Então, eu entendo que... A gente precisa construir esses espaços, espaços precisam estar ocupados, né? Porque na educação, eu penso assim, nós temos algo que é a Lei de Diretrizes e Bases - LDB, nós temos a nossa legislação e nós temos os nossos planos. Isso não depende do prefeito, não depende do governador, entendeu? Isso aí tem que acontecer, né? Então, nesses espaços em que a gente está, a gente tem que buscar fazer essa lei se concretizar, né? Eu acho que ainda bem que nós temos isso, porque é isso que nos mantém ainda sobreviventes, porque se a gente não tivesse, se a gente fosse depender da vontade, né? Bom, enfim, eu acho que a gente tem que sempre primar pela questão racial nas legislações, porque essas legislações são importantes, estar gravado nas legislações, a educação antirracistas, pode se cobrar que nos espaços eles aconteçam, né? Enfim. Então, eu vejo assim esse processo, entendo que a gente vem avançando, eu olho, né? Hoje, por exemplo, né? Impacta, porque tu acaba vindo com uma bagagem e agora é toda nossa bagagem extremamente compartilhada. Nós passamos aí todo um período de pandemia compartilhando a educação antirracista. Nós compartilhamos os coletivos, fizemos diversos movimentos, lives, ações, debatemos, tudo por dentro do grupo do whatsapp. Isso teve um impacto na política da cidade inclusive. Porque Porto Alegre... Bom, nós estamos em Porto Alegre, não dá pra gente ver as coisas separadas, né? Nós estamos em Porto Alegre, então aqui

existe uma bancada negra, né? Então ela se articula com a educação antirracista, então isso se fortalece e a gente se fortalece entre nós. Ou seja, existe um corpo nessa luta, né? Hoje a gente tem uma unidade de, né? E consegue ser... Talvez possa ser das pautas que mais a gente consegue se articular nos diversos espaços, eu acho que isso é algo interessante, porque às vezes você pode ter muito embate daí, as coisas não andam, porque daí, fica de um lado, puxa para o outro, não sei. Mas, na verdade, a gente consegue se articular e isso gera tanto no campo político, como no campo da gestão, como no campo do samba, da escola ... Eu, esse último ano, agora a gente conseguiu articular na Câmara oito emendas para as escolas, para os nossos EEABIs. Oito escolas vão ter uma verba diretamente para os EEABIs, ou seja, a gente sempre tem um processo de construção coletiva, que a pauta nos une nesse sentido. Hoje, então, eu estou na coordenação, na escola não é... Não estou direto, porque, entre aspas, não está direto, né? Mas, assim, não é em sala de aula. Mas a gente constrói, porque existe hoje, dentro da escola, um espaço. Eu fui no Congresso da UNEGRO e exibi Porto Alegre, a gente pode exibir Porto Alegre. Isso aí não dá para negar, as falas lá eram falas de que 20 anos da lei 10.639/03 e nós não temos nada, e nós não conseguimos nada, e nós não sei o que... sabe? E aí eu fico olhando aquilo, assim, gente, ouvi, não tem material, não tem livros, não tem literatura..., mas um dia, o que está acontecendo, como assim, não tem? Eu pensei assim, eu estou no outro mundo, então, que... , eu estou num mundo paralelo, que as pessoas estavam dizendo que não tem, que as escolas não tem material, que os professores não tem informação,... que, né, 20 anos e nada aconteceu, daí eu tive que olhar e dizer, gente eu quero falar, eu preciso contar uma coisa pra vocês, né? E eu acho que a gente tem que sair... e ainda eu disse, acho que a gente tem que sair desse lugar da queixa e tem que começar a articular, né? com esses passos. E eu ainda disse assim, olha, nós temos lá em Porto Alegre um governo que nem é do nosso campo político. No entanto, nós temos uma legislação, nós temos um plano, nós articulamos junto com o Conselho Municipal de Educação. Juntos, sabe? E aí, tá, vamos lá. Então, assim, é algo que eu acho que tem a ver, que eu acho que tem a ver mais, que se conecta com as pessoas, com a questão das cotas. E então, nós temos uma caminhada aqui que é muito diferente do resto do país. As pessoas do Nordeste te pedem contato, me manda essa legislação de

vocês. Como é que é mesmo que vocês fazem isso? O que é isso que vocês... Porque eu disse, olha, a gente colocou uma bandeira em cada escola, a gente fincou uma bandeira em cada escola do município. Nós temos em cada escola do município a educação antirracista. Está ali, tem um espaço ali. Não é uma coisa que você tem que buscar. Está ali aquele espaço. Aquele espaço tem material, aquele espaço tem equipamento, aquele espaço tem informação. Então, a nossa cidade, destoa de muitos lugares no Brasil. E aí, eu acho que isso é importante, isso tem que ser, né? A gente tem que, tipo, isso é uma façanha, sirvam nossas façanhas. Nesses passos, sirvam nossas façanhas de modelo a toda terra. A gente tem essa história aqui, então acho que é interessante quando você fala disso, porque eu acho que é um diferencial. Então, eu acho que esse diferencial tem que ser relatado, né? Porque para que outras pessoas, outras cidades, outras gestões possam ver que é possível, que não é uma coisa... Porque, eles ficam assim dizendo porque o MEC tem que... Não, vamos fazer uma carta para o Lula,... Gente, mas o que que o Lula vai fazer? Não é o Lula. Vamos mudar a lei, porque a lei não tá... Gente, a lei não tem problema nenhum, a lei não tem problema nenhum, sabe? Não é mudar a lei, não é mandar carta pro Lula, porque gente, a educação, ela se dá no município, a verdade é essa. Não é no Governo Federal, ali, na cidade, na educação básica, porque essas pessoas da educação básica que a gente tá formando são as que estão indo pra universidade, né? São esses nossos, são os nossos alunos que estão se formando dentro das escolas do ensino fundamental e que a gente tá trabalhando essas questões, que estão indo pra universidade, Ah, é perfeito, não é? Longe, tá muito longe da perfeição. Não tem como, né? Mas a gente consegue já tratar das coisas, olhar para aquele aluno, enxergar que ele é um aluno negro. A gente já se enxerga como professor negro. Quando eu entrei no município, eu acho que não tinha muito isso, assim. Foi o que eu disse no Congresso da União de Negros, gente, vamos articular com os espaços que debatem a educação. Não adianta a gente falar de fora aqui. e que tem outro detalhe também do movimento negro ali. O pessoal, muitos ali, não eram da educação. Então, falam de fora. Aí dizem, ah, porque nós, do movimento negro, temos que entrar na escola. Nós, do momento, temos que ir lá dizer para os professores que... Não, ok, nós não somos contra, mas a questão é que a gestão da educação tem que ser da educação. Não adianta ir uma pessoa do

movimento negro uma vez na escola e fazer uma palestra, não adianta, entendeu? Vai ser legal, vai ser bonito. Então, por isso que eu valorizo o que a gente tem, a gente construiu uma educação antirracista, né? E eu vejo essa construção porque a gente tem uma articulação. Eu acho que essa articulação só nos é possibilitada aqui em Porto Alegre, porque em outros lugares a gente não consegue, tanto que quando eu falo para pessoas de todo o Brasil e em especial do Nordeste em Bahia e Salvador não tem isso é Salvador e não tem e lugares do Nordeste em população negra muito maior né que é nossa eles não a participação nas conferências a participação nos conselhos é muito pouca do movimento daquelas pessoas engajadas na política, de estarem é na participando então acho que a gente tem uma articulação é que nos possibilita e se essa é da gestão de quem está na escola, da política, que não existe, não existe a gente fazer nada sem a política, a política faz parte, a política faz parte.

A escrevivência da professora Luciane me tocou de maneira muito especial, pois fui surpreendida em me ver sendo citada por ela, como parte de sua narrativa, mais estranho ainda é perceber que momentos da minha própria escrevivência profissional, entrecruzaram-se espontaneamente nesta narrativa e principalmente ajudaram a compor a historiografia da professora e de certa forma a influenciaram.

Por conta disto, propositadamente deixei esta narrativa escreviente por último, para análise e interação, dentre as cinco realizadas. Mas antes de chegar neste ponto das nossas congruências de vida, quero ressaltar as composições que construíram esta docente negra como antirracista. Como a maioria das crianças negras contemporâneas do seu tempo, sofreu em função do racismo colonial reproduzido por crianças branca, mas não se deu conta de que se tratava de racismo e carregou esta carga por toda a adolescência, quando se aproximou dos movimentos estudantis, onde inicia sua construção política na luta por direitos. *No ensino médio eu começo a militar na política. Essa minha militância política, ela é uma militância mais na questão da defesa de direitos, das políticas de juventude e tal.*

A narrativa escreviente de Luciane traz consigo elementos que reúne o posicionamento, a concepção e a consciência negra de pelo menos três autoras referências guias desta tese, sua história lembra em várias passagens o posicionamento político contundente que fez de Lélia González uma das

principais referências dentro do movimento negro, e a partir disto, ao produzir conhecimento acadêmico aliado a construção política dos movimentos, me lembra bastante a trajetória da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, que sim, entendo que buscou movimentar as discussões políticas de ser negra, por dentro da academia, enegrecendo-a e apontando a capacidade intelectual de negras e negros.

Por fim e não menos importante, vejo muito da abordagem de gestora militante que foi e ainda é, uma das bandeiras defendidas pela professora Vera Triumpho, na atuação pedagógica da Luciane, talvez por ela ser, além de professora, uma coordenadora pedagógica, responsável hoje pela formação e orientação do trabalho educativo dos docentes de sua escola.

Esta tarefa de formadora exige acima de tudo, paciência, postura político-pedagógica, mas principalmente consciência de que a transformação do outro se dá de dentro para fora e cabe a nós fornecer os estímulos adequados para provocar esta transformação.

Então penso que a escrivência da Luciane, a posiciona em várias frentes de luta, muita embora fica perceptível a sua tendência natural até, pela luta antirracista através dos movimentos e em particular os movimentos da política partidária. É uma outra escola, um outro viés, necessário sem dúvida, nas a partir de um outro lugar.

Os movimentos políticos, recentemente, com a eleição da primeira bancada negra para a Câmara de Vereadores de Porto Alegre e posteriormente para a Assembleia Legislativa, passaram a discutir e ocupar com mais intensidade da pauta racial e toda a problemática que ela envolve e este envolvimento tardio remeteu para outros campos, o das organizações sociais o compromisso de pautar e sustentar a discussão, este fato fica claramente apontado também neste trecho da narrativa da Professora Luciane: *Mas enfim, já na universidade, já mais velha, eu começo a pauta da questão, tanto do feminismo como da questão racial, e eu me encanto pela questão do movimento de mulheres negras, quer dizer, já é uma coisa até aí, eu tenho uma militância mais partidária, e essa militância partidária, ela tem menos este viés, e aí eu vou para começar a participar de um movimento de mulheres negras na Associação Cultural de Mulheres Negras-ACMUN, onde eu começo a enxergar essa questão racial dessa luta.* A potencialidade dos movimentos sociais negro, principalmente aqui no Rio grande do Sul, foi

basilar e fundamental tanto para o letramento racial de negras e negros, auxiliando-os na descoberta de si mesmos, de suas identidades, bem como brancos que, conscientes de seus privilégios, resolveram juntar-se a luta para igualdade de direitos entre todos os diferentes. A partir destes movimentos também surgiram diversas políticas públicas que implementaram ações afirmativas fundamentais para a transformação social almejada, ou seja, propor a devida reparação social contra os crimes capitais de alijamento de direitos contra a população negra no Brasil. Uma destas ações afirmativas constitui-se nas cotas raciais, em particular as cotas no serviço público, cujo o benefício é incalculável, no que cerne ao reconhecimento da potência profissional e intelectual das pessoas negras, bem como, o aumento da visibilidade e representatividade negra nos diferentes ambientes de trabalho, inclusive na escola (...) *pensar da importância das cotas é isso, porque a gente não tá falando de condições cognitivas, não, a gente tá falando de oportunidade na vida que é diferente né, então mesmo tendo tirado uma nota alta não bastou porque eu precisava ter tido na minha vida outras oportunidades que eu não tive ... se tivesse apenas esta uma vaga da geral essa vaga não seria minha, mesmo eu tendo a melhor nota, porque quem tivesse títulos poderia passar na minha frente.... É uma questão realmente de reparação, que a gente enxerga a população negra como uma população que teve menos oportunidades.... A gente passa por uma heteroidentificação, então é um processo educativo para a gente enquanto pessoa negra.... as primeiras dez cotistas que ingressaram a maioria mulheres no município, sim, tem esse recorte bem nítido. E a maioria mulheres e todas professoras, então era uma coisa que eu acho que depois vai respingar em todo o processo dentro da educação.*

O aumento do ingresso de professoras e professores negra e negro na Rede Municipal de Ensino, resultante da reserva de vagas para negras e negros, no concurso público municipal, propiciou um deslocamento conceitual significativo, sobre a figura do negro enquanto potência criativa e intelectual. Além disso, as novas leis de ensino exaradas nos conselhos nacional, estaduais e Municipais, também fruto das ações dos movimentos, passaram a exigir uma maior qualificação no conteúdo das formações e materiais em torno das temáticas Étnico-raciais, dentre os quais *O primeiro Curso A Cor da Cultura, que daí foi numa articulação junto à Secretaria, com a Coordenadora de Relações étnico-raciais*

Adriana Santos, novamente a Adriana. Que foi algo que foi marcante na história da nossa rede, que a gente pode pensar a educação antirracista por um outro viés. Porque tem uma coisa, foi ali na Cor, naquele processo Curso A Cor da Cultura, que a gente começa a olhar e valorizar a trajetória dos negros e negras, que tiveram impacto em todas as áreas. Bem como numa gestão séria e consciente destes movimentos de rede garantindo a implantação de leis criadas eu acho que faz muita diferença o espaço dentro da gestão que articula isso, que possibilita isso, que abre, a gente nem sempre tem isso, isso é algo que a gente às vezes tem, às vezes não tem, às vezes com mais força, com menos força, com mais dinheiro, com menos dinheiro, é isso, mas esse espaço, quando ele se potencializa e contribui muito para a ação na escola, né?

Outra grande conquista, mesmo que seja indireta, provocada pelos movimentos e assumida por educadores cotistas em sua maioria foi, o entendimento de que a construção coletiva é sempre mais favorável para o alcance dos objetivos do que as individuais, *existe uma necessidade de articular de forma coletiva. E aí a gente vê os valores civilizatórios afro-brasileiros, em todos estes grupos, em todas essas ações, a questão da coletividade, a questão do nosso impacto na oralidade. Então a gente tem isso, de circular a circularidade, a oralidade, a musicalidade.*

Uma outra questão importante trazida pelo relato da Luciane é o reconhecimento dos avanços obtidos no campo educativo, no que se refere ao desenvolvimento da Educação das Relações Étnico-raciais, ou no mínimo o crescimento de educadores que cientes de seu papel para a transformação social, aderiram a uma postura antirracista e de defesa dos direitos mais equânimes. E Ela dá um significativo recado a este respeito: *acho que a gente tem que sair desse lugar da queixa e tem que começar a articular, né? com esses passos. E eu ainda disse assim, olha, nós temos lá em Porto Alegre um governo que nem é do nosso campo político. No entanto, nós temos uma legislação, nós temos um plano, nós articulamos junto com o Conselho Municipal de Educação. Juntos, sabe? E aí, tá, vamos lá Ah, é perfeito, não é? Longe, tá muito longe da perfeição. Não tem como, né? Mas a gente consegue já tratar das coisas, olhar para aquele aluno, enxergar que ele é um aluno negro. A gente já se enxerga como professor negro.*

3.6 As territorialidades negras em projetos pedagógicos

Ao longo de minha trajetória profissional, tenho construído estratégias para contribuir em diversas instâncias com o processo pedagógico, mas nada se compara com as experiências por mim gestadas, denominadas Territórios negros: Afro-brasileiros em Porto Alegre e Territorialidades negras do RS. A primeira ocorreu inicialmente junto a rede municipal de Porto Alegre e o segundo ocorreu junto a rede estadual de ensino nas turmas de ensino Médio do Curso Normal. Antes de iniciar o relato das minúcias que envolvem estas iniciativas pedagógicas, preciso pontuar as minúcias de algumas questões de minha vida profissional, as quais foram motivadoras e norteadoras para a condução destas práticas.

Importante salientar que ao relatar uma prévia de minha escrivência na introdução desta tese, procurei enfatizar as narrativas de minha vida privada e até onde os valores, a forma de ver a vida, o enfrentamento das dificuldades e os ensinamentos repassados pelas minhas mães, foram capazes de me levar e principalmente constituíram a pessoa que me tornei.

Eu como Supervisora Pedagógica, sempre me preocupei em enxergar o processo de aprendizagem dos professores, sim, a forma que os professores ensinam, reflete o modo como aprendem e entender este modo com o qual eles se deslocam neste processo de ensino e de aprendizagem e poder projetar formações e intervenções pedagógicas qualitativas e principalmente assertivas. Foi sempre esta forma de pensar a educação que pautou o meu fazer.

Para conseguir entender os professores com os quais cruzei ao longo de minha jornada de supervisora, utilizei como estratégia a escuta atenta, a construção coletiva, as decisões compartilhadas, entre outras tantas, cuja o ponto de convergência se encontra na compreensão de que cada pessoa é diferente e, portanto, reage de forma diferente aos mesmos estímulos e proposições.

As descobertas resultantes deste modo operante, eram utilizadas como fio condutor para embasar os meus planejamentos e tudo o mais que fosse preciso para alcançar meus objetivos junto aos professores.

Com o passar dos anos acho que me tornei boa nisto. Tenho usado este olhar que a prática como supervisora me deu em toda e qualquer ação profissional que a vida foi me apresentando.

Foi neste contexto que iniciei minha caminhada na Educação das Relações Étnico-raciais - EREER, ainda em 2004, meses após ter sido exarada pelo Conselho Nacional de Educação a norma que viria regulamentar as práticas pedagógicas apontadas no artigo 26A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, quando me tornei a primeira Coordenadora de EREER da Secretaria de Educação no Município de Porto Alegre (esta parte da história já foi contada em etapas anteriores nesta Tese).

Vale salientar que o município de Porto Alegre, desde 1999, com a Lei Municipal 8.423, que institui o conteúdo “Educação antirracista e antidiscriminatória”, já pensava na proposição de uma discussão neste campo temático, no entanto a Secretaria Municipal de Educação fez a opção, na época, de tratar o tema como uma política cultural, inclusive, sob o comando do secretário José Clovis, criou um setor de mesmo nome. Ainda assim, já se conseguia perceber alguns professores engajados na discussão, comprometendo-se com a temática e desenvolvendo trabalhos nos princípios estabelecidos por aquela lei.

Meus primeiros movimentos foi estudar as necessidades da rede, através da constituição de Grupo de trabalho formado por professores atuantes na rede, o qual denominei de GTRE, cuja tarefa principal era auxiliar a coordenação a pensar, propor e avaliar formações que fizessem sentido para a rede e que de fato, fossem de proveito para auxiliar na implementação da EREER.

Este início foi complexo e interessante ao mesmo tempo, pois simultâneo ao meu estudo da rede, eu também buscava desenvolver minha consciência negra, e portanto, o que tenho chamado de pedagogia das diferenças. Nada foi muito planejado no início, tudo foi muito intuitivo.

Este grupo foi muito importante para qualificar minhas ações, projetos e intervenções de assessoria junto a rede, pois todas as criações as quais eu propunha, antes de torná-las públicas, eram submetidas a este grupo no sentido de “digeri-las”, aprimorá-las, de modo que causasse de fato o impacto aguardado.

*Nesta mesma época (2005) procurei a UFRGS, a fim de propor parceria na construção de um curso de extensão a ser oferecido para a Rede, esta conexão se deu inicialmente com a Pró-reitoria de extensão, por meio de seu departamento – DEEDS, esta parceria durou vários anos e deste movimento nasceu anos depois, por volta de 2012, o que hoje é o NEAB UFRGS. Ação que muito me orgulha de ter provocado e, neste meio tempo protagonizei junto com o GTRE a condução do curso *A Cor da Cultura* (Ensino Fundamental - 2006 e Educação Infantil - 2007), já mencionado no relato escrivente da professora Luciane. O que ela não descreveu foi que, inicialmente a proposta da Fundação Roberto Marinho e seus parceiros, não era dirigida aos docentes da Educação Infantil. Foi então que eu propus para a saudosa Azoilda Loretto, que introduzisse na proposta metodológica do projeto um grupo de professores capazes de reproduzir o curso para as professoras de Educação Infantil, uma vez que as oficinas que implementaram o projeto para o Ensino fundamental eram profissionais do eixo Rio – São Paulo e não poderiam permanecer em Porto Alegre além do tempo previsto para o curso original. Esta foi uma das experiências mais importantes, e foi a primeira desbravadora, que mexeu com as e os professores levando-os ao início de seu processo de transformação.*

No ano seguinte, 2008, como de praxe, reuni o grupo de trabalho a fim de apresentar-lhes as minhas proposições para o ano, naquela altura eu já tinha colocado em prática outros temas e fazeres para a pauta das formações anuais e neste ano em particular a ideia era trabalhar corpo, território e pertencimento negro.

A ideia aqui foi conduzir um minicurso de formação em módulos, oficinas e palestras. Os encontros aconteciam às sextas-feiras do mês de agosto. Considerando a temática, a qual nos propomos trabalhar, em uma das oficinas, pedi ao Professor Manoel

Ávila²⁶, que preparasse um conteúdo relacionado a sobreposição territorial que apresentasse a presença negra na cidade de Porto Alegre antes dos dias atuais como a conhecemos. Professor Manuel como maravilhoso historiador que é, compreendeu a ideia de meu pedido e produziu um “power point” com fotos que representava a cidade em diferentes períodos da história, de modo a relacionar fatos históricos aos diferentes territórios do centro da cidade e arredores próximos, na época o professor se valeu de documentos e manuscritos de diversos lugares e pessoas, mas principalmente os manuscritos do nosso celebre professor e Poeta Oliveira Silveira²⁷.

A oficina fez um grande sucesso entre os cerca de 30 professores, que pareciam ver a cidade de Porto Alegre pela primeira vez. E em alguma medida parecia mesmo, pois nunca a tinham visto sob aquela ótica. Tanto era verdade que começaram a perguntar onde era na atualidade cada local que o professor Manoel mostrava.

O que veio a seguir, foi algo muito inesperado: fez-se um intervalo e o professor Manoel veio falar comigo (que estava na coordenação enquanto retaguarda geral do curso) e me perguntou se tinha uma forma de poder levar aqueles professores até os locais relacionados por ele na oficina, então enquanto todos retornavam do intervalo, fiz algumas ligações e consegui com que nosso colega de prefeitura, da empresa Carris, Márcio Ramos²⁸, providenciasse para a manhã do dia seguinte um ônibus, que nos levaria até os locais.

Assim, no dia seguinte fomos, marcamos um ponto de encontro com o grupo interessado, Professor Manoel e Márcio Ramos organizaram uma rota, dentro de uma sequência que fazia sentido e seguimos. Manoel ia, a cada lugar apontando e relacionando com as imagens mostradas, bem como relacionado com fatos e períodos históricos. Ao Término do roteiro quando todos professores já haviam saído, eu, Manoel Ávila, Marcio Ramos e ficou conosco também Clarisse Moraes²⁹, ficamos dentro do ônibus encantados com o que horas atrás acabava de acontecer. Eu fui a primeira a

²⁶ professor de História e diretor da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Presidente João Goulart

²⁷ Professor, poeta e ativista Negro Oliveira Silveira, falecido em janeiro de 2009. Um dos idealizadores do dia “20 de novembro”, o Dia da Consciência Negra, na década de 70.

²⁸ Motorista de ônibus profissional, na época, era servidor e atuava como coordenador de mobilidade da Companhia de ônibus Carris Porto Alegre

²⁹ Funcionária pública da Empresa Público-privada de Processamento de dados do Município de Porto Alegre – hoje aposentada.

quebrar o silêncio e perguntei aos demais: *Vocês conseguem se dar conta no que acaba de acontecer? Clarisse respondeu: Foi maravilhoso eu poderia fazer isto todos os dias, foi melhor que se sentar numa sala de aula e ficar imaginando como seria. E eu continuei: Acabamos de criar uma ferramenta pedagógica para trabalhar os territórios de pertencimento negro em Porto Alegre. Manoel me cobrou: *Adriana acho que tu tens que escrever isto, fazer um projeto.* E o Marcio disse, *se isto virar um projeto acho que consigo conversar com o Presidente da empresa para disponibilizar um ônibus. Saímos dali com a promessa de nos encontrarmos dentro da semana seguinte a fim de projetar novas saídas de campo a partir daquele ensaio que se formou.**

Passamos o resto do ano projetando a ação, fazendo alinhamentos entre as secretarias e organizando orçamento. No Ano seguinte, 2009, fizemos a primeira saída oficial agora já como projeto o “Territórios Negros: Afro-brasileiros em Porto Alegre”

Este projeto, que inicialmente foi criado como ferramenta didático-pedagógica para os docentes nas escolas, acabou sendo um instrumento identitário para o povo negro na cidade de Porto Alegre, justamente porque apresenta ao mundo a negritude existente na cidade e no estado. Ele também protagonizou parceria com UFRGS, desta vez com a Faculdade de Educação, em 2013, com a disponibilização de estagiários para atuar no Programa, e no ano seguinte o L.HISTE³⁰, através das professoras Carmem Gil e Carla Meinerz, dentre outros professores ligados ao laboratório, produzem um curso de extensão com material didático, dentre eles o jogo as Viagens do Tambor³¹.

A partir desta parceria com a UFRGS e o fato de o projeto passar para o comando da Companhia de ônibus Carris Porto alegre, no ano de 2013, dá a ele outro formato, principalmente no que diz respeito ao atendimento, neste momento o projeto tem como mediadora das ações a cobradora de ônibus que também é historiadora Fátima Rosane, ela “abraçou” e fez dele sua bandeira de vida, ela como uma mulher branca e ciente dos privilégios que sua etnia lhe proporciona, mostrou-se uma educadora antirracista, aguerrida, disposta a fazer de seu trabalho a transformação social que se espera.

³⁰ Laboratório de Ensino de História e Educação da UFRGS

³¹ O projeto misturava personagens significativos de nossa história gaúcha, bem como os territórios de pertencimento negro da cidade

No ano de 2017 a empresa Carris resolveu, a partir de uma mudança em sua política interna, não apoiar mais a execução do projeto a partir de seus ônibus. Esta ação repercutiu por todo o estado e fora dele. De certo modo nunca mais conseguimos recriá-lo naqueles moldes, isto não significa em absoluto que ele não continue existindo, porque ele continua sim. O projeto Territórios Negros provocou mudanças verdadeiramente descomuns no modo de pensar e produzir a educação das relações étnico-raciais, na estrutura pedagógica da escola, além de colocar no cenário da cidade a presença negra, de forma concreta e palpável. Esta proposição recursal aponta uma pedagogia das diferenças, não pelo modo da ferramenta em si, o que também é importante, mas as reações e transformações que ele provocou na auto estima, identidade e pertencimento dos negros e negras porto alegrenses ou não, pois ele também fez com que pessoas de outras cidades buscassem a identidade negra de seu lugar.

Esta nova composição permitiu acesso de estudantes das escolas estaduais, das escolas privadas, estudantes universitários, sociedade civil entre tantos outros. A fama e repercussão do projeto tomou rumos inimaginados para nós, aqueles 4 parceiros que sentados dentro de um ônibus, num longínquo agosto de 2008, com suas indagações e encantamentos criaram o projeto.

Todas estas histórias e conceitos extraídos da construção e vivência do projeto foi materializada em várias obras literárias, teses e dissertações, cada uma de um jeito e a partir de um enfoque. O livro virtual “Territórios negros em Porto Alegre: construindo possibilidades de percursos”³², construído por mim e outras pesquisadoras em parceria ao longo de 2017 e disponibilizado em 2018, foi um destes materiais, que registram não a história de criação, mas os conceitos, parceria e interface que ele apresenta.

Nesta época, eu já estava na Secretaria de Estado da Educação do RS - SEDUC, lotada por permuta desde 2016, onde assumi a Coordenação da Assessoria de Educação das Relações Étnico-raciais, no Departamento de Educação da SEDUC.

Num primeiro momento, foi assustador pensar em como eu desenvolveria um trabalho pedagógico no formato que havia construído na Rede Municipal de Porto

³²SANTOS, Adriana C. S. dos [et al]; Porto Alegre: Laboratório de Ensino de História e Educação da UFRGS, 2018.

Alegre, como um número tão grande de educadores em suas diferentes localidades espalhadas pelo estado, bem como uma diversidade enorme de modos de perceber o processo educativo. Bem, mas quem me conhece sabe que eu até posso ter medo, mas não fujo de um bom desafio.

Assim, aceitei o desafio de trabalhar e construí uma estratégia de trabalho que passou pela inclusão digital, ou seja, introduzi as ferramentas tecnológicas da plataforma Moodle, nas formações junto às Coordenadorias Regionais de Educação - CREs, apresentando 3 cursos on line: O Primeiro foi iniciado pela Professora e Jornalista Sátira Machado que me antecedeu na Coordenação, ela a partir de sua pesquisa práticas logadas a Educomunicação³³, começou a digitalizar o material pedagógico chamado “RS Negro”³⁴, só que deixou a Secretaria antes de concluí-lo e implementá-lo. Eu analisei a iniciativa e achei que era interessante dar continuidade e concluir a elaboração do curso na plataforma a partir deste material. Além de conceber o curso, elaborei uma metodologia bastante simples para implementá-lo, ou seja, trabalhei com a lógica de multiplicadores, apliquei o curso nas Assessorias, representantes da temática da EREER, nas CREs e estas assessoras deveriam replicar o curso em um representante por escola e cada educador representante de uma escola, deveria replicar entre seus colegas. Todo este processo antecedido de um plano de aplicação (o antes) e um relatório descritivo (o depois). Ao final deste processo de formação, os educadores construíram planejamentos utilizando o material do Kit RS Negro, que foi todo disponibilizado on line.

³³ A Educomunicação é entendida pela ABPEducom como um paradigma orientador de práticas sócio-educativo-comunicacionais que têm como meta a criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos, mediante a gestão compartilhada e solidária dos recursos da comunicação, suas linguagens e tecnologias, levando ao fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais e ao consequente exercício prático do direito universal à expressão.

³⁴ O kit RS Negro, foi lançado em 2010 pela Secretaria de Estado da Justiça e do Desenvolvimento Social, com o propósito de ser disponibilizado para as escolas da rede Estadual a fim de contribuir com a inclusão da história e da cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede nacional de ensino. O material é composto pela segunda edição do livro RS Negro: cartografias da produção do conhecimento, pelo vídeo-documentário Sou, pela revista RS Negro, pelo Posterbook RS Negro, por um CD de aulas RS Negro e um CD de áudios Negro Grande. Os produtos do Projeto RS Negro estarão disponíveis, gratuitamente, no Portal da PUCRS (<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/rsnegro/>)

O Curso dois, reverbera até hoje, dedicado ao Ensino Médio – Curso Normal. Na verdade, não foi apenas um curso tratou-se de uma linha de pesquisa que denominei Territorialidades Negras do Rio Grande do Sul, Tinha como propósito visibilizar a presença negra no estado mais embranquecido do País. Mas principalmente criar um processo de ensino da temática negra, com foco mais científico. Provar que não era porque o tema da negritude sempre foi banalizado, inferiorizado socialmente pelos efeitos do racismo estrutural, que precisava seguir assim e que principalmente, ser tratado de forma irresponsável e menosprezado a partir do currículo.

Foi com este espírito que a linha de pesquisa, foi apresentada aos Supervisores das Escolas de Ensino Médio – Curso Normal, da rede estadual de ensino. O mapa desta linha de pesquisa, tinha por objetivo, investigar e estudar, a partir de uma visão analítica e crítica, os entrelaçamentos da antropologia, história, filosofia, sociologia com a educação, problematizando as sobreposições territoriais existentes na formação do Estado, bem como, articular estudos e pesquisas de cunho teórico e prático visando à reflexão sobre os fundamentos da experiência humana, bem como diferentes abordagens de formação do povo Gaúcho em cada região.

Tinha ainda a pretensão de responder sobre a realidade discursiva acerca da presença/ausência, ou o pertencimento territorial negro presente no município e/ou na região, além de levar às escolas, seus docentes e estudantes a descortinar o passado investigando a real história da formação de cada localidade e o quanto as marcas deixadas pela população negra estavam presentes embora invisibilizadas, colocando em destaque os espaços materiais e/ou imateriais de cada região que se constituíram, ao longo da história, em espaços de referência cultural da população afro-brasileira, como grupo étnico com valores, princípios e importância notáveis e fundamentais na formação pluriétnica e multirracial no RS.

Considero que, a estrutura organizacional que montei para desenvolver a Linha de Pesquisa, ficou bastante coesa e consistente. Tive orgulho de mim mesma, como gestora e formadora, não só por idealizar esta metodologia, mas como conseguir aplicá-la do início ao fim, bem como deixar aberto possibilidades para futuros prosseguimentos. O que virá a seguir é o detalhamento do roteiro e das ações que foram desenvolvidas:

Ao longo do segundo semestre do ano de 2016 e todo o ano de 2017 e 2018, as escolas de ensino médio - curso normal vivenciaram a experiência lógica do ensino, da pesquisa e da extensão.

Do Ensino quando mergulharam na teoria necessária a abordagem que precisavam desenvolver, entendendo que cruzar com o tema étnico exigem muito mais conhecimento do que apenas fatos históricos - é preciso adentrar no universo de conceitos interdisciplinares que a temática exige, através de um curso de formação híbrido, aplicado a partir da plataforma Moodle, de 120 horas no seu total. Este curso num primeiro momento foi dedicado aos supervisores das escolas, que na condição de multiplicadores tiveram a incumbência de replicar entre seus pares docentes e após prosseguir com os demais passos previstos na linha de pesquisa.

Da Pesquisa ao se perceber que os fatos que conhecemos não são reflexo da verdade de nossos antepassados, é preciso que nos atrevemos a buscar fontes vivas de informação, aguçar a audição e construir estratégias que possa fazer da fala de nossos interlocutores, possibilidades de aprendizagens concretas e transversais.

Da Extensão quando se possibilita ao outro conhecer através de nosso conhecimento e transformando as novas aprendizagens em currículo as serem partilhados e redesenhados, através de ferramentas criativas de aprendizagem.

As ações concretas que desenharam estes três processos (ensino, pesquisa e extensão), se organizaram em basicamente duas etapas:

A primeira previu o entrelaçamento curricular sendo estendido a todos os professores da escola independentemente do nível de ensino, do curso ou da área do conhecimento.

Esta ação ocorreu através da construção de um plano de formação, pelo Coordenador Pedagógico, que poderia, enquanto estratégia utilizar-se do curso EAD já existente e anteriormente aplicado em um professor do coletivo; A partir da formação aplicada, os professores deveriam construir um projeto interdisciplinar, onde ficasse claro a execução de um planejamento coletivo e que fosse um desdobramento do projeto anteriormente aplicado. A base para a construção deste projeto seria a análise crítica da aplicação da ferramenta pedagógica criada e aplicada pelas alunas do curso normal.

Neste ponto admitia-se a hipótese de pesquisar métodos variáveis de operacionalização do projeto. O uso da criatividade naquele momento seria essencial; O projeto construído e aplicado, a partir do planejamento coletivo, deveria gerar um produto que refletisse o envolvimento de todos na escola, bem como gerar alterações curriculares expressivas tanto nos planos de curso dos componentes curriculares (aqui espera-se que seja realizado o cruzamento com os apontamento da nova BNCC), como na forma com que os professores executavam os planejamentos de suas unidades de ensino e orientavam os planos de estágio das alunas; e o produto resultante deveriam ser experienciado pelas normalistas enquanto estratégia pedagógica em suas práticas de ensino;

A segunda ação, previu uma releitura dos documentos anteriormente apresentados, possibilitando ao Coordenador Pedagógico e a equipe de Professores, retificar ou ratificar a forma e o conteúdo utilizado nos produtos construídos e encaminhados a partir das provocações da linha de pesquisa Territorialidades Negras.

Esta ação ocorreu mediante a utilização do recurso “Google Class”, ferramenta que propiciou um constante diálogo entre a mantenedora (SE/UC e CRE) e a escola. Nesta ferramenta foram postadas as produções da escola, bem como questões provocadoras e norteadoras da reflexão proposta. Neste ponto se fez necessário que o coletivo da escola realizasse uma leitura crítica de suas produções e procurasse averiguar se havia consistência conceitual ou porventura existia alguma fragilidade, e a partir disto, propusesse um novo conceito, uma nova abordagem ou uma nova proposta de trabalho; Cada procedimento descrito na etapa anterior gerou uma produção (plano, projeto e relatório), que deveria ser postado dentro dos prazos solicitados: a execução de encontros regionalizados para socialização dos trabalhos, conceito e aprendizagens adquiridas através da experiência de ensino, bem como uma avaliação da metodologia utilizada enquanto formação continuada de professores.

O resultado de dois anos e meio de trabalho foi materializado numa produção gráfica de cerca de 45 artigos e entorno de 150 páginas, resultado das pesquisas ou dos relatórios da aplicação dos planos pedagógicos construídos em planejamentos coletivos e interdisciplinares. A esta produção demos o nome da linha de pesquisa, ou seja, “Territorialidades Negras do RS”, que foi lançado na feira do livro do ano de 2018, com

direito a sessão de autógrafos e tudo o mais. O livro foi distribuído para todas as quase três mil escolas estaduais, como um exemplo de que é possível a prática de uma pedagogia das diferenças, quando se predispõem a ser uma educadora (educador) antirracista e que o negro no Rio Grande do Sul pode até estar em menor número, mas existe e é potente.

Nunca é fácil falar de nossas próprias histórias de vida, pelo menos não para mim, mais difícil ainda é transcrever esta fala. Eu sempre tive a percepção que tenho mais facilidade em me expressar oralmente do que por escrito, no entanto não tinha a consciência de que esta característica era um ponto de fragilidade a ser trabalhada no conjunto de superações ligadas as mazelas históricas de minha ancestralidade.

Na construção desta tese, me vi diante desta realidade, portanto tem sido um exercício com vários significados e superações pessoais. Não é só o tema da tese, não só a escuta atenta das escritivências das colegas docentes antirracistas, não é só pensar elementos que proponham uma pedagogia das diferenças, não é! Trata-se principalmente de conseguir superar esta “dificuldade” de conseguir traduzir em minha escrita o que consigo, expressar em minhas falas e diálogos, em minha transmissão oral!

O direito à palavra no decorrer da nossa história não era para todos, pois o domínio da linguagem significava, e significa até hoje, uma forma de poder. Dessa forma, durante séculos o direito à escrita literária foi somente dos grupos dominantes que concentravam em suas mãos a autonomia e o controle da sociedade, invisibilizando os grupos sociais marginalizados. (MACHADO, 2014, p. 244)

Neste sentido, minha autonarrativa, tem por propósito demonstrar a conexão dos elementos apresentados pelas docentes convidadas e os elementos por mim utilizados, como estratégias de construção identitária. Ratificando que em se tratando da pauta de EREER, tanto na relação professor-aluno, na escola, quanto na relação formador(gestor)-professor, quando nos identificamos docentes antirracistas usaremos os mesmos elementos a serem levados em consideração, as histórias de vida (vivências), a representatividade, a identidade, a potencialidade e a coletividade, como fio condutor de uma pedagogia das diferenças.

Me fascina pensar que ao usar o conceito de escrevivência enquanto metodologia de pesquisa, trago uma interpretação própria, e ainda assim complementar ao processo que Conceição Evaristo propôs na gênese de sua criação. Primeiro porque ela nem pensou em criar um conceito, estava apenas “brincando” com as palavras, durante a escrita de sua dissertação, num processo poético de jogar com as palavras escrever, viver, se ver. Porém ao pensar na escrevivência como um conceito pensou no significado de dar voz e vez as histórias de mulheres negras, que por si só já traziam consigo a resistência, a resiliência, o empoderamento.

Ao interpretar como um processo metodológico, projeto o conceito enquanto um caminho possível para levar o discurso pedagógico antirracista a um novo patamar, é prospectar que através das histórias narradas e transcritas das docentes convidadas, possamos entender o que nos impele e nos motiva para a luta mesmo quando o cenário não se mostra favorável.

Enxergar que ao buscar elementos que foram narrados em nossas escrevivências, estaremos buscando em nossas memórias de vida os caminhos para que a escola cumpra seu papel educador, consciente e crítico, e acima de tudo antirracista.

3.7. Do ato de escrever à pedagogia das diferenças

*Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.
Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo.
Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.
Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser.
Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros.
Porque a essência dos pássaros é o voo.
Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.
O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar.
Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros.
O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.
Rubem Alves, 2001, p.27*

A reflexão sobre a prática, por si só, é um ato altamente importante para o aprimoramento pedagógico. Quando se trata de práticas de educação antirracista torna-se ainda mais relevante, pois as práticas antirracistas dizem respeito a valorização do humano e efetivo exercício da diferença no cotidiano

da escola. São vidas que a escola transforma pelo acolhimento inclusivo. Cada professor e cada professora precisa dar-se conta disso e buscar formação adequada para o seu aperfeiçoamento.

Pérez Gómez (1992) estabelece três outros conceitos para tratar e descrever o conceito de reflexão: “o conhecimento-na-ação, a reflexão-na-ação e a reflexão-sobre-a-ação.”

O conhecimento-na-ação é o conhecimento técnico ou de solução de problemas que orienta a atividade humana e manifesta-se no saber fazer, ainda que este conhecimento, fruto da experiência e da reflexão passadas, se tenha consolidado em esquemas semiautomáticos ou em rotinas (p.104).

A reflexão-na-ação pode ser percebida quando o professor se esforça para se aproximar do aluno e entender seu próprio processo de conhecimento, ajudando-o a articular seu conhecimento-na-ação com o saber escolar. A reflexão-na-ação é um processo que incorpora representações múltiplas, tanto as relações que estabelecem maior proximidade com as experiências cotidianas, como as que implicam referências fixas, como o saber escolar.

Finalmente, a reflexão-sobre-a-ação é sobre a reflexão-na-ação, realiza-se posteriormente à ação. Na reflexão-sobre-a-ação, o profissional prático, liberto dos condicionamentos da situação prática, pode aplicar os instrumentos conceituais e as estratégias de análise da compreensão e da reconstrução da sua prática. (Perez Gomez,1992, p32). A reflexão-sobre-a-ação, segundo este autor, é a mais importante, pois é por intermédio dela que o professor vai analisar o conhecimento-na-ação e a reflexão-na-ação. É neste momento em que o professor vai articular a situação problemática, determinar as metas e a escolha dos meios, com suas teorias e convicções pessoais, dentro de um contexto. A aplicação do conceito de reflexão às situações de ensino originou o termo prática reflexiva.

Para Zeichner (1993) a ação reflexiva é definida como “[...] uma ação que implica uma consideração ativa, persistente e cuidadosa, daquilo em que se acredita ou que se pratica, à luz dos motivos que o justificam e das consequências a que produz”. (p18).

Dentro desta visão de ação reflexiva, vejo a justificativa de abordar cada entrevista, salientando os elementos que a compõe e já identificando, segundo a literatura, como estas pistas podem, ao compor um conjunto de elementos, potencializar as práticas curriculares na escola, constituindo uma pedagogia das

diferenças. Essa foi sem dúvida uma decisão importante para a construção da tese.

A experiência resultante da leitura destas escrituras foi incrível, são cinco docentes negras das minhas relações que se propuseram a serem entrevistadas, mas eu não tinha imaginado que as narrativas históricas de cada uma delas, enquanto histórias de vida, fossem, ao mesmo tempo, tão diferentes, mas com perspectivas tão semelhantes a ponto de convergirem para um mesmo lugar. Um lugar de superação e de potência.

A opção consciente de envolver as histórias de vida pessoal das entrevistadas, passa pelo potencial individual de cada uma, entendendo que mesmo com os percalços vividos, optaram por ser potência, optaram por permitir que suas memórias compartilhadas fossem exemplo, conforme o que Lélia Gonzales definiu como "... esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção"(2019.p240), fonte de inspiração para sua transformação, para a construção de uma educação antirracista, que bell hooks chama de "pedagogia engajada" e eu denomino de pedagogia das diferenças.

As docentes, trouxeram grandes contribuições para a produção desta escrita, ao ouvir e posteriormente, ler o que cada uma disse e escreveu, me dei conta que cada relato, desperta elementos que podem significar pistas para a construção de uma metodologia antirracista, no desenvolvimento da Educação das Relações étnico-raciais na escola.

A narrativa escrevente de Solange apontou para as vivências como elemento caracterizador do seu fazer antirracista. Já o relato da Valesca, trouxe muito forte a marca da potência, como característica escriturada. Eloisa mostrou ao longo da sua escritura que antes de qualquer coisa a representatividade, o exemplo, são elementos que desencadeiam processos antirracistas. Adriana traz como pista a identidade, que também poderia ser lido enquanto autorreconhecimento, percepção de si. E a Luciane traz dentre tantos elementos interessantes a coletividade como pista que destaco.

Assim dentre tantos elementos possíveis de serem identificados a partir da riqueza das escrituras apresentadas, selecionei os conceitos de: vivência, potencialidade, representatividade, identidade e coletividade, como pistas prováveis que as identificam enquanto docentes que desenvolvem uma educação antirracista e uma pedagogia das diferenças.

Mas como posso enxergar estes elementos e identificá-los dentro desta caracterização? Para responder a esta pergunta, me permito trazer meu próprio relato escreviente. A parte que descrevo, é a que apresento minha gestão na temática da Educação das Relações Étnico-raciais, dentro da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, pautada em estratégias de coletividade, parceria, escuta atenta, pertencimento e assim me constituo e me identifico também como uma educadora antirracista, produtora de pedagogia e de diferenças.

O conceito de pedagogia da diferença na literatura formal, é utilizado para tratar as questões de dificuldades de aprendizagem e o nível de entendimento cognitivo que cada estudante é capaz de desenvolver.

Um dos principais disseminadores deste conceito na literatura foi Philippe Perrenoud. Segundo este autor (2000, p. 9), diferenciar é “fazer com que cada aprendiz vivencie, tão frequentemente quanto possível, situações fecundas de aprendizagem”. Para ele, considerar as diferenças é encontrar situações de aprendizagem ótimas para cada estudante.

De certa forma o significado da abordagem de Perrenoud, em seus escritos, dialoga com o tema das relações étnico-raciais, no que diz respeito ao propósito do uso da diferença. Uma prática que leva em consideração as características individuais de cada um e não tenta tratar os diferentes como se fossem iguais, constrói uma abordagem de aprendizagem onde a igualdade se situa em outro campo, o dos direitos.

A diferença a qual me refiro e que quero tratar, diz respeito as questões identitárias do campo cultural e considera a autoatualização - possibilidade de ensinar ao aprender e aprender ao ensinar - do estudante, um fator emancipador, que lhe permita ser respeitado nas formas e momentos de expressar-se.

Neste contexto, faz sentido lembrar, quando a Secretaria de Educação do Município de Porto Alegre, introduziu os estudos de Gilles Deleuze e Felix Guattari e sua filosofia da diferença³⁵, nas formações de assessores pedagógicos, a ideia e a própria concepção filosófica eram realmente boas e poderiam fazer a diferença nas práticas docente e por consequência, propor a permanência e o engajamento dos estudantes. No entanto a resistência dos

³⁵ A filosofia da diferença tem como objeto a singularidade e a particularidade que habita cada pessoa. É uma corrente criada pelos filósofos franceses contemporâneos Gilles Deleuze e Felix Guattari, cuja atenção é voltada para a mudança de conceitos no indivíduo. Trata-se de uma teoria inspirada na teoria das forças de Friedrich Nietzsche (1844-1900).

docentes e da própria assessoria, foi um fator definitivo para a falência da iniciativa.

Dentro do contexto social, a diferença tem sido insistentemente esvaziada de sua potência e tornou-se uma fala comum. Alguns afirmam a diferença como sinônimo de diversidade; a mídia proclama a alegria do Brasil diverso; o estado realiza a institucionalização dessa discussão na direção da inclusão e da tolerância. A diferença tem que fazer a diferença.

Nenhuma diferença pretende ser inclusa ou tolerada; São vidas e reinvenções – sofrimentos, alegrias, densidades que apontam caminhos – e um outro jeito de se relacionar com as coisas, com as palavras, com as pessoas e dizer não. Não há nada de ser incluso, não há nada de ser tolerado porque o que aí está não serve. (ABRAMOWICZ e SILVÉRIO, 2005, p.8)

Minha interpretação desta teoria, ajudou a fortalecer a visão de que a diferença deve ser exercida e não apenas respeitada, pois são as diferentes culturas, linguagens, modos de ser e estar, que nos caracterizam enquanto identidade. Novamente me reafirmo nas palavras de Petronilha B. G. e Silva (1998, p.157) sobre a importância dos ensinamentos do movimento negro a cerca deste tema, “enegrecimento da sociedade, entre diferentes grupos étnico-raciais, no sentido de que uns deixem de sentir-se superiores a outros, porque são incapazes de deslocar o olhar de seu próprio mundo, a fim de compreender distintos modos de pensar, de ser, de viver.”

Entendo que esta diversidade cultural está no cerne de nossa experiência humana, de humanização como espécie. Ela é sinal de vitalidade, de respeito às diferenças, de espaço para os não-iguais, de generosidade, de humanismo, para todos. Vai na direção de romper com compreensões de homogeneidade, plantadas pelo colonizador que além do território acabou colonizando as mentes também.

É preciso insistir na diferença: na forma de ser, ver e viver o mundo, na organização da sociedade, na criação artística, nos mitos de origem, nas formas de desenvolvimento tecnológico, nos sistemas de valores e filosofias, na relação diferenciada com o ambiente, e a natureza. Esses movimentos nos projetam para a ampliação dos horizontes de nossa etnicidade.

Por meio do princípio da liberdade, os indivíduos são livres para construir suas identidades, fazer escolhas de suas pertinências sociais, políticas e culturais. Entretanto, nas sociedades multiculturais, como nos lembram alguns autores, esse princípio é garantido com rígida

separação entre a esfera pública e a privada. Dentro dessa lógica, imigrantes, negros, minorias étnicas e religiosas, homossexuais, enfim qualquer identidade particular pode exprimir-se como grupo culturalmente diferenciado, desde que o faça em sua vida privada. O espaço público fica, conforme a democracia clássica, protegido da invasão de identidades particulares. (GONÇALVES; SILVA,2003, p.117)

Acredito que a escola é o local onde é possível romper com esta forma estruturada de racismo, criando uma possível relação de diálogo entre as diferentes culturas, principalmente quando oferece caminhos para a reconstrução de identidades, através do reconhecimento da história e cultura do negro e sua valorização em ser negro descendente de africanos. Só uma pedagogia desenvolvida para enaltecer a diferença é capaz de garantir que a liberdade de construção de identidades dos indivíduos seja assegurada.

Este pensamento, está constituído de uma visão de mundo pautado pela multiplicidade e por processos criativos que possibilita a ruptura de padrões pré-estabelecidos. Constitui ainda a proposição de múltiplas culturas produtoras de múltiplos saberes e conhecimentos com orientações e composições variadas.

Este enredo é importante para que eu pudesse explicar como vejo a diferença neste contexto particular da educação antirracista. Para dar significado a forma como penso que as escrituras de docentes antirracistas podem influenciar novas práticas antirracistas, levando em consideração as diferentes autoras que transitam neste projeto, quando me provocam pensar uma prática metodológica, a partir de um novo fazer que leve em conta a exaltação das diferenças, a produção de singularidades, o rompimento com a existência de um centro. Todos os elementos que me levaram a combater o racismo estrutural e me levarão a vencer, através da educação.

Muitas são as pistas que me levam a considerar que escrituras didático-metodológicas de docentes antirracistas no trato das relações étnico-raciais, são capazes de produzir percursos para uma pedagogia das diferenças, principalmente quando o protagonismo destas histórias nasce de forma bastante semelhante com a minha, histórias de mulheres negras, professoras, provenientes de classes populares em sua maioria.

Uma destas pistas quem me dá é Silva (2005), quando afirma:

Ciente, pois de que visão de mundo não é uma moldura onde todos e tudo devem se encaixar, mas referência primordial, sempre avaliada e refeita para entender a vida, as pessoas, a sociedade, passei a buscar e valer-me de pensamentos de raiz africana, ao investigar processos

educativos e práticas sociais. Convencida de que as visões de mundo presentes na sociedade são instrumentos de investigação indispensáveis para compreender processos educativos, eu buscava aportes na ciência da educação – pedagogia – que permitissem não encaixar, mas ter em consideração os pensamentos e as ações historicamente construídos pelo meu povo de origem. (p.38)

A pedagogia das diferenças portanto, é agir e fazer diferente com os diferentes, organizar a ação pedagógica levando em consideração a visão de mundo, as histórias e culturas de classes e etnias notadamente marginalizadas, considerando as experiências dos estudantes, suas origens e pertencimentos como centro de sua própria educação. A consciência negra, para nós descendentes de escravizados, se constrói na tensão entre duas forças, a invenção do ser negro e a experiência de tornar-se negro. (SILVA, 2004, p.2)

Esta transformação, não se dá por si só tem que ser provocada, estimulada, construída e estes movimentos exigem muita sensibilidade, escuta e afeto. A afetividade está relacionada à motivação, engajamento, autoestima e autoconfiança dos estudantes. Docentes antirracistas, tendem a ser mais afetuosos e atentos às necessidades emocionais de seus estudantes, criam um ambiente propício para desconstrução de conceitos pré-estabelecidos acerca da construção social da pessoa negra e da falsa superioridade da branquitude. Além disso, a afetividade também está presente nas relações interpessoais, promovendo a cooperação, empatia e respeito mútuo.

O desafio da tese agora é pensar nestes elementos como pedagogia a ser aplicada, por qualquer docente que consciente de seu papel de educador e formador, deseje ser um docente antirracista. Sim porque até aqui, os elementos transcritos visibilizam corpos, mentes e alma de mulheres negras, a dúvida é se estes mesmos elementos podem ser utilizados por todo e qualquer docente, homens negros, homens e mulheres brancas. É possível?

Conceição Evaristo(2020) sabiamente diz que, as nossas escrevivências não podem ser lida como história de ninar os da casa-grande e sim para incomodá-los em seus sonos Injustos(p30), neste sentido eu digo que o protagonismo, o lugar de fala é do negro, no entanto ao sentir-se incomodados, os docentes brancos e brancas devem reconhecer o seu lugar de privilégio e juntar-se as causas negra, coadjuntivando-se em uma justa provocação, onde estudantes negros e negras, sejam potencializados e se encorajem a protagonizarem suas próprias histórias, bem como estudantes brancos e

brancas, descortinem a máscara da falsa superioridade racial, reconheçam o lugar histórico de privilégio da branquitude (BENTO,2022) buscando compor coletivos de luta contra toda e qualquer forma de racismo, intolerância e preconceito.

Ou seja, não é possível aos docentes homens e brancos, vestirem a pele ou passarem pelas mesmas dores e medos, experiências e perspectivas de mulheres negras, mas a eles é permitido, usarem a empatia³⁶, exercitar a alteridade³⁷ e aplicarem a afetividade, no desenvolvimento da representatividade, da identidade, da potencialidade e da coletividade, dando vez as histórias de vida de nos educandos.

³⁶ Ser empático é se identificar com outra pessoa ou com a situação vivida por ela. É saber ouvir os outros e se esforçar para compreender os seus problemas, suas dificuldades e as suas emoções.

³⁷ Capacidade de perceber, reconhecer e compreender os outros, suas diferenças e suas culturas, bem como as diferenças entre elas. É uma forma de aceitar e respeitar a diversidade humana.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceição Evaristo diz criar histórias que se fundem à sua própria história e que, ao registrar essas histórias, continua “no premeditado ato de traçar uma escrevivência”. O meu trabalho tem o propósito de fazer com que as pessoas mergulhem ainda mais na Escrevivência de Conceição Evaristo.

Goya Lopes³⁸

Comecei escrevendo esta tese por meio do uso da primeira pessoa do singular, incorporei a literatura, poesia, histórias de vida pessoais, profissionais, lembranças e tantas outras coisas que fogem do convencional academicismo científico. Foi algo emocionante e maravilhosamente empolgante, como pesquisadora aprendente, sei que esta pesquisa ainda permite enxergar mais longe, catalogando cada vez mais elementos passíveis de compor este mosaico de palavras significantes que descrevem à docência que se vê antirracista, mas desde já me sinto bastante satisfeita com o que vislumbrei das docentes colaboradora e de mim mesma.

Responder esta questão, *Como docentes negras, cientes dos efeitos do racismo estrutural e da branquitude, dão-se conta, que suas escrevivências lhes levam a produzir uma educação antirracista e que, a partir disso suas práticas didático-metodológicas, são capazes de traçar outros percursos pedagógicos no trato das relações étnico-raciais?* A partir do entendimento e da leitura apurada das “entrelinhas” nas escrevivências das docentes negras e antirracista, foi interessante, surpreendente, mas não diria fácil, pois a cada linha transcrita da fala das mesmas, transbordava, latente as respostas possíveis para a questão, no entanto, eu não queria e não quero (trans)formar apenas as docentes negras³⁹, eu quero (trans)formar toda a escola, todos docentes, independente de gênero ou raça, pois é papel de todos na escola tratar da transformação social e não só tarefa de alguns interessados, não é interesse é obrigação.

³⁸ Goya Lopes Interventora artística do livro “Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo”.

³⁹ Talvez ao afirmar isto eu possa estar indo contra a concepção original da escrevivência de Conceição Evaristo. Mas desde o princípio minha intenção foi adaptar o conceito e não o reproduzir.

Por isto, eu ao me deparar com esta problemática, fui conversar com minha mãe e perguntei a ela: “Mãe, como eu faço para que as pessoas que não são iguais a mim, possam compreender e reproduzir este jeito de trabalhar a temática da negritude, de forma que faça a diferença?” Ela me olhou por alguns minutos pensativa e depois me respondeu bem direta como é seu perfil: “Não dá! Isto é um dom que Deus te deu só tu, faz do jeito que tu fazes. Tu quando fala destes temas, tu hipnotizas as pessoas que estão te ouvido. Isto é dom!” Disse categórica e saiu. Eu fiquei ali perplexa, sem dizer nada. Ela me olhou de longe e seguiu. Eu fiquei ali pensando, pronto acabou, em meia dúzia de palavras, em alguns minutos, minha mãe tinha acabado com uma estratégia de pensamento que vinha sendo construída a anos. Era o Fim! Mas depois destes minutos de desespero, me convenci que talvez ela não tivesse entendido o que eu tinha perguntado. É talvez fosse isto!!!!

No dia seguinte, encontrei com ela novamente e ela me esticou um pedaço de papel rabiscado (ela adora escrever em qualquer papel que vê pela frente, não importa se um guardanapo de papel ou uma folha de ofício). Pequei aquele papel e antes mesmo de eu ler ela me disse: “Lê e vê se faz sentido para ti. Faz melhor lê e traduz do teu jeito, porque eu escrevo de forma tosca mesmo...” Eu acho que entendi o que ela quis dizer e por isto escrevi sobre a metodologia do afeto, sobre empatia, sobre alteridade ... Mas já que é uma tese totalmente fora dos padrões convencionais da academia, e se trata de abordar as escrevivências de mulheres negras, decidi que quero fechar estas considerações transcrevendo exatamente as palavras que estão no pedacinho de papel que minha mãe me deu, um mulher negra de 74 anos de idade, que não é docente, mas é a minha educadora antirracista e mais deixo para você leitor a mesma pergunta que ela me fez: Lê e vê se faz sentido para ti....

“Como ensinar uma pessoa que nasceu pobre a ser rica ou uma pessoa a ser feliz com o que tem, se nunca ninguém lhe ensinou a ouvir um não ou uma muito obrigada ou a pedir benção aos familiares mais velhos? Educação não se busca na escola ou faculdade. Fé não se aprende sem que se traga este ensino daqueles que, mesmo sendo mais pobres do que nós, tem algo para nos dar porque vieram antes, tem mais experiência. Não sei se sei dar receita, mas vamos tentar. Cada um com o seu jeito ou do seu modo, vai fazer um bolo bem grande do tamanho do seu próprio amor usando a mesma receita e se olhar após ele ficar pronto, para ver como ficou seu bolo em relação ao bolo dos demais,

vai ver que os bolos não ficaram iguais, pois cada um tem a sua força, sua coragem, seu amor, seu ódio, suas mágoas, dentro do coração. Quando usarmos esta receita vamos colocar uma pitada de alegria, um pedacinho de fé, de amor acreditando na sua potência, vai bater no peito e admirar o seu próprio bolo, olhando para dentro de si mesmo, ver que independentemente da sua cor, ou de qualquer coisa, você é um ser e é humano. Faz sentido para você?”

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete e SILVÉRIO, Valter Roberto. **Afirmando diferenças:** Montando o quebra-cabeças da diversidade na escola. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- ALMEIDA, Sílvio de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALVES, Ruben. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** Campinas, SP, Papirus, 2001
- CIDA, Bento. **O Pacto da branquitude.** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022
- _____. **Para uma educação romântica.** São Paulo: Papirus, 2008
- BRASIL. **Parecer CNE/CP 3/2004**, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília, 2004.
- CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil.** 2014. 209 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/115710>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- CHAMPAGNAT, Pauline. **Conceição Evaristo:** a contadora de histórias. Letras de hoje. Porto Alegre. V.56.N.2. P292-302, maio-ago,2021
- CRENSHAW, Kimberlé W. (2002). “Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero”. **Estudos Feministas**, ano 10, nº 1/2002, pp. 171-188.
- CRUZ, Rosângela A. C. Gênero e educação nas escrituras de Conceição Evaristo: um olhar sobre Ponciá Vicêncio e Becos da Memória. Em: **Anais do V Simpósio Internacional em Educação Sexual.** Acessado em fevereiro/2022, de <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3142.pdf>.
- DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Felix. **Mil platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34.1998.
- EVARISTO, Conceição. A escrituragem e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (orgs) **Escrituragem: a escrita**

de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1.ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo:** ‘Falar sobre preconceito racial no Brasil é derrubar o mito de democracia racial’. Entrevista concedida a Fernanda Canofre para o Sul 21/05/2018. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimasnoticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-mito-de-democracia-racial/>.

_____. Conceição. “Gênero e etnia: uma escre(vivência) contemporânea”. **Idéia.** Nadilza Moreira e Liane Schneider, orgs. Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa, .2005.

_____. **Becos da Memória.** Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. **Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra.** Nexo jornal. Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima. 26 de maio de 2017. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

_____. **Histórias de leves enganos e parecenças.** Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres.** 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Olhos d’água.** Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2015.

_____. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In : ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras:** teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21

_____. **Histórias de leves enganos e parecenças.** Rio de Janeiro: Malê, 2016.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **O jogo das diferenças:** o multiculturalismo e seus contextos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 112 p. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

- _____, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas** Educação e Pesquisa, vol. 29, núm. 1, ene.-jun., Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2003, pp. 109-123
- GONZÁLEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. **Comunicação apresentada no VIII Encontro Nacional da Latin American Studies Association**. Pittsburgh, Pensilvânia, USA, 5-7 abril, 1979, p.19;
- _____, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social”, publicado no **Jornal Raça e Classe** em 1988.
- _____, Lélia - **Primavera para as Rosas Negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.
- hooks, bell. De coração para coração: ensinando com amor. Heart to heart: teaching with love. In: _____. **Teaching community: a pedagogy of hope**. New York: Routledge, 2003, p. 127- 137. Tradução para uso didático de Vinícius da Silva. https://oquartodehooks.wordpress.com/2019/02/10/de-coracao-para-coracao-ensinando-comamor/amp/?__twitter_impression=true. Acesso em 10 de fevereiro.
- _____, bell. **Ensinar a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. Martins Fontes. São Paulo, 2013.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. - São Paulo: Ática, 2014.
- LOPES, Goya. Ilustradora do livro **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.**
- MACHADO, Bárbara Araújo. “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. História Oral, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014
- MACHADO, Vanda. Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias. **VI Enecult, encontro de estudos multidisciplinares em culturas**. Facom-UFBA – Salvador / Bahia / Brasil. 25 a 27 de maio de 2010.
- MEINERZ, C. B., & da SILVEIRA, M. B. (2023). Vera Triumpho: intersecções entre produções escritas, espiritualidade afrocatólica e educação antirracista nos anos 1980 e 1990. Revista Mosaico - Revista De História, 16(1), 82–94. <https://doi.org/10.18224/mos.v16i1.12350>

- MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. **Sociedade e Cultura**, v. 4, n. 2, p. 31-43, 2001. <https://doi.org/10.5216/sec.v4i2.515>
- PASSEGGI, Maria da Conceição; EGGERT, Edla. Escritas de si, literatura e cinema: diálogos (auto)biográficos. **Revista Brasileira de Pesquisa AutoBiográfica**, Salvador, v. 01, n. 02, p. 194-197, maio/ago. 2016.
- PEREZ GOMEZ, A. I. **La función y formación Del profesor em laenseñanza para la comprensión**. Madrid: Morata, 1992.
- PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- RÉGIS, Kátia; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; MIRANDA, Shirley Aparecida de (Org). **Educação das relações étnico-raciais [recurso eletrônico]: o estado da arte**. – Curitiba: NEAB-UFPR e ABPN, 2018.
- RIBEIRO, Matilde. Tornar-se negra: Construção de identidade de gênero e raça. In **Revista Presença de Mulher**, nº 28, 1995.
- RODRIGUES, Nathália de Meneses. **Narrativas e geografias de mulheres negras: a escrevivência de Conceição Evaristo**. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2020.
- ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no Educando Negro. In CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e Antirracismo na Educação: Repensando nossa escola**. Selo Negro, São Paulo, 2001.
- SILVA, Jailson de Souza; BARBOSA, Jorge Luiz; SOUZA, Ana Inês (Org.). **Desigualdade e diferença na universidade: gênero, etnia e grupos sociais populares**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pró-reitoria de Extensão, 2006. (Coleção Grandes Temas do Conexão de Saberes).
- SILVA, Petronilha B. G. Vamos acertar os passos? In: LIMA, Ivan Costa e ROMÃO, Jeruse (org). **As Ideias racistas, os negros e a educação**. Florianópolis: V.1, 1997 (série O Pensamento Negro em Educação)
- _____. Projetos educacionais: Prioridade dos brasileiros descendentes de africanos. In: SILVA, Antonio Aparecido da. **Uma dívida, muitas dívidas: Os afro-brasileiros querem receber**. São Paulo: Atabaque – Cultura Negra e Teologia. 1998, P.153-158

- _____. **Educação, consciência e ações afirmativas.** Palestra proferida em novembro, quando foi distinguida com o título “Personalidade Fala Negão”, pelo grupo do movimento negro paulistano “Fala Negão” da Zona Leste. São Carlos: UFscar, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, 2004.
- _____. Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania. In: ABRAMOWICZ, Anete e SILVÉRIO, Valter Roberto. **Afirmando diferenças:** Montando o quebra-cabeças da diversidade na escola. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- _____. **Entre Brasil e África:** construindo conhecimento e militância. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- SUCUPIRA.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10659538
- TRIUMPHO, Vera Regina. A criança negra e a cultura afro-brasileira no Rio Grande do Sul. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Cultura em movimento:** Matrizes africana e ativismo negro no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2014.
- _____(Org). Rio Grande do Sul aspectos da negritude. Porto Alegre: Martin Livreiro - Editor, 1991.
- WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-129020162610>
- ZEICHNER, K. **A formação reflexiva de professores:** Ideias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.

APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, **Adriana Conceição Santos dos Santos** e minha orientadora Professora Dr^a Edla Eggert, responsáveis pelo Projeto de Tese intitulado **AS ESCRIVÊNCIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS NO TRATO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: Percursos para uma pedagogia da diferença**, estamos lhe fazendo um convite para participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar escrituras de docentes antirracistas perante a capacidade dessas narrativas inspirarem práticas didático-metodológicas de percursos pedagógicos no trato das relações étnico-raciais.

Acreditamos que essa pesquisa seja importante porque dará visibilidade acadêmica às narrativas de docentes antirracistas que remetam a práticas diferenciadoras com processos pedagógicos no trato consciente das relações étnico-raciais.

Para a realização dessa pesquisa utilizaremos a metodologia autobiográfica, por meio da experiência narrativa apresentada por Conceição Evaristo conceituada por “escritura”.

Sua participação se dará a partir da anuência em ter sua produção acadêmica analisada, bem como a possível participação em questionário enviado por e-mail/entrevista ou roda de conversa, se possuir disponibilidade para tanto.

Com este estudo esperamos oferecer à sociedade como um todo e à comunidade científica, maior visibilidade e análise da produção didático-pedagógica antirracista.

Durante todo o período da pesquisa terá o direito de esclarecer qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com as responsáveis da pesquisa através dos meios disponibilizados ao final deste documento.

Também terá garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão.

Esta pesquisa tem a peculiaridade de analisar aspectos autobiográficos de produções científicas publicadas e possui o objetivo de dar visibilidade à produção acadêmica das pesquisadas, de modo que esse propósito exclui o aspecto da confidencialidade, portanto, necessitamos da sua autorização para tanto.

Caso tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante da pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinares este termo de consentimento, não estarás abrindo mão de nenhum direito legal que teria de outra forma.

Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas.

Se concordares em participar deste estudo, rubricarás todas as páginas e assinarás com data, as duas vias originais deste termo de consentimento. Receberás uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelas responsáveis pelo estudo.

Eu, _____ após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com as pesquisadoras responsáveis, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informada, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetida e que poderei pedir esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura da participante da pesquisa,
autorizando o uso do nome e imagem.

Adriana Conceição Santos dos Santos
Responsável pela pesquisa
ADRIANA.SANTOS70@edu.pucrs.br
(51) 99975-0241

Profª Drª Edla Eggert
Responsável pela pesquisa
edla.eggert@pucrs.br
(51)998060771

ANEXO – PARECER CONSUBSTANCIADO DA PLATAFORMA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS ESCRIVÊNCIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS NO TRATO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: Percursos para uma Pedagogia da diferença

Pesquisador: Edla Eggert

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 70830423.4.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.336.367

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2156412.pdf, de 22/06/2023) e/ou do Projeto Detalhado (arquivo.pdf, de 14/06/2023).

Esse projeto de tese trata acerca das questões que permeiam a dimensão didático-metodológica da educação das relações étnico-raciais por meio da de escritvências sobre práticas de docentes antirracistas em sua luta constante e diária contra o racismo e a discriminação racial no Brasil, na rede pública da educação básica em Porto Alegre. A metodologia de pesquisa envolverá uma entrevista que convidará as participantes a contarem

suas estratégias didático-metodológicas para uma educação antirracista, e depois de transcritas, produzirem suas escritvências constituidoras da docência antirracista. Se utilizará da escritvência como ferramenta teórico-metodológica, que propiciará a auto escuta de experiências didático-metodológicas que, uma vez narradas possibilitarão ser analisadas com as docentes vislumbrando reposicionamentos conceituais diante de uma sociedade embranquecida e carregada de preconceito de gênero, raça e classe.

O critério é entrevistar docentes negras cientes dos efeitos do racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) e da branquitude (CARDOSO, 2014), que dãose conta da ausência ou incompletude de uma educação antirracista, nas práticas didático-metodológicas e se movimentam para que as

Endereço: Av. Ipiranga, nº 6681, Prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

Continuação do Parecer: 6.336.367

suas práticas sejam reflexos de suas crenças. Após a entrevista a escrita entrará em cena, pois trata-se da escrita de si, de ter suas marcas em seus

feitos, de modo a gravar um lugar, tornar-se visível e pertencente, individual e coletivamente. A escrevivência será produzida desde a escrevivência do meu cotidiano narrado, e se desenrolará nos fios de experiências múltiplas que, ao mesmo

tempo, irá encontrar nas escrevivências das docentes antirracistas que serão convidadas para narrar suas experiências didático-metodológicas, nas escolas públicas por onde ensinam. Será contatado o coletivo de Educação Antirracista de docentes das redes públicas municipal e estadual do RS que foi criado em 29 de maio de 2020, durante a pandemia da COVID-19. A ideia desse coletivo é garantir conexão, didático pedagógica para retroalimentar ações em sala de aula, através de trocas de relatos, experiências e materiais, envolvendo o tema da negritude e as práticas docentes de cada um. Iniciou a partir de um grupo de WhatsApp, formado por cinco docentes, hoje já conta com mais de 100 integrantes empenhados em combater o racismo pela educação. A busca será de contatar as precursoras, motivadoras dessa comunidade que trará para o texto acadêmico a leveza que a poesia da contação escreviente das histórias vividas. E também proporcionará um exercício reflexivo sobre as ações que deverão aparecer narradas pelas(os) docentes nos seus diferentes percursos pedagógicos na escola. Minha estratégia será de convidar para entrevistar 05 docentes desse coletivo antirracista, cujo critério seja de que tenham conhecimento do conceito de escrevivência, façam parte de coletivos antirracistas em suas escolas, e possuam pelo menos 5 anos ou mais de experiência pedagógica em sala de aula. Configuram etapas do processo: primeira etapa apresentação da

pesquisa ao grupo explicando a pergunta, objetivos e todos os passos da produção da escrevivência e processo de análise; para então fazer a chamada de seleção para a pesquisa; na segunda etapa será a entrevista com cada uma delas de modo a solicitar que relatem suas histórias e experiências enquanto docentes antirracistas. Essa narrativa será gravada e, na sequência (terceira etapa) farei a transcrição por meio da ferramenta

https://docs.google.com/document/d/1YdIQ4D_tspRnofB8Ve7kaFn9rBmDbYa83E_9vN1g0Z0/edit; a etapa seguinte (quarta) após a transcrição da fala sobre essas experiências, o texto será entregue a elas na forma bruta para que seja produzida a escrevivência de cada uma delas por elas mesmas. E com esse material em mãos, junto com a minha escrevivência, produzirei a quinta etapa: um encontro coletivo para que possamos elencar, juntas, os destaques que indicarão os eixos-guia para a análise dessas experiências escrevientes. A sexta etapa, configura a análise em

Endereço: Av. Ipiranga, nº 6681, Prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

Continuação do Parecer: 6.336.367

relação a todas as escritas, em que buscarei realizar o entrecruzamento da minha escrevivência com as das entrevistadas. A última etapa (sétima) consistirá em um seminário para discutir no Grupo de Pesquisa Educação, Gênero e Trabalho Artesanal, GREGTA, liderado pelas professoras Edla Eggert (PUCRS) e Aline Lemos da Cunha Della Libera (UFRGS), as repercussões e as impressões da experiência vivenciada pela metodologia proposta das escrevivências. O seminário também, objetiva discutir a possibilidade da proposição de uma pedagogia da diferença que emerge das práticas didático-metodológicas de docentes antirracistas. Esse encontro será gravado como base de material de análise. A hipótese é que ao serem entrevistadas as cinco docentes da educação básica de escolas municipais de Porto Alegre, para contarem como trabalham na dimensão antirracista e, em seguida, receberem seu depoimento transcrito para que elas possam sistematizar essa narrativa em uma escrevivência, conceito da autora das questões étnico-raciais, Conceição Evaristo, estarão compondo argumentos metodológicos na didática antirracista. A questão de pesquisa está assim estruturada: Como docentes negras, cientes dos efeitos do racismo estrutural e da branquitude, dão-se conta da presença, ausência ou incompletude de uma educação antirracista, em suas práticas didático-metodológicas por meio de suas escrevivências?

Objetivo Geral: Analisar narrativas sobre práticas didático-metodológicas de docentes antirracistas por meio das suas escrevivências no tratamento da Educação das Relações Étnico-raciais. Produzir relatos didático-metodológicos de suas práticas antirracistas, por meio de escrevivências. Identificar os indicadores didático-metodológicos na produção de práticas docentes antirracistas. O critério é entrevistar docentes negras cientes dos efeitos do racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) e da branquitude (CARDOSO, 2014), que dão se conta da ausência ou incompletude de uma educação antirracista, nas práticas didático-metodológicas e se movimentam para que as suas práticas sejam reflexos de suas crenças. Após a entrevista a escrita entrará em cena, pois trata-se da escrita de si, de ter suas marcas em seus feitos, de modo a gravar um lugar, tornar-se visível e pertencente, individual e coletivamente. A escrevivência será produzida desde a escrevivência do meu cotidiano narrado, e se desenrolará nos fios de experiências múltiplas que, ao mesmo tempo, irá encontrar nas escrevivências das docentes antirracistas que serão convidadas para narrar suas experiências didático-metodológicas, nas escolas públicas por onde ensinam. Será contatado o coletivo de Educação Antirracista de docentes das redes públicas municipal e estadual do RS que foi criado em 29 de maio de 2020, durante a pandemia da COVID-19. A ideia desse coletivo é garantir conexão,

Endereço: Av. Ipiranga, n° 6681, Prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@puhrs.br

Continuação do Parecer: 6.336.367

didático-pedagógica para retroalimentar ações em sala de aula, através de trocas de relatos, experiências e materiais, envolvendo o tema da negritude e as práticas docentes de cada um. Iniciou a partir de um grupo de WhatsApp⁶, formado por cinco docentes, hoje já conta com mais de 100 integrantes empenhados em combater o racismo pela educação. A busca será de contatar as precursoras, motivadoras dessa comunidade que trará para o texto acadêmico a leveza que a poesia da contação escrivente das histórias vividas. E também proporcionará um exercício reflexivo sobre as ações que deverão aparecer narradas pelas(os) docentes nos seus diferentes percursos pedagógicos na escola. Minha estratégia será de convidar para entrevistar 05 docentes desse coletivo antirracista, cujo critério seja de que tenham conhecimento do conceito de escrivência, façam parte de coletivos antirracistas em suas escolas, e possuam pelo menos 5 anos ou mais de experiência pedagógica em sala de aula. Configuram etapas do processo: primeira etapa apresentação da pesquisa ao grupo explicando a pergunta, objetivos e todos os passos da produção da escrivência e processo de análise; para então fazer a chamada de seleção para a pesquisa; na segunda etapa será a entrevista com cada uma delas de modo a solicitar que relatem suas histórias e experiências enquanto docentes antirracistas. Essa narrativa será gravada e, na sequência (terceira etapa) farei a transcrição por meio da ferramenta https://docs.google.com/document/d/1YdIQ4D_tspRnofB8Ve7kaFn9rBmDbYa83E_9vN1g0Z0/edit; a etapa seguinte (quarta) após a transcrição da fala sobre essas experiências, o texto será entregue a elas na forma bruta para que seja produzida a escrivência de cada uma delas por elas mesmas. E com esse material em mãos, junto com a minha escrivência, produzirei a quinta etapa: um encontro coletivo para que possamos elencar, juntas, os destaques que indicarão os eixos-guia para a análise dessas experiências escriventes. A sexta etapa, configura a análise em relação a todas as escritas, em que buscarei realizar o entrecruzamento da minha escrivência com as das entrevistadas. A última etapa (sétima) consistirá em um seminário para discutir no Grupo de Pesquisa Educação, Gênero e Trabalho Artesanal, GREGTA, liderado pelas professoras Edla Eggert (PUCRS) e Aline Lemos da Cunha Della Libera (UFRGS), as repercussões e as impressões da experiência vivenciada pela metodologia proposta das escrivências. O seminário também, objetiva discutir a possibilidade da proposição de uma pedagogia da diferença que emerge das práticas didático-metodológicas de docentes antirracistas. Esse encontro será gravado como base

Endereço: Av. Ipiranga, nº 6681, Prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@puhrs.br

Continuação do Parecer: 6.336.367

de material de análise.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário:

A questão de pesquisa está assim estruturada: Como docentes negras, cientes dos efeitos do racismo estrutural e da branquitude, dão-se conta da presença, ausência ou incompletude de uma educação antirracista, em suas práticas didático-metodológicas por meio de suas escrituras?

Objetivo Geral: Analisar narrativas sobre práticas didático-metodológicas de docentes antirracistas por meio das suas escrituras no tratamento da Educação das Relações Étnico-raciais.

Objetivo secundário:

Produzir relatos didático-metodológicos de suas práticas antirracistas, por meio de escrituras. Identificar com as docentes participantes, indicadores didático-metodológicos na produção de práticas docentes antirracistas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Ao descreverem sobre como enfrentam metodologicamente estratégias antirracistas, e é possível que relembrem de fatos doloridos e rememorar as dores e medos que o racismo produz, pode causar desconforto.

Benefícios:

Esperamos oferecer à área da Educação, à comunidade científica e à sociedade como um todo, maior visibilidade e análise da escritura docente antirracista como prática pedagógica no meio acadêmico, bem como contribuir para uma educação antirracista e antidiscriminatória, por meio desses escritos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente projeto trata acerca das questões que permeiam a dimensão didático-metodológica da educação das relações étnico-raciais por meio de escrituras sobre práticas de docentes antirracistas em sua luta constante e diária contra o racismo e a discriminação racial no Brasil, na rede pública da educação básica em Porto Alegre. A metodologia de pesquisa envolverá uma entrevista que convidará as participantes a contarem suas estratégias didático-metodológicas para uma educação antirracista, e, depois de transcritas, produzirem suas escrituras constituidoras da docência antirracista. A escritura será empregada como ferramenta teórico-metodológica,

Endereço: Av. Ipiranga, nº 6681, Prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

Continuação do Parecer: 6.336.367

que propiciará a autoescuta de experiências didaticometodológicas que, uma vez narradas, possibilitarão ser analisadas com as docentes vislumbrando reposicionamentos conceituais diante de uma sociedade embranquecida e carregada de preconceito de gênero, raça e classe.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-PUCRS, de acordo com suas atribuições definidas na Resolução CNS n° 466 de 2012, Resolução 510 de 2016 e da Norma Operacional n° 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa "AS ESCREVIVÊNCIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS NO TRATO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: Percursos para uma Pedagogia da diferença" proposto pela pesquisadora Edla Eggert com número de CAAE 70830423.4.0000.5336.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2156412.pdf	20/09/2023 21:16:37		Aceito
Outros	Carta_resposta_pendencias_2023b_assinado.pdf	20/09/2023 21:12:35	ADRIANA CONCEICAO SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	20/09/2023 21:09:53	ADRIANA CONCEICAO SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Outros	Carta_resposta_pendencias_2023_assinado.pdf	18/08/2023 15:31:10	Edla Eggert	Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia_Grupo_whats.pdf	18/07/2023 19:13:11	ADRIANA CONCEICAO SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Outros	TERMO_ANUENCIA.pdf	22/06/2023 15:43:10	ADRIANA CONCEICAO SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Outros	CARTA_APRESENTACAO.pdf	22/06/2023 13:50:08	ADRIANA CONCEICAO	Aceito

Endereço: Av. Ipiranga, n° 6681, Prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 6.336.367

Outros	CARTA_APRESENTACAO.pdf	22/06/2023 13:50:08	SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Outros	LINKS_LATTES.pdf	14/06/2023 13:49:19	ADRIANA CONCEICAO SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Outros	DOC_UNIFIC_PROJETO_SIPESQ.pdf	14/06/2023 12:44:34	ADRIANA CONCEICAO SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Outros	CARTA_APROV_SIPESQ.pdf	14/06/2023 12:43:57	ADRIANA CONCEICAO SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BROCHURA_PROJETO_DETALHADO. pdf	14/06/2023 12:22:20	ADRIANA CONCEICAO SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Outros	TCUD.pdf	14/06/2023 12:12:57	ADRIANA CONCEICAO SANTOS DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/06/2023 12:01:35	ADRIANA CONCEICAO SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Brochura Pesquisa	BROCHURA_PROJETO_RESUMIDO.p df	14/06/2023 12:00:57	ADRIANA CONCEICAO SANTOS DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinado.pdf	05/06/2023 22:06:39	Edla Eggert	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 30 de Setembro de 2023

**Assinado por:
Karen Cherubini
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Ipiranga, n° 6681, Prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 6.336.367

Endereço: Av. Ipiranga, nº 6681, Prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon **CEP:** 90.619-900
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 **Fax:** (51)3320-3345 **E-mail:** cep@pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br